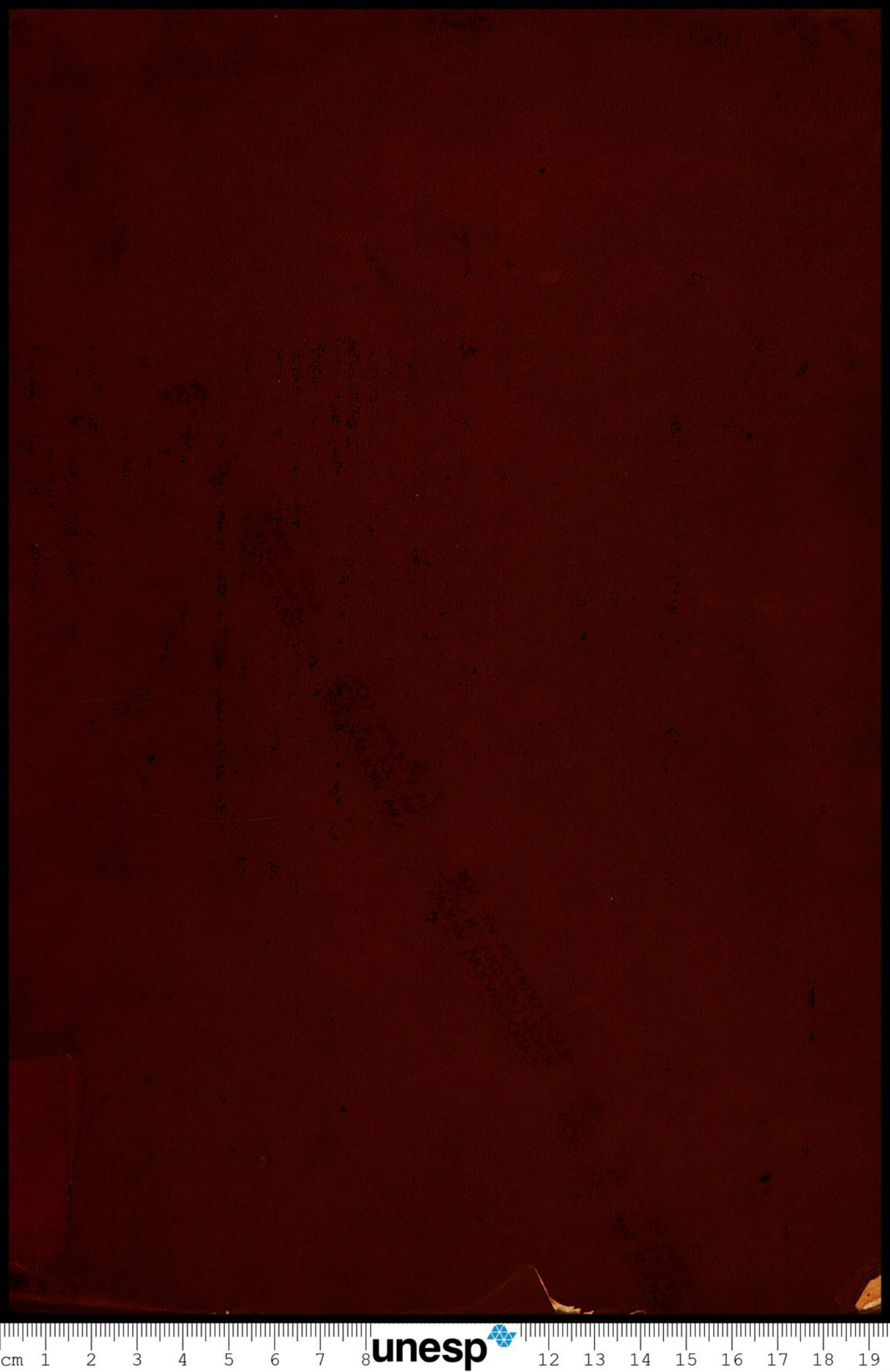


Gramelo

ANGELO SOTTOVIA ARANHA

A FUNÇÃO DO JORNALISMO COMUNITÁRIO HOJE

BAURU
1998

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO
PROJETO, ARTE E SOCIEDADE

A FUNÇÃO DO JORNALISMO COMUNITÁRIO HOJE

Dissertação de Mestrado apresentada por **ANGELO SOTTOVIA ARANHA** no Curso de Pós-Graduação **Projeto, Arte e Sociedade,** Área de Concentração: **Comunicação e Poéticas Visuais,** da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Bauru / SP, sob a orientação do Profº Dr. Antonio Carlos de Jesus

BAURU
1998

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO
PROJETO, ARTE E SOCIEDADE

BIBLIOTECA - UNESP - CAMPUS BAURU

"A FUNÇÃO DO JORNALISMO COMUNITÁRIO HOJE"

Dissertação de Mestrado apresentada por **Angelo Sottovia Aranha** no Curso de Pós-Graduação **Projeto, Arte e Sociedade,** Área de Concentração: **Comunicação e Poéticas Visuais,** da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Bauru / SP, a Banca Examinadora formada por:

Bauru, fevereiro de 1998.

Profº Dr. ERON BRUM
Examinador

Profº Dr. ADENIL ALFEU DOMINGOS
Examinador

Profº Dr. ANTONIO CARLOS DE JESUS
Orientador
Presidente da Banca Examinadora

N.º 742
BIBLIOTECA - UNESP

SUMÁRIO

RESUMO 05
ABSTRACT 06
LISTA DE ILUSTRAÇÕES 07

INTRODUÇÃO 09

CAPÍTULO - I - A FUNÇÃO DO JORNALISMO COMUNITÁRIO 16
1. O Jornalismo Impresso nos Pequenos Centros 18
1.1. Aspectos Históricos: Formatos e Conteúdos 21
2. Jornalismo Alternativo 23
2.1. Aspectos Históricos: Formatos e Conteúdos 32
3. Jornalismo Comunitário 33
3.1. Aspectos Históricos: Formatos e Conteúdos 42

CAPÍTULO-II-VOTUPORANGA:CONTEXTO DA EXPERIMENTAÇÃO 44
1. Aspectos Históricos 45
2. Evolução do Jornalismo Impresso 53
2.3. Jornal "**Diário de Votuporanga**" 55
2.4. Jornal "**A Cidade**" 60

CAPÍTULO - III - PELOS CAMINHOS DA ORIENTAÇÃO:
O MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO 65
CAPÍTULO - IV - JORNAL COMUNITÁRIO: A EXPERIÊNCIA 74
1. Relato da **1ª Edição** 117
2. Relato da **2ª Edição** 137
3. Relato da **3ª Edição** 162
4. Relato da **4ª Edição** 176
CONCLUSÃO 182
BIBLIOGRAFIA 188

ANEXOS 193

RESUMO

Uma comunidade onde o indivíduo possa exercer sua representatividade e ter preservada sua personalidade. Um segmento da sociedade onde haja cooperação entre seus membros, caracterizado pelo sentimento dos participantes de constituirem um todo. Uma parcela da população onde a individualidade, em função da consciência da reciprocidade, concorra para a construção da comunidade. Pode, o jornalismo comunitário, ser um instrumento na construção dessa comunidade?

Sob um regime de economia de mercado pautado pela competitividade, pelo anonimato e por ações isoladas, representou um desafio a hipótese da dissertação: a prática do jornalismo comunitário pode levar o homem contemporâneo a transgredir sua percepção, no que diz respeito à vida em sociedade.

A fundamentação teórica enfoca o jornalismo impresso nos pequenos centros, o jornalismo alternativo e o jornalismo comunitário, este a partir da conceituação de comunidade como forma de organização que reúne as pessoas e resgata a sociabilidade perdida.

A contextualização do universo da pesquisa está centrada na Vila América - em Votuporanga, Estado de São Paulo - e analisada sob a ótica da pesquisa-ação.

A produção do "Jornal Comunitário" é relatada através de quatro experiências, onde se observa os impactos da presença de um meio de comunicação comunitário.

unesp

ABSTRACT

A community where the individuals can improve and have their personality preserved. A society following where there is cooperation among its members distinguished by their feelings of belonging as a whole. A number of people in the community where the individuality because of their awareness of reciprocity leads to the building up of this community? Can the communal jornalism be an instrument in the building up of this community?

Under an economic market which is ruled by competitivity, by anonymity, and for isolated actions represented a challenge to a hypothesis of dissertation: the practice of a communal jornalism can take modern men to go beyond their perception about life in society.

The fundamental theory focusses the jornalism printed in small centers, the alternative and the communal jornalism, and from the concept of community as an organization that brings people together and recovers the lost sociability.

The universal contextualization of this reserch is centered in Vila América. Votuporanga, São Paulo State and analysed under reserches and actions.

unesp

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01 - Mapa do Estado de São Paulo 47

Quadro 01 - Jornais de Votuporanga 56

Quadro 02 - Descrição das técnicas de composição e impressão .. 63

Ilustração 02 - Mapa da Região Oeste - Votuporanga 68

Ilustração 03 - Mapa da Vila América - Votuporanga 78

Lista 01 - Comércio da Vila América - Votuporanga 80

Ilustração 04 - Organograma de Empresa Jornalística 81

Ilustração 05 - Organograma do Jornal Comunitário 82

Ilustração 06 - Cartaz - Convite a comunidade 102

Ilustração 07 - Foto da urna do Jornal Comunitário 179

Ilustração 08 - Modelo de Ficha de Inscrição 180

Ilustração 09 - Foto: Reunião - Associação dos Moradores e
Foto: Waldemir Cetrone 181

INTRODUÇÃO

Esta dissertação incorpora uma preocupação que me acompanha num crescendo desde 1978, quando ainda vivia na capital paulista, num bairro vizinho da Cidade Universitária (Butantã). Pela proximidade do *campus* da Universidade de São Paulo, era grande o número de repúblicas estudantis naquela região e, por ser filho de professores, acabei conhecendo alguns professores universitários que ali residiam. Algumas vezes eles me explicavam o que estava acontecendo no círculo do poder governamental, mas não me lembro de ter dado muita importância aos problemas políticos, na época. Agravavam-se as condições sociais de vida, o governo militar censurava os veículos de comunicação, as repúblicas de estudantes eram invadidas e "estouradas" por policiais da ROTA em suas viaturas cinza-escuro, e tive oportunidade de presenciar cenas inesquecíveis. Uma delas aconteceu a três quadras de casa: três policiais empurravam e chutavam estudantes (adultos) algemados para a "jaula" da viatura, e um quarto PM carregava o mimeógrafo - a prova de que eles haviam cometido

o "crime" da liberdade de expressão. Na época, a repressão era declarada. Eram desfeitos até os grupos de amigos que costumavam conversar nas esquinas nos fins-de-tarde. Armada, a PM simplesmente ordenava: "vamo circulá!"(sic). E cada um se recolhia porque era proibido compartilhar idéias. Dentro de casa, cada um assistia isoladamente aos telejornais que noticiavam os índices otimistas do "milagre econômico brasileiro", supersafras agrícolas e longos discursos de ministros militares.

O direito à informação formadora do conhecimento, capaz de libertar o cidadão por facilitar a compreensão dos processos políticos e sociais, não existia, e seria redundância mencionar, aqui, as conseqüências do controle da informação. Ressurgiam, então, as discussões sobre ideologias e política partidária, principalmente nos cursos superiores de Ciências Sociais, e como os demais estudantes de jornalismo, eu procurava compreender e identificar as várias estratégias utilizadas pela grande imprensa - forçada pelo sistema - para manter a população desinformada dos problemas mais efetivos.

Nos primeiros anos de profissão, redigindo revistas de entretenimento na Editora Três, em São Paulo, a insegurança de "foca" e as atribulações da nova atividade afastaram-me um pouco da preocupação com a comunicação efetiva. Produzíamos revistas, ao meu ver, totalmente supérfluas e inacessíveis pelo seu próprio custo à maior parte da população, e considerar importante a apreensão de seus conteúdos informativos seria, no mínimo, pretensão. Entretanto, pouco depois, como repórter em um diário tradicional de Votuporanga, interior de São Paulo, tornaram-se para mim perceptíveis e incômodos os mecanismos de controle da informação. A seleção intencional e tendenciosa dos fatos a serem noticiados acontecia sistematicamente. Dos seis elementos da redação, o único jornalista com formação profissional era eu, e para não ser demitido, antes mesmo de completar o período de



experiência, inicialmente assistia calado a toda a estratégia de manipulação habilmente aplicada, para que o noticiário não levantasse suspeitas, nem a curto ou longo prazo, a respeito da legitimidade das atitudes dos poderes constituídos. A política de comunicação, nunca declarada explicitamente pelo diretor Nélson Camargo, era muito simples: não se publica nada que possa abalar as relações entre a empresa (Sistema Vanguarda de Comunicação) e prováveis patrocinadores. Ou, nas palavras do publicitário e diretor do departamento comercial, Dirceu Liévana de Camargo, "O jornal é nosso mas quem manda é quem tem dinheiro", e, como fator agravante, qualquer um que tivesse padrão social médio era considerado um patrocinador em potencial, direto ou indireto.

Para garantir a prática dessa linha editorial, os linotipistas, impressores e revisores haviam sido gradativamente manipulados e elevados à condição de fiscais pelo dono do jornal, o que os deixava satisfeitos; a confiança do patrão parecia conferir-lhes um estranho poder. Eram mal remunerados, como ainda o são, mas constantemente "socorridos" pela direção do jornal, que lhes garantia privilégios decorrentes da influência do patrão junto aos órgãos públicos de saúde, principalmente, além de caronas na viatura de reportagem (minutos de fama) e direito a churrascos e mimos todo fim-de-ano. Sem contar as pescarias no suntuoso rancho do dono do jornal, com mordomias inimagináveis por suas esposas e filhos. Com isso, o crivo dos gráficos era infalível. Nenhuma nota de que suspeitassem, saída da redação, resistia ao veto daqueles eficazes e ingênuos censores. Se o patrão não estivesse para ser consultado sobre possíveis intenções subjacentes de textos de que eles "suspeitassem", anúncios publicitários eram republicados gratuitamente, por decisão irrevogável dos gráficos, para justificar a repentina falta de espaço para as notícias que "o homem não gosta",

unesp

frase que Luisão e Zé Carlos (linotipistas), Marquinhos e Roberto (revisores) usavam sempre, e seguros, para rebater quaisquer reclamações dos repórteres e redatores.

Como funcionário que dependia do emprego, eu era obrigado a aceitar aquele esquema, e muitas de minhas tentativas de produzir reportagens envolvendo atores sociais de classes mais baixas, notícias que despertassem maior interesse pela leitura e valorizassem suas ações dignas de reconhecimento, foram boicotadas. Concluindo, praticava-se um jornalismo "de cima para baixo", a democratização da informação não estava nos planos dos diretores do jornal, e ainda não está, conforme declara o atual editor do "Diário de Votuporanga", o ex-linotipista e hoje estudante de jornalismo da Fundação Educacional de Votuporanga, José Luis Pavan. O conteúdo informativo daquele jornal apenas contribuía, portanto, para a permanência das relações abstratas e vazias entre as pessoas, relacionamentos criados pela sociedade em decorrência da crescente mercantilização de tudo e de todos.

Esse testemunho justifica-se por relacionar momentos que motivaram a busca de alternativas capazes de amenizar os efeitos individualizantes que promovem o isolamento das pessoas na sociedade niveladora e generalizadora em que vivemos. Explica-se por mostrar alguns fatos relevantes que alimentaram o sonho de editar um veículo de comunicação diferente, um jornal que não reforçasse a despersonalização dos comportamentos mas que, pelo contrário, estimulasse a ação organizada de indivíduos - que vivessem em condições comuns - através da troca de mensagens.

A proposta desta dissertação é o acompanhamento sistemático de todas as etapas do projeto de criação e implantação de um jornal comunitário na Vila América, e consegui concretizá-la. A Vila América é um bairro da zona oeste de Votuporanga, onde residi durante 14 anos, região urbana em que a maior parte da

população não tem acesso à leitura dos jornais editados pelas empresas de comunicação locais e regionais.

Ao me propor a realizar esta dissertação, minha intenção era verificar se o processo de produção de um jornal comunitário pode despertar no homem contemporâneo a noção de que as pessoas são seres coletivos; E tem o poder de aclarar a visão de que, como elementos de uma comunidade, as pessoas não devem ser tão individualistas quanto insinuam, a todo instante, os conteúdos das programações de TV, assim como os comportamentos sociais atualmente valorizados pelos meios de comunicação de massa.

A função social do jornalismo comunitário, descrita no primeiro capítulo, é a função aglutinadora que deve ter, a atividade jornalística, para que possa ser considerada comunitária. Na imprensa comunitária deve prevalecer o objetivo de resgatar o interesse do homem pelo seu semelhante e a sua participação na vida da comunidade, norteada pelo princípio da integração que gera o reconhecimento social, a representatividade e a satisfação por viver num grupo/espaço onde exista um caráter cooperativo entre os indivíduos.

No segundo capítulo, **Votuporanga: o contexto da experimentação**, insere o leitor no universo da pesquisa e mostra em que condições e em que contexto foi criado o "Jornal Comunitário" da Vila América.

Já no terceiro capítulo, **Pelos caminhos da orientação: método da pesquisa-ação**, demonstro o porquê da escolha dessa metodologia de pesquisa, que mostrou-se adequada já que os jornais comunitários devem estimular mudanças de comportamento que levem a ações transformadoras dentro dos grupos que os operam. A proposta da pesquisa-ação valoriza o estudo de ações de caráter social e a observação sistemática das formas de ação em coletividades de pequeno ou médio porte. E como as

ações tiveram um caráter prático dentro de uma atividade coletiva, a metodologia proposta por Michel Thiollent vem ao encontro da necessidade de uma estruturação que satisfaça as exigências do trabalho científico. Para Thiollent, a pesquisa-ação supõe formas de ação planejadas, sociais, educacionais ou técnicas, sempre com um forte embasamento metodológico, para que se eliminem riscos e exageros na concepção e não fique em segundo plano o ideal científico.

E por fim, o quarto capítulo, **Jornal Comunitário: a experiência,** relata o desenvolvimento da experiência de produção de um jornal comunitário num ano marcado por eleições municipais, comenta os problemas e relaciona os obstáculos que foram se apresentando no decorrer da pesquisa de campo, assim como as intervenções estimulantes dos moradores do bairro que conseguiram assimilar os conceitos de comunidade e de jornal comunitário.

O suporte teórico que garante o desenvolvimento desta dissertação tem como autor Michel Thiollent, que se associa a diversas formas de ação coletiva e prioriza a compreensão e a interação entre o pesquisador e os elementos do universo da pesquisa de campo.

CAPÍTULO -I-

A FUNÇÃO DO JORNALISMO COMUNITÁRIO

Se algo tem uma função, supõe-se que deva funcionar, ter bom êxito, dar bons resultados. A acepção mais adequada do conceito de função, quando se pensa em jornalismo comunitário, transcende a definição genérica; ação própria ou natural de um órgão, aparelho ou máquina. O jornalismo para ser comunitário deve ter uma função social bem definida, e a representação dessa sua ação própria está na democratização da informação com eficácia para que o cidadão possa compreender a realidade que o cerca, aprimorar seu pensamento analítico e sentir-se integrado pela sua capacidade de pensar no coletivo e não só no individual, um cidadão com consciência de seus direitos e deveres.

Entretanto, ao relacionarmos a imprensa comunitária com o ser coletivo é importante recordar que, apesar dos meios de comunicação de massa poderem gerar uma disfunção do espírito crítico por tenderem a habituar o público a receber pronta a interpretação dos dados, a imprensa já encontrou em pleno funcionamento o

processo individualizante que concretizou-se com o pós-modernismo. BOSI (19 :) afirma que:

> **"Na realidade, a perda da vida comunitária deve-se a um conjunto de causas muito mais complexas do que a mera difusão da imprensa. Baseada em fatos históricos, a crítica nos ensina que no momento em que o trabalhador foi privado de seus instrumentos de produção, uma elite, que não faz trabalho manual, passa a organizá-lo: é a hegemonia da ordem burguesa. A formação do mundo moderno deve-se à expansão urbana e comercial, após a desagregação da ordem feudal. A vida individualizante, burguesa, decorre de um processo que remonta, pelo menos, ao século XII."**

Já quando se fala na linguagem do jornalismo comunitário, as melhores acepções são a de função fáctica - a função da linguagem em que predominam as mensagens que têm por objetivo principal prolongar a comunicação, atrair a atenção do destinatário, ou verificar sua atenção -, e a de função emotiva - função da linguagem em que prevalecem os enunciados que expressam, principalmente, a atitude de quem fala com relação aquilo de que fala.

1. O JORNALISMO IMPRESSO NOS PEQUENOS CENTROS

Não se pode dizer que os diferentes jornais impressos de cidades com menos de 100 mil habitantes, no Brasil, costumam adotar posturas políticas diversas em função dos contextos sócio-culturais de cada localidade. Em pequenos centros urbanos, no terreno da comunicação não costuma haver oposição e continuam existindo os telefonemas repreendendo os editores de jornais por terem publicado uma ou outra notícia que questione decisões e atitudes de autoridades ou de empresários, ou pedindo a não investigação de fatos que possam trazer desconforto à minoria que vive bem e costuma monopolizar todos os espaços das colunas sociais diariamente.

Respeitadas as diferenças, não há como negar que as linhas editoriais dos jornais de pequena tiragem nos fazem lembrar a época do AI-5, por volta de 1968, quando a censura era declarada ao ponto de censores federais cumprirem as mesmas horas de trabalho dos jornalistas e, o pior, dentro das redações. O jornalista Murilo César Ramos, Doutor em Comunicação de Massa, registrou a presença de censores nas redações de "O Estado de S. Paulo" e "Jornal da Tarde" no final da década de 60, época em que emergiu a imprensa alternativa (In: MARQUES DE MELO, 1985:250).

Os censores não chegaram a ocupar as redações de jornais de pequenas cidades, mas de 1965 a 1980 os bilhetinhos de autoridades militares também fizeram parte da correspondência diária recebida pela imprensa do interior, conforme declara o jornalista Nelson Camargo, fundador e diretor desde 1954 do jornal "Diário de Votuporanga", publicação que, à época, entitulava-se "A Vanguarda". Os tenentes e capitães do exército que coordenavam os quartéis dos "Tiros de Guerra" interioranos eram os encarregados pelo patrulhamento ideológico, e, geralmente, contavam com a colaboração dos donos de pequenas rádios AM, particulares, que exploravam os serviços de radiodifusão. As rádios garantiam altos faturamentos mas dependiam de concessões dadas em caráter precário pelo governo federal. Qualquer "deslize" político, portanto, poderia redundar, da noite para o dia, no fim das concessões e dos faturamentos milionários, e o Sistema Vanguarda de Comunicação também tinha uma concessão e operava a rádio Clube AM.

Entretanto, essas formas de intervenção do Estado verificadas naquele período foram acompanhadas por outras, já existentes, desde a criação da imprensa, e que persistem nos pequenos centros: as das famílias tradicionais, que sempre exerceram influências nas pautas dos jornais. Ainda hoje, naturalmente, a maior proximidade (pelo menos física) entre as pessoas é uma característica dos municípios

pequenos, onde as elites dominantes destacam-se com facilidade até por serem reduzidos seus territórios de ação e as interações serem, muitas vezes, inevitáveis. Essa condição dificulta o trabalho jornalístico, porque as pressões das lideranças municipais revertem-se em prejuízos financeiros para as empresas de comunicação, caso suas "sugestões" sejam menosprezadas. Embora não existam conselhos editoriais, oficialmente, na maior parte desses jornais, suas políticas de comunicação funcionam como se tais conselhos fossem institucionalizados.

Os diretores de clubes-de-serviços e das lojas maçônicas, os padres mais respeitados e beatas reconhecidas, delegados regionais de polícia e representantes do exército, magistrados aposentados e advogados decanos, ex-prefeitos e ex-parlamentares experientes, empresários financeiramente bem sucedidos, velhos amigos e outros agregados costumam participar dos processos decisórios das diretorias dos jornais. Essa relação de cumplicidade e conivência tem garantido a sobrevivência dos jornais do interior, mas só se justifica se aceita a hipótese de que as administrações das pequenas empresas jornalísticas são incompetentes e incapazes de modernizar-se.

As formas mais evoluídas de administração de empresas recorrem a outros recursos que se traduzam em produtividade e qualidade dos produtos para garantir a lucratividade, e não mais ao apoio financeiro decorrente do protecionismo. Entretanto, nos pequenos centros brasileiros, os empresários da área de comunicação dirigem suas emissoras ou jornais como se o tempo tivesse parado. Empresas jornalísticas com mais de vinte anos ainda são geridas como pequenos negócios familiares.

Poucas contam em seus quadros com publicitários profissionais, com administradores de empresas dinâmicos e gente competente e competitiva nos diversos setores de produção e expedição. Em sua maioria, apelam para a amizade ou



políticas de incentivo seletivo para a cooptação de patrocinadores, e a conseqüência é a subjugação, é uma imprensa subjugada e distante dos interesses dos leitores, nunca a serviço da participação popular.

Como se sua própria natureza conspirasse contra sua utilização como instrumentos de diálogo e participação, os jornais de pequenos centros, até mesmo os que já passaram por remodelações gráficas e com suas cores hoje encantam boa parte dos leitores, preferem basear-se na difusão de notícias produzidas em grandes centros urbanos, na veiculação de mensagens editadas para imensos públicos atomizados e relativamente passivos. Esse distanciamento das realidades locais não estimula o interesse pela leitura, já que os relejornais apresentam temas semelhantes, além de privar, os moradores de pequenos centros, de informações sobre o cotidiano de suas cidades, de notícias da "vizinhança".

1.1. Aspectos Históricos: Formatos e Conteúdos

As modernas linhas de produção robotizadas da indústria atual, num tempo de integração econômica e tecnológica, permitem alterações quase que instantâneas em máquinas e produtos industrializados. No setor gráfico, sucedem-se, em ritmo surpreendente, novos modelos de impressoras antes inimagináveis, capazes de produzir em uma hora o volume de impressos que, há poucos anos, se produzia em um dia. O mesmo acontece com as demais ferramentas necessárias para o crescente aumento da produtividade dos parques gráficos. Entretanto, se produtividade implica naturalmente em produtos industrializados mais baratos, essa relação tem pouca significância quando se pensa em produção gráfica.

unesp

Como no tempo das linotipos e das impressoras planas, quando as linhas eram compostas uma a uma em chumbo derretido, e os títulos letra por letra - ou tipo por tipo -, editar jornais continua sendo uma atividade que requer elevados investimentos e grandes capitais de giro, e como determinam as leis do comércio as gráficas repassam para os clientes seus altos custos de produção. Em outras palavras, a impressão sempre representou um obstáculo quase intransponível para o lançamento de periódicos ou mesmo publicações esporádicas, como edições especiais comemorativas ou eventuais manifestos, porque os anunciantes optam por investimentos em publicações já consagradas. Também é um complicador o fato do empresariado dos pequenos centros ainda não ter o hábito de reservar parte de seu faturamento mensal ou anual para investimentos em publicidade. Aliás, por mais que os contatos publicitários se esforcem para convencer comerciantes, industriais e profissionais liberais, estabelecidos em cidades pequenas, de que a publicidade gera retorno, um percentual muito pequeno deles acredita em efeitos compensadores e torna-se quase insano o trabalho dos "vendedores de espaços" nos jornais de pequena tiragem.

Diante dessa realidade, a maior parte dos jornais do interior surgiu no formato em que surgiram todos os diários tradicionais, o tablóide. No Brasil, conhece-se por tablóides os jornais cujas medidas correspondem exatamente à metade das medidas dos jornais tamanho padrão *standard*, e seu custo de impressão é praticamente 50% mais baixo que o dos jornais estandardizados. Ou seja, com uma chapa padronizada para uso em impressoras industriais pode-se imprimir quatro páginas em tamanho tablóide, e não apenas duas no tamanho *standard*. Da mesma forma, a quantidade de fotolitos, de tinta e de papel, e o tempo gastos para a produção de duas páginas estandardizadas permitem a impressão de quatro no formato tablóide.



Em função do custo de produção, geralmente as empresas costumam lançar novos periódicos em formato tablóide e só quando a carteira de patrocinadores cresce, ao ponto de exigir mais espaços para anúncios publicitários, é que os jornais passam a ser impressos no modelo estandardizado. De certa forma, pode-se relacionar o padrão *standard* com a estabilidade da empresa jornalística, embora essa relação não possa ser considerada uma regra.

Assim, quase todos os jornais do interior, apesar de suas tiragens realtivamente pequenas, circulam hoje no tamanho estandardizado, mas suas primeiras edições foram impressas no modelo tablóide, segundo o ex-diretor do extinto semanário "Folha de Votuporanga", o jornalista aposentado Anésio Pelicione, que acompanha atento a evolução da imprensa na região noroeste do estado de São Paulo há mais de 40 anos.

2. JORNALISMO ALTERNATIVO

Os meios de comunicação alternativos surgiram relacionados com os movimentos sociais e, aos poucos, após a fase dos grandes movimentos políticos brasileiros, foram sendo redefinidos. A atual imprensa alternativa caracteriza-se pela sátira e pelo humor, mantém a mesma estrutura e a linguagem coloquial dos tablóides do período da ditadura, mas a publicidade hoje veiculada pelos jornais produzidos fora do círculo da grande imprensa viabilizou a adoção de novas roupagens, decorrentes também da editoração eletrônica e da evolução no setor das artes gráficas.

Para CAPARELLI (1986:43), apesar dos jornais alternativos terem sido conhecidos como nanicos nas décadas de 60 e 70, o vocábulo "imprensa nanica" teve grande aceitação mas caiu logo em desuso por não se ajustar às dimensões

unesp

dos empreendimentos. Cita, só para exemplificar, o caso do jornal "Pasquim", que chegou à tiragem de 100.000 exemplares. Considera "alternativo" o termo mais indicado para representar esses jornais, por "indicar uma relação com outro, um alter que chama para si os que se desviam de um caminho inicial, no caso, a imprensa tradicional".

Autores que pesquisaram a comunicação popular e alternativa no Brasil, entre eles Bernardo Kucinski (1991), Regina Festa e Carlos Eduardo Lins e Silva (1986) observaram que os veículos de comunicação populares desenvolveram-se conforme aumentava a capacidade de mobilização social dos movimentos sociais de base. Os jornais da imprensa alternativa sempre se caracterizaram por expressar os interesses político e cultural dos trabalhadores e da pequena e média burguesia, constituindo-se um fenômeno mundial, tanto nas sociedades sujeitas a regimes autoritários como nas abertas, onde prevalecem as forças do grande capital nos meios de comunicação. Em suas pesquisas, Sérgio Caparelli constatou a circulação de alternativos nos Estados Unidos, na Europa, na União Soviética e na China.

Cabe aqui relembrar que todos os veículos de comunicação desenvolveram-se como resultado do próprio desenvolvimento do capitalismo, e que o sistema capitalista, ao instalar-se, com inovadas formas de acumulação, acirrou os conflitos e contradições entre os interesses de classe. E, na mesma dimensão em que cresceu a busca de novos mercados consumidores, a internacionalização do capital que culmina agora na globalização da economia, desenvolveram-se os meios de comunicação de massa.

De 1951 a 1964 foi editado no Brasil um jornal de grande tiragem que reunia dezenas de jornalistas de espírito crítico, o "Última Hora", um veículo de massas voltado ao campo popular. Criado por Samuel Wainer, o "Última Hora" quebrava a homogeneidade do discurso da grande imprensa e conseguia atrair o maior



público leitor das grandes cidades. Alguns autores o consideram um dos precursores da imprensa alternativa porque, revolucionando o jornalismo diário, alcançou a tiragem de 500.000 exemplares e incomodava as cinco famílias que dominavam a imprensa brasileira, de certa forma, servis ao sistema. No golpe de 64, os militares depredaram suas instalações e o jornal fechou. No entanto, o empastelamento das redações foi visto não apenas como parte das operações de repressão, mas também, como afirma KUCINSKI (1991:11), "o assalto final de uma ofensiva das oligarquias tradicionais da grande imprensa.".

No Brasil, o desenvolvimento da imprensa alternativa ocorreu de acordo com a capacidade de articulação das forças de oposição em torno de projetos históricos de caráter nacional, na medida em que algumas classes sociais buscavam reconquistar espaços negados pela classe no poder. Os movimentos populares sempre têm origem nas contradições sociais, e como afirma o jornalista Marco Morel, In: MARQUES DE MELLO (1985:150)

> **"onde as contradições são mais agudas, as resistências são também mais complexas. Se temos diante de nós uma indústria cultural cada vez mais penetrante, se desenvolvendo dentro de determinados padrões, temos por outro lado movimentos populares que, apesar das pesadas limitações enfrentadas, vão criando espaços de resistência, numa impressionante demonstração de vitalidade".**

Assim, já no início dos anos 70, várias parcelas da população buscavam formas de conquistar espaços democráticos e apareciam os primeiros movimentos sociais de resistência ao regime autoritário imposto a partir de 1964.

Na condição de empresas capitalistas, as grandes corporações que operavam os Meios de Comunicação de Massa (MCM), a mídia nacional, direcionavam - ou eram obrigadas a direcionar - a discussão da sociedade civil. Através da permanente explicitação de interesses políticos e econômicos das classes dominantes, ou sonegando



alguns tipos de informações, a grande imprensa impunha o entrave ideológico de definir a temática e as áreas do discurso social. A mídia, não há como negar, era complascente com a ditadura militar; selecionava os fatos a serem noticiados e oferecia as notícias ao público como informações inquestionáveis. Já os jornais alternativos denunciavam sistematicamente as violações dos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico com um discurso que se opunha, por princípio, ao discurso oficial.

CAPARELLI (1986) questiona se os jornais alternativos marcaram o ressurgimento da imprensa ideológica, quando cita que existe tanta ideologia nos discursos de um presidente da república, quanto numa revista de modas. Neste caso, na visão deste pesquisador, é ideológico o jornal de caráter doutrinário, aquele que tenta inculcar, intencionalmente, valores defendidos por determinadas correntes de pensamento. Sugere CAPARELLI (1986), que seria mais acertado perguntar se realmente existe mais preocupação ideológica na imprensa alternativa do que na grande imprensa. E conclui que a resposta "parece ser não, porque ambas têm preocupação ideológica e defendem interesses diversos". Entretanto, concorda que, em momentos de transformação, principalmente, a imprensa serve de alavanca de legitimação.

De 1968 a 1978, surgiram no país cerca de 80 mil Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, que apoiadas pela igreja católica, tiveram um papel muito importante nos processos de fortalecimento dos movimentos sociais e de criação de veículos alternativos de comunicação. Nessas comunidades foram redescobertos os conceitos relacionados à justiça, e as discussões entre os grupos incentivaram o crescimento do interesse pelas transformações sociais, tanto que através das CEBs nasceram os movimentos populares. Começaram a se organizar, então, os movimentos especializados como a Pastoral da Terra, a Pastoral Operária e o Conselho Indigenista

Missionário, entre outros, e da Pastoral Operária, por exemplo, nasceu o movimento sindical.

No mesmo período o capital - nacional e internacional - intensificou as ações de expulsão das famílias e comunidades de suas terras na zona rural e aumentou significativamente o número de grandes latifundiários. Nesse contexto, foram criadas as Comissões Pastorais da Terra e, segundo a CNBB, surgiram mais de mil focos de conflito pela posse da terra na década de 70, ao passo em que os migrantes do interior passaram a ocupar as periferias das cidades. A zona sul da capital paulista foi marcada pelo aumento descontrolado de favelas ocupadas por subempregados e operários migrantes das regiões agrícolas, até que, em 1973, aconteceu o primeiro desafio às leis repressivas do governo militar; em uma CEB da periferia-sul de São Paulo, o Clube de Mães da Paróquia de Vila Remo ousou "levantar a voz" e enviou uma carta às autoridades reclamando do custo de vida e das péssimas condições de moradia, saúde e alimentação. Estava nascendo o Movimento do Custo de Vida (MCV), que ao se dividir e assumir o nome de Movimento Contra a Carestia já tinha o seu jornal alternativo.

Boletins clandestinos mimeografados, informativos impressos quase que artesanalmente, às escondidas, trataram de difundir a notícia e, rapidamente, essa reivindicação se espalha por outras CEBs até que as discussões ganham as ruas e transformam-se em um grande movimento de massa. De 73 a 78 a imprensa alternativa foi o único canal de comunicação entre as CEBs e entre as CEBs e o povo insatisfeito.

O rigoroso esquema de vigilância e "patrulhamento ideológico" do exército fez com que o processo de aglutinação demorasse cinco anos, mas em 1978, num ato de resistência explícita, cerca de 20.000 pessoas tomaram a Praça da Sé, em São Paulo, para a entrega de um abaixo-assinado com 1.300.000 assinaturas às autoridades

unesp

governamentais. Como estavam proibidas as manifestações de protesto, o ato terminou em conflito direto que acirrou ainda mais as contradições. Diante desse quadro, enquanto os reais atores sociais se empenhavam nas reivindicações por melhores condições de vida, os noticiários dos MCM, sob severa censura, enalteciam o milagre econômico brasileiro e as supersafras agrícolas. Coube efetivamente à imprensa alternativa, apesar de todas as limitações, a verdadeira tarefa de comunicar o que ocorria nos círculos do poder.

As gráficas e a venda de papel-jornal eram controladas pelo Estado. Contudo, na medida em que surgiam pólos de resistência social, apareciam os meios de comunicação alternativos. Intelectuais de oposição e grupos partidários lançavam seus tablóides, apesar das ameaças do sistema, compondo a chamada - na época - imprensa nanica. Surgiram publicações nas CEBs, nas associações de moradores, nas sociedades de amigos de bairros, nos meios operário e rural e no Movimento Contra a Carestia. Muitos desses movimentos continuam editando seus jornais alternativos, e, hoje, contam, inclusive, com veículos eletrônicos de comunicação.

No início deste século, os imigrantes europeus recém-chegados ao Brasil mantiveram alguns jornais impressos que poderiam ser considerados comunitários, pois serviam justamente à integração das diversas comunidades que se formavam, sobretudo as italianas. Entretanto, a partir da década de 30, os jornais de pequena tiragem foram se tornando economicamente inviáveis com a entrada da imprensa nos moldes industriais de produção. A evolução sempre exigiu grande concentração de capital e tecnologia, e atingiu-se um estágio em que nenhum jornal poderia manter-se sem gráfica própria, de forma que apenas os jornais-empresas sobreviveram. A imprensa alternativa só começou a se restabelecer a partir da década de 70, apesar da censura prévia, do alto custo de produção, da falta de publicidade e de outros tipos de pressão.

unesp

Nesse período, multiplicaram-se as experiência concretas de comunicação popular. Foi recriado o cinema comprometido através dos cineclubes e o teatro engajado fortalecia os sindicatos. O autoritarismo não conseguia sufocar totalmente a comunicação popular atrelada à educação e à cultura do povo, e, naquele momento, foram de grande importância o humor e a música. FESTA (1986) classifica os cartunistas "como construtores de sutilezas"; Ziraldo, Jaguar, Millôr Fernandes, Henfil, Fortuna e Zélio, entre outros, transformaram-se na década de 70 em porta-vozes da crítica social, e o cantor e compositor Chico Buarque de Holanda foi um mestre em letras e poesias cheias de ambigüididades cujos significados não escapavam à maioria. "Criando símbolos e espaços de liberdade ele e outros artistas conseguiam burlar a censura", e em 1978, em meio às greves e movimentos de protesto, apareceu o "Jornal dos Jornais", publicação clandestina que driblava os censores e propunha a leitura crítica dos noticiários veiculados pelos meios de comunicação de massa.

Foram editadas dezenas de jornais e algumas revistas, nessa época, entre eles o "Pasquim", o "Versus", o "Bondinho" e os jornais das cooperativas de jornalistas - "Coojornal", "Jornalcoop" e "Coojornat". Sem esquecer o tablóide alternativo "Movimento", que levantou a bandeira da Assembléia Nacional Constituinte e denunciou, em 1979, que o Brasil estava nas mãos do Fundo Monetário Internacional (FMI). Esse conjunto de jornais e revistas expressava muito mais um jornalismo opinativo dirigido às elites operárias e intelectuais do que o jornalismo puramente informativo da grande imprensa. Entretanto, constituía um universo público alternativo ao universo burguês.

Em KUCINSKI (1991:50) encontramos; a história, ou melhor, a verdadeira história acontecida, das lutas populares dos movimentos sociais nos anos 70, foi registrada apenas pelo jornalismo alternativo. Foram os pequenos jornais, os tablóides

unesp

da imprensa nanica, que conseguiram inscrever as classes sociais no cenário nacional daquela época, e a característica principal dos alternativos era a democracia interna. Eram formados conselhos editoriais com a participação de representantes dos movimentos sociais nas cooperativas de jornalistas e nas frentes de mobilização. Os redatores, diagramadores e artistas gráficos da imprensa alternativa, em sua maioria, vivenciaram os movimentos estudantis do final da década de 60 e constituíram, assim, uma subcultura que se distinguia das demais pela sua disposição contestatória e pela sua intransigência intelectual.

A democratização da informação estimulava o interesse pelo pensamento analítico. Leitores, ouvintes e telespectadores passaram a questionar as programações e noticiários censurados previamente pelo governo e essa nova situação fez com que a censura federal caísse, e começasse a desaparecer, em 1978. No entanto, iniciou-se outra perseguição à imprensa alternativa: a econômica. A maior parte dos jornais alternativos desapareceu com a cobrança de impostos atrasados, o controle do papel e a fiscalização contábil redobrada. Quanto a esse aspecto também é importante considerar que a mentalidade anti-empresarial era uma característica dos jornalistas, intelectuais e humoristas dos anos 70, e o caráter amadorístico das administrações dos jornais alternativos contribuiu para a descontinuidade da produção.

Entre 1964 e 1980 foram criados e desapareceram cerca de 150 periódicos que ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou imprensa nanica. Nanica não em função dos valores intrínsecos dos conteúdos que veiculavam, mas porque a maioria dos alternativos era editada em formato tablóide.

Com o fim do regime autoritário a população brasileira foi se libertando, gradativamente, do receio, do medo de se comunicar. Começam a surgir boletins impressos de associações, de entidades sociais, jornais de clubes de serviço ou

unesp

recreativos, ou de grêmios estudantis. Como consequência, ante o surgimento de um novo mercado, a classe empresarial brasileira foi se encorajando a investir no setor gráfico. O aumento do número de pequenas empresas desvinculadas de parques gráficos de jornais tradicionais viabilizou o crescimento do número de publicações alternativas. Logo as cooperativas agrícolas, os sindicatos, grupos de imigrantes e as chamadas minorias passaram a contar com jornais impressos especializados, mas as políticas de comunicação e estruturas organizacionais de todos se assemelham às adotadas pela grande imprensa. Nos alternativos atuais, os diretores dos órgãos que os operam controlam o conteúdo informativo tanto quanto os donos ou editores de jornais de massa. As seções em que são divididos lembram as diversas editorias dos veículos da grande imprensa e os mecanismos de controle da informação também são os mesmos. Mudam apenas os públicos a que se destinam, a ordem em que os assuntos são apresentados nas páginas, o estilo da redação e o planejamento gráfico. Os novos alternativos surgem nos moldes da grande imprensa, produzidos por gente que gosta de escrever, e seus redatores, em geral, não são jornalistas profissionais.

A imprensa alternativa é um fenômeno mundial que se revitaliza sempre que os sistemas políticos estabelecem o controle da informação, ou dos sistemas de comunicação. É encontrada na Europa, nos Estados Unidos, na China, na União Soviética, na América Latina e pode-se dizer que os alternativos são decorrências da indústria cultural, porque as máquinas não podem ficar ociosas quando a meta é a rentabilidade. Ante a necessidade de venderem seus serviços a terceiros, as gráficas passaram a imprimir os tablóides alternativos, canais de expressão de parcelas da população não tão comprometidas, ou não exatamente com os mesmos interesses dos grupos com poder econômico e político, embora reproduzam os passos da grande

imprensa. Sua produção é racionalizada e são comuns associações que se tornam agências de notícias.

2.1. Aspectos Históricos: Formatos e Conteúdos

Desde o século XVI, quando os canais e os rios foram transformados em rotas comerciais pelos homens-de-negócios, as formas, ou os meios de comunicação, vêm evoluindo em função do comércio. A ansiedade de informação é uma característica do ser humano, mas o interesse pelas informações sempre foi maior entre os mercantilistas. Assim, no século XIX, investiu-se nas ferrovias continentais, e em 1814 as máquinas impressoras a vapor permitiram significativo aumento da produtividade e o conseqüente barateamento do custo de produção dos jornais, abrindo-se a possibilidade de conquista de novos mercados. Já naquela época a propaganda ganhava importância e a principal ligação entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias passaram a ser os anúncios publicitários.

A ascensão da publicidade aos jornais ocorreu justamente porque a competição entre as empresas jornalísticas levou à necessidade de aprimoramento dos veículos impressos, o que exigia recursos financeiros. Daí para a frente, já passaram a coexistir dois tipos de imprensa: a de grande tiragem e grande público leitor, e outra, mais voltada para a idéia de serviços dirigidos a parcelas de público que não encontram espaço na grande imprensa. Com a evolução do caráter comercial da grande imprensa, as grandes corporações, que a operam, passaram a ceder, cada vez mais, aos eventos de natureza nacional e internacional, o espaço antes dedicado à divulgação dos fatos locais, cuja repercussão vem direta e imediatamente ao encontro dos interesses do público. Já em 1874, o alternativo "Tribune", impresso em Chicago, defendia a opção por continuar

unesp

atuando a serviço de um público já conquistado, opondo-se à tendência da grande imprensa de buscar o universal, padronizando a informação, por acreditarem, seus editores, que trabalhar a informação para públicos muito grandes e heterogêneos significava abandonar seus leitores.

No Brasil, em função das atividades comerciais dinamizadas, principalmente pela substituição da monarquia pelo regime republicano, surgiram no final do século XIX mais de 300 títulos de jornais. Ou seja, a grande imprensa, aquela que precisa homogeneizar a informação buscando atingir um público que resulte em cifras de venda, nunca foi dissociável do capital. E com isso, a produção de jornais sempre foi cara, o que explica os formatos das publicações alternativas, sempre menores que os estandardizados da grande imprensa, cujas grandes tiragens garantem o faturamento com publicidade necessário para custear a confecção de edições diárias com dezenas de páginas e no formato *standard*.

Quanto aos conteúdos informativos, as publicações alternativas eram, inicialmente, canais de expressão de parcelas da população que não tinham espaço para manifestações na grande imprensa, geralmente muito comprometida com os grupos com maiores poderes político e econômico. Com a evolução do processo de democratização política, os jornais da imprensa alternativa passaram a caracterizar-se por sua maior liberdade para abordar temas considerados tabus pela maioria conservadora, e por valorizarem a sátira e o humor como recursos de comunicação. É isso que os diferencia da imprensa convencional.

3. JORNALISMO COMUNITÁRIO

Grupos sociais cujos membros habitem determinada região, tenham um mesmo governo e estejam irmanados por uma mesma herança cultural e

histórica têm sido considerados comunidades.Grupos de pessoas que comungam a mesma crença ou ideal, ou qualquer conjunto populacional considerado como um todo, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e culturais comuns, também têm sido considerados comunidades. Esses conceitos são produto da leitura e do interesse deste pesquisador pela comunicação efetiva, como será possível constatar no capítulo referente à pesquisa de campo desta dissertação. Entretanto, para a Sociologia, comunidade é um agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos.

Enquanto a aproximação física, o afeto, a consideração pelo próximo e o próprio trabalho em favor da coletividade, constituem-se relações concretas, é fato incostestável as sociedades estarem caracterizando-se por relações abstratas que tiram o homem do convívio com seus semelhantes. Assim sendo, em decorrência da abstração do valor de troca, o que se percebe é que as relações sociais acabam assumindo, também, caráter de mercadoria.

A partir do desenvolvimento da sociedade industrial, principalmente, os sociólogos passaram a interessar-se pelo estudo das comunidades, ou das diversas interpretações e conceituações relativas ao fenômeno comunidade. A sociologia alemã tendia a constratar comunidade com sociedade, ou seja, os espaços de relações humanitárias não pautadas pelo capitalismo com a sociedade industrial, tipicamente burguesa.

A primeira obra sobre comunidade e sociedade foi escrita em 1887, pelo sociólogo alemão TÖNNIES, estudo que o jornalista e sociólogo MARCONDES FILHO (1992:156) considera romântico e mistificador do que pode ser uma comunidade. Na realidade, desde o final do século XIX, o conceito de comunidade costuma ser vinculado à idéia de volta a um regime econômico que favorecesse as

relações individuais e emocionais, de volta àquelas " 'comunidades comunistas', que têm existência exclusiva no imáginário das esquerdas".

Ao estudar as relações entre os grupos dominantes e as massas, MARCONDES FILHO observa que nem Marx, nem Engels procuraram definir ou conceituar "comunidade", e constata que uma comunidade é sempre parte de uma sociedade, esta última conceituada a partir da despersonalização, do anonimato e das dimensões imperceptíveis.

Para se pensar em jornalismo comunitário, é necessário que sejam considerados comunidades os agrupamentos existentes dentro das sociedades, agrupamentos marcados por um maior entrosamento entre os indivíduos e por oferecerem condições favoráveis à auto-realização, o que os diferencia de classes sociais.

Embora seja comum o uso de expressões como "comunidade evangélica", "comunidade negra" ou "comunidade católica", entre outras, FERNANDES (1973) já via esses agrupamentos apenas como "grupos diferentes da sociedade", porque os laços de união entre indivíduos desses grupos não são suficientes para que os componentes dessas comunidades mantenham-se ligados entre si. Nesses casos, os laços de união não correspondem ao sentido da ligação necessário para que haja cooperação entre os indivíduos, para que haja representatividade.

Para HELLER (1992), na medida em que a individualidade, em função da humanização e da realização de valores comuns e individuais, contribui para o crescimento do grupo a que o indivíduo pertence, o grupo converte-se, paulatinamente, em comunidade. Daí a opção, deste pesquisador, pelo sentido que MARCONDES FILHO (1992:158) atribui ao fenômeno comunidade:

> **o sentido produtivo de fenômeno comunidade é o de uma organização que reúne as pessoas e resgata a sociabilidade perdida. Aquela sociabilidade que vem desaparecendo à medida em que se desenvolvem os recursos tecnológicos.**

unesp

Seria utópico, ante a apologia do individualismo - que é uma das marcas da sociedade contemporânea -, pensar que seria possível os moradores da Vila América, em Votuporanga, decidirem-se por organizar um veículo de comunicação com o objetivo de manter as pessoas da comunidade unidas. Na visão deste pesquisador, aí deve entrar em ação o jornalista. No exercício de sua função social, o jornalista deve socializar o seu conhecimento, animar e coordenar as ações, e propor normas para que se solidifiquem os jornais comunitários; veículos que, mediante a troca de mensagens de interesse da comunidade, podem promover a articulação, a orientação e até, talvez, ações coletivas. Aí, sim, comunidade passa a ser um conceito não somente sociológico mas, e principalmente, político, ao negar a sociedade de massa ao passo que estimula a participação e o interesse por conquistas que beneficiem toda a coletividade representada pelo jornal. Organizando-a, numa tentativa de reaver a sociabilidade veleda, dominantemente, pelo avanço do capitalismo.

Assim sendo, percebe-se que com os canais de televisão por assinatura, e as facilidades decorrentes da evolução nos campos da eletrônica e das artes gráficas, têm surgido com mais freqüência, nos últimos anos, novos jornais de bairro, rádios de baixa potência com ou sem concessão oficial e até canais, ou programações, de TV rotulados de comunitários. Enganados ou não, muitos estão criando veículos alternativos especializados de comunicação, dirigidos a parcelas definidas de público, sob a alegação de que estão desenvolvendo atividades comunitárias.

O jornalismo comunitário diferencia-se dos demais justamente por sua política de comunicação, ou seja, por procurar efetivar o maior número de processos de comunicação possível. E para que isso possa ser viável, ou mais provável, no jornalismo comunitário não pode existir a figura do editor, aquela pessoa que define (verticalmente, de cima para baixo) o que deve ou não ser publicado, além de determinar

sob que aspecto o assunto a ser noticiado deve ser enfocado. E é aí que fica bem clara a diferença entre a imprensa especializada e a comunitária, já que no jornalismo especializado, como na maioria dos veículos da imprensa alternativa, tudo acontece como nos Meios de Comunicação de Massa (MCM). Ou seja, tanto na grande imprensa como na maior parte dos jornais impressos ou eletrônicos alternativos os processos decisórios respeitam hierarquias e as informações são submetidas a inúmeros mecanismos de controle. Existem filtros de informações também nos jornais comunitários, mas estruturados de maneira mais democrática; os assuntos a serem veiculados são eleitos pelos representantes dos diversos setores da comunidade em reuniões abertas.

Em todos os jornais alternativos, caracterizados pelos formatos ou por pequenas tiragens em relação às dos veículos impressos da grande imprensa, as personagens eleitas para representarem os papéis principais nos relatos dos acontecimentos têm as mesmas características dos atores principais escolhidos pela grande imprensa. Tanto na mídia, como nos veículos alternativos de menor alcance, os atores que realmente testemunham os fatos, que participam efetivamente das ações relatadas, sempre acabam desempenhando papéis secundários. Os mecanismos de controle da informação são semelhantes, mesmo consideradas as diferenças decorrentes do porte e dos públicos a que se destinam.

Nos jornais comunitários, as pautas são feitas pela própria comunidade. As sugestões de notícias são apresentadas a todos os representantes de quarteirões - ou de ruas - e, através de votação, são eleitos os assuntos que deverão ser temas do jornal. Os repórteres, fotógrafos, redatores, diagramadores e assistentes de produção são pessoas da mesma comunidade e é grande, portanto, a probabilidade de serem parecidos os seus interesses e problemas relativos à coletividade em que vivem.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Dessa forma, a divulgação de notícias importantes para toda a comunidade pode gerar ações coletivas, pode possibilitar aos participantes do grupo reconhecimento e valorização social. Ou, até, fazer com que as pessoas se sintam como seres coletivos e se interessem umas pelas outras.

A forma como as informações são oferecidas pelos meios de comunicação de massa, onde os segundos no ar e os centímetros de coluna representam muito dinheiro, não prioriza o entendimento das informações. O turbilhão de notícias muito resumidas, apresentadas rapidamente nos horários nobres da TV, por exemplo, não permite análises nem reflexões, e também não há tempo para considerações intermediárias. Os telejornais mais assistidos (como comprovam pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa - IBOPE) reforçam tendências à polarização já inculcadas em grande parte dos telespectadores e não priorizam a apreensão dos conteúdos dos noticiários. Muito menos o encadeamento dos fatos para que o receptor possa perceber os antecedentes históricos dos acontecimentos e, então, realmente informado, possa posicionar-se em relação aos processos sociais, políticos e econômicos.

A concorrência entre as grandes corporações da mídia nacional também impõe a abordagem de assuntos que atraiam o maior número possível de leitores, ouvintes ou telespectadores. O retorno deve ser garantido aos patrocinadores dos noticiários. E essa condição resulta no tratamento da "informação" como mercadoria. Não se pode esquecer que se constituem informações somente os dados brutos apreendidos pelo receptor.

Seguindo esse raciocínio, se a informação - mercadoria, nos MCM, deve garantir retorno às empresas patrocinadoras e lucros aos empresários da comunicação, torna-se fundamental que ela seja barata. Em outras palavras, os anunciantes pagam para que o leitor tenha acesso a jornais volumosos, mas a



mercadoria-notícia deve garantir a margens de lucro, suficientes para a acumulação, das empresas jornalísticas. E as agências de notícias surgiram para resolver essa questão, fornecendo a baixos custos informações de todas as partes do mundo, que acabam ocupando os espaços que deveriam ser das notícias locais e reportagens investigativas. O jornalismo investigativo, o repórter em campo exercendo sua função à caça de informações locais importantes para o público, tornou-se relativamente caro, e as imprensa reserva poucos centímetros de coluna para as notícias sobre os fatos mais próximos dos leitores, aqueles com os quais os leitores se identificam por repercutirem diretamente em suas vidas.

A mídia reserva pouco espaço para aqueles temas que permitiriam aos leitores estabelecer relações entre relações de conceitos e, conseqüentemente, reconhecerem mais facilmente os mecanismos dos jogos políticos e sociais dos quais participam, involuntariamente. E isso seria essencial para que acontecessem as comunicações de retorno (*feedback*), sem as quais não se completam os processos de comunicação. A identificação dos leitores com a linguagem, com a terminologia e com os temas veiculados nos jornais é pré-requisito para a compreensão, uma vez que - volto a frisar - só são consideradas informações aqueles dados novos compreendidos pelos receptores.

O processo de comunicação depende, diretamente, das condições de recepção, e os diretores dos meios de comunicação de massa têm os recursos necessários, e os aplicam freqüentemente, para conhecerem relativamente o perfil do público. As pesquisas de opinião permitem aos psicólogos sociais detectar as mudanças de valores e costumes e o potencial de manipulação dos MCM, mas os resultados desses trabalhos parecem servir apenas para nortear os discursos publicitários e as propagandas institucionais. Pautam também os roteiros e argumentos de telenovelas e demais



produtos de comunicação, para que seja oferecido sempre o que o público já esperava consumir. Como se a própria novela anterior fosse assistir à nova novela em lançamento, como comenta WOLF (1987), ao analisar a industria cultural e a música ligeira em Portugal.

Se o que pensam os leitores, telespectadores e ouvintes é, praticamente, do conhecimento dos produtores da indústria cultural, pode questionar porque os noticiários não são codificados e emitidos de forma a serem compreendidos pelo público, para que haja reações e, enfim, comunicação. Se isso acontecesse, os brasileiros deveriam estar bem melhor preparados para o exercício do direito de votar, ou mais prevenidos em relação às doenças transmissíveis, ou mais conscientes no seu relacionamento com a natureza, ou mesmo morrendo em menor número em acidentes rodoviários. Mas não se pode dizer que tudo isso esteja acontecendo; qualquer presente oferecido por um político ainda vale um voto; aumenta o número de casos de AIDS; agride-se com naturalidade, com produtos químicos ou queimadas, a natureza; e o índice de mortalidade nas estradas continua crescendo. É como se não fossem veículadas notícias sobre esses temas. Os telespectadores não reagem proporcionalmente ao volume de informações com que são bombardeados. O *feedback* não tem sido significativo, ao ponto de comprovar a existência da comunicação efetiva.

No que diz respeito à assimilação do conteúdo informativo das notícias e campanhas sobre a AIDS, por exemplo - uma epidemia que já tem mais de dez anos - apesar das constantes reportagens, e das inúmeras campanhas de prevenção veiculadas pela TV, as estatísticas do Ministério da Saúde demonstram que o índice de infecção por HIV continua crescendo. Somente entre jovens na faixa etária de 10 a 19 anos o índice passou de menos de duzentos casos para quase 3.000 nos últimos dez

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

anos, como registra a jornalista Marina Amaral na reportagem da Revista "Caros Amigos": "Camisinha, pra quê?" (outubro de 1997).

Essa política de comunicação adotada pela mídia, que supervaloriza a homogeneização da sociedade, sob o ponto de vista cultural e relativo ao comportamento, está fazendo com que o homem contemporâneo se mostre insensível perante o mundo e em relação à realidade que o circunda no contexto social. A forma como as informações são apresentadas, e os apelos publicitários, estimulam o aprimoramento do indivíduo em busca do seu (só do seu) bem estar social. Claramente, o avanço cultural está em segundo plano, e a própria informação tende à banalização, na medida em que não é aprofundada e não estimula a formação de uma consciência crítica.

O homem contemporâneo parece demonstrar maior interesse pela quantidade de informação simplificada, do que pela qualidade da informação, enquanto deslumbra-se com o acesso informatizado a bancos de dados de qualquer parte do mundo. E da mesma forma que tudo passou a ficar obsoleto de uma hora para outra, da mesma forma que se valoriza cada vez mais o instantâneo, o efêmero e o fragmentário, a percepção humana parece estar sendo dilacerada pelos simulacros do cotidiano. A cultura de massa consagra o descartável e o transitório. A informação globalizada tornou indefinidas as perspectivas políticas, sociais e econômicas. O homem está se tornando cada vez mais individualista e insensível.

Para se pensar em jornalismo comunitário é necessário acreditar, ainda, na segmentação social, e a tendência da sociedade a esse comportamento individualizante deve ser preocupação permanente. Por isso, não se pode considerar comunitários os jornais de bairros ou de pequenas cidades interioranas. Esses veículos têm estruturas idênticas às dos jornais da grande imprensa e têm como característica maior preocupação informativa do que comunitária. O que se modifica, somente, é o

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

público visado por cada um deles. Também não são comunitárias a imprensa de imigrantes, a religiosa, a negra ou a judaica, por exemplo. Nenhuma delas esconde seus objetivos doutrinários. É comum ainda até comunicadores confundirem veículos da imprensa especializada com jornais comunitários.

Os jornais comunitários têm como função, na prática, restaurar a comunicação através do diálogo. É daquela conversa que fortalece os laços entre as pessoas que pode surgir uma verdadeira rede de comunicação, capaz de aproximar solidariamente os membros de determinado grupo. Os atores dos relatos publicados são os próprios membros da comunidade, e não personagens eleitos, como acontece na grande imprensa.

Os conteúdos dos jornais comunitários refletem os contextos sociais das comunidades que os operam, estimulam o diálogo e valorizam a participação das pessoas. Valorização social que, talvez, leve a ações coletivas interessantes para todo o grupo, e a comportamentos que possam promover reconhecimento social e a despadronização da maneira de ver, pensar e sentir o mundo.

O jornal comunitário deve ser um instrumento capaz de resgatar a percepção do ser humano em face do outro e do mundo, a fim de agir sobre os indivíduos e incentivar relações sociais de solidariedade. Deve ser um veículo de comunicação que leve o homem contemporâneo a descotidianizar sua percepção viciada, que empobrece sua visão no que diz respeito à vida em sociedade. A prática do jornalismo comunitário deve promover maior valorização e integração social.

3.1. Aspectos Históricos: Formatos e Conteúdos

O computador, ao emprestar sua memória e sua capacidade de associação de dados ao homem, permite que ele amplifique o seu trabalho mental, e isso

faz com que o impacto da era da informática torne-se incomparavelmente maior do que foi o da revolução industrial, quando as máquinas a vapor multiplicaram a produção e substituiram, amplificando, o trabalho fisico do homem. Esse incomensurável impacto na vida da sociedade contemporânea, ao acirrar o espírito de competição baseado na capacidade de assimilação imediata de novas informações, estimula o exercício de uma nova ética nas relações pessoais e sociais. Estimula comportamentos individualizantes em detrimento dos solidários, e a grande imprensa - por sua própria natureza - contribui significativamente para o isolamento cada vez maior dos indivíduos.

Os conteúdos dos jornais comunitários, sejam eles impressos ou eletrônicos, não podem ser entendidos como "amontoados de mensagens fragmentadas", com notícias que não sejam de interesse para a comunidade como um todo. Devem privilegiar a informação detalhada e comentada para que seja apreendida, e considerar a informação como componente indispensável para o desenvolvimento dos processos de educação capazes de concorrer para a evolução social das comunidades que os operam. Na imprensa comunitária, os conteúdos informativos devem favorecer o diálogo para que os laços entre as pessoas se fortaleçam.

CAPÍTULO -II-

VOTUPORANGA:

O CONTEXTO DA EXPERIMENTAÇÃO

1. ASPECTOS HISTÓRICOS

A imprensa de Votuporanga nunca esteve nas mãos de jornalistas profissionais com formação superior, de comunicadores preparados para exercerem sua função social cientes de que o leitor tem direito à informação. Nunca foi dirigida por jornalistas interessados em ver que, além de viabilizarem a realização de transações e negócios e de serem instrumentos de divulgação de informação pragmática, os jornais impressos constituem simultaneamente veículos a serviço do conhecimento. Nos últimos dois anos, com a criação do Curso de Comunicação Social das Faculdades Integradas de Votuporanga, e pela imposição da concorrência e do avanço tecnológico, pôde-se notar mudanças nos dois jornais diários locais. Entretanto, são alterações somente no que diz respeito ao planejamento gráfico. As políticas de comunicação adotadas pelos dois diários locais nada mudaram desde que foram fundados, o "Diário de Votuporanga" em 1954 e o jornal "A Cidade", no final do ano de 1984.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Os proprietários e diretores dos jornais continuam sendo os seus fundadores, empresários como quaisquer outros e com os mesmos interesses, preocupados em garantir a manutenção da carteira de anunciantes e o bom relacionamento com as autoridades constituidas e famílias que poderão gerar herdeiros com condições de montar novas empresas, futuros patrocinadores comprometidos com a preservação do quadro social dominante numa cidade que está, em termos culturais, muito mais para o Mato Grosso do Sul do que para o estado de São Paulo. A conseqüência desse direcionamento equivocado dado aos diários votuporanguenses é um jornalismo impresso marcado pelo seu distanciamento do público leitor, do cidadão, e descompromissado com a democratização do conhecimento.

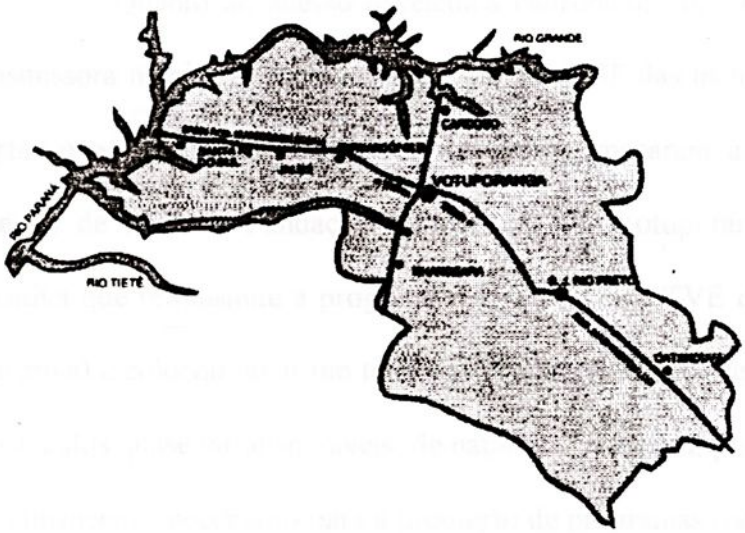
Votuporanga fica a 520 quilômetros da capital, São Paulo (ILUSTRAÇÃO 01), tem cerca de sessenta e cinco mil habitantes, segundo o censo demográfico de 1995, dados do IBGE, obtidos no escritório localizado na cidade. As divisas com o Mato Grosso do Sul e Minas Gerais ficam 110 quilômetros ao norte e a atividade econômica principal da maior parte dos comerciantes, industriais, médicos, dentistas, engenheiros e demais profissionais autônomos, e isso pode parecer fora do comum, continua sendo a pecuária de corte. A classe trabalhadora assalariada é composta, na área urbana, por prestadores de serviços básicos, por comerciários e industriários. Na zona rural as criações de gado leiteiro e de corte envolvem cerca de 3.400 pessoas. O comércio emprega cerca de 4000 comerciários e comerciantes e as indústrias de móveis, outros 3.500 profissionais, entre empresários e operários. Enquanto as atividades de lazer preferidas pela maioria estão relacionadas com

unesp

ILUSTRAÇÃO 01 - MAPA DO ESTADO DE SÃO PAULO



Mapa do Estado de São Paulo com a região de Votuporanga em destaque



Região Noroeste com Votuporanga ao centro

atividades rurais. Dos três cinemas já instalados na cidade apenas um ainda sobrevive com equipamentos ultrapassados, mas, apesar da modernização das distribuidoras permitir a exibição da maioria dos lançamentos da indústria cinematográfica quase que simultaneamente em relação aos grandes centros, depende do subsídio da Prefeitura - que paga o aluguel da sala e isenta o Cine Votuporanga de uma série de impostos - para que possa manter suas portas abertas. Não fosse o apoio da administração municipal já teria falido em função do desinteresse da maioria da população, como aconteceu com os cines Central e São Bento, duas ótimas salas, uma delas hoje fechada e outra transformada em nave de uma igreja evangélica.

Cinco paróquias ainda garantem uma aparente hegemonia da igreja católica, mas são inúmeros os pequenos salões nos bairros periféricos já ocupados por líderes e fiéis de outras correntes religiosas.

Quanto ao acesso a veículos eletrônicos de comunicação, uma estação retransmissora municipal permite a sintonia em UHF das maiores emissoras de televisão abertas e os canais por assinatura via cabo começaram a ser captados no segundo semestre de 1997. A Fundação Educacional de Votuporanga mantém uma emissora educativa que retransmite a programação gerada pela TVE do Rio de Janeiro (emissora educativa) e colocou no ar um telejornal diário em agosto de 1997. Entretanto, esbarra em obstáculos quase intransponíveis, de natureza financeira, por não conseguir o apoio cultural (financeiro) necessário para a produção de programas regionais.

Os empresários da região noroeste paulista ainda não priorizam investimentos em publicidade, e muito menos em propaganda institucional - a única forma de divulgação que pode ser veiculada em emissoras públicas educativas. Como fator complicante, os custos de produção são maiores para as pequenas do que para as grandes emissoras, o que inviabiliza ainda mais a captação de recursos, uma vez que os

unesp

prováveis patrocinadores optam por anúncios em canais comerciais com demonstrativos de público telespectador convincentes.

Assim, não se pode prever quando existirão as condições e os recursos mínimos para que a **TV Universitária** de Votuporanga, canal 55 em UHF, possa oferecer uma programação atraente que gere retorno para o público, em termos de riqueza cultural, e aos patrocinadores, em forma de clientes. O alcance dos sinais da TV Universitária local, que opera com transmissor de 1000 W, também não é suficiente para atrair investimentos da classe empresarial.

MUYLAERT (1993) acredita que o *marketing* cultural pode viabilizar a produção de programas que sejam fontes de conceitos sadios e úteis à sociedade, e também equacionar, em pouco tempo, os problemas do setor cultural. Para ele o conceito de cultura televisiva não pode ser ignorado, com o que concorda ALMEIDA (1994:08) ao afirmar que

> **" há uma grande maioria de pessoas cuja inteligência foi e está sendo educada por imagens e sons, pela quantidade e qualidade de cinema e televisão a que assistem e não mais pelo texto escrito".**

No entanto, convencer empresários interioranos de que podem conseguir retorno institucional a partir do patrocínio de um telejornal de uma emissosa de 1000 W não é tarefa fácil nem para o experiente Muylaert. Acabam colaborando com a imprensa apenas algumas empresas ligadas, direta ou indiretamente, ao grupo político dirigente da Fundação Educacional.

Diante desse quadro, produz-se um jornalismo televisado de baixíssimo custo e, conseqüentemente, sem o alto nível de produção das grandes redes de TV, fator importante já que esse recurso atrai e pode assegurar grandes audiências se bem utilizado. Torna-se mais barato, também, entrevistar apenas as autoridades de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

plantão - os escolhidos pela mídia - e não os verdadeiros atores dos acontecimentos sociais.Essas personagens eleitas como importantes pela imprensa já não mais atraem aquele público telespectador que realmente carece de informações esclarecedoras e do jornalismo interpretativo.

Teoricamente, o rádio seria o veículo ideal para a democratização da informação num município interiorano com parte da população vivendo na zona rural, mas as emissoras locais também não estão sob o comando de comunicadores sociais, como os jornais impressos. Quatro emissoras de rádio funcionam atualmente: duas transmitindo em freqüência modulada e duas em amplitude modulada. O jornalismo radiofônico, caracterizado pela instantaneidade e pelo noticiário local interpretativo, não é praticado em nenhuma delas. As equipes de reportagam nas ruas já existiram, mas as pressões político-sociais acabaram inibindo os donos de emissoras, que costumam esquivar-se, quando questionados a respeito, e atribuem o fim das equipes de reportagem apenas aos gastos com salários e equipamentos. Emissoras potentes de municípios vizinhos também podem ser sintonizadas e disputam a atenção dos ouvintes votuporanguenses.

As rádios locais limitam-se a veicular boletins informativos repetidores das notícias publicadas pela grande imprensa nacional, informações menos comprometedoras quando as políticas de comunicação são baseadas na bajulação de autoridades políticas e possíveis patrocinadores. E nessa última categoria - a dos prováveis financiadores das empresas radiofônicas - só não estão os desempregados. Incluem-se todos que um dia talvez possam pagar, pelo menos, pela publicação de avisos ou anúncios de compra e venda.

A Rádio Universitária FM é a emissora educativa mantida pela Fundação Rádio Educacional de Votuporanga. Ela é a única que poderia levar aos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

ouvintes da região informações menos fragmentadas e capazes de oferecer ao público visões mais panorâmicas dos quadros e jogos políticos e sociais. No entanto, não o faz. Não participa da vida da sociedade votuporanguense tanto quanto as rádios comerciais Clube FM, Cidade AM e Clube AM.

Já que a legislação atual não permite às rádios educativas a veiculação de mensagens publicitárias e os empresários não apoiam culturalmente sua programação, seu noticiário deveria ganhar o direito de ser independente e imparcial, livre dos limites geralmente impostos pelos patrocinadores. Seu departamento de jornalismo deveria ter liberdade para atuar sem adequar as pautas à vontade dos empresários que costumam garantir a manutenção das emissoras comerciais. Mas isso também não acontece porque a Fundação Educacional de Votuporanga (FEV), tradicionalmente e não oficialmente, acaba conferindo poderes aos seus diretores. Não existem salários para os diretores de uma instituição educacional sem fins lucrativos, como é o caso da FEV, mas quando empresários, médicos, engenheiros ou professores assumem cargos de diretoria parecem vestir a toga dos magistrados romanos. E nesse contexto a rádio Universitária FM torna-se ferramenta de pretensos poderosos, quase sempre homens com vocação para inúmeras atividades mercantilistas, mas totalmente leigos no que diz respeiro à área de Comunicação Social.

Os editores das emissoras de rádio e de televisão educativas de Votuporanga nunca puderam implantar projetos realmente jornalísticos. As propostas não saem do papel porque os conselhos de programação, obrigatoriamente formados por representantes de todos os clubes de serviços, dos três poderes públicos e das associações locais, ou seja, pelas chamadas forças vivas do município, sempre encontram formas de boicotar o jornalismo. "Forças ocultas" da sociedade votuporanguense, por meio de estratégias pouco éticas mas eficientes, impedem que se pratique atividades

jornalísticas na cidade. Em experiências anteriores, quando a TV Universitária chegou a produzir precariamente telejornais em VHS, as pautas não passavam de roteiros de *merchandising* da própria FEV ou das atividades políticas e comerciais dos seus diretores.

Além dos jornais impressos diários, das rádios e do canal de televisão circula semanalmente o jornal "Votuporanga Aqui", que já se chamou "Folha de Votuporanga". Esse semanário divulga, sobretudo, matérias pagas pelas prefeituras da região, sem nunca esconder seu caráter estritamente político-partidário e comercial. Nessa publicação, as notícias são sempre frias, reportagens encomendadas por políticos de todos os partidos com objetivos eleitoreiros. Por esse motivo, não dediquei tempo algum à pesquisa de sua história. Trata-se de um jornal modular. As páginas internas são as mesmas nos semanários "Votuporanga Aqui", "Folha de Fernandópolis" e "Folha de Jales" e as primeiras e últimas páginas trazem informações sobre cada uma das cidades citadas nos nomes das publicações.

No decorrer deste trabalho, com o intuito de justificar a necessidade de implantação de um jornal comunitário em Votuporanga, e de demonstrar que o alcance da imprensa local limita-se à área central e apenas a um público leitor de classe média, foram realizadas pesquisas, nos arquivos dos jornais impressos mais expressivos da cidade, ou seja, os que têm maior número de assinantes: os diários "A Cidade" e "Diário de Votuporanga".

Não foi difícil constatar que as linguagens de ambos os jornais, considerando-se a sistemática utilização de expressões usadas predominantemente pelas classes mais abastadas (principalmente nos editoriais e artigos), no decorrer do tempo, traduzem claramente relações de influência e, porque não dizer, uma relação de domínio. AMADO e GUITTET (1978:47) vêem a linguagem como produto de uma norma social e a língua como um sistema evolutivo;

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

> **"a criação de novas palavras, a busca de novas fórmulas marcarão as relações de influência que animam os grupos e os indivíduos ... Quanto aos grupos, é sempre revelador observar os tipos de empréstimos que um grupo social efetua; esses signos serão sempre a marca de um desejo de semelhança, de identificação com o grupo social em questão"**

2. EVOLUÇÃO DO JORNALISMO IMPRESSO EM VOTUPORANGA

A cidade de Votuporanga completou sessenta anos de fundação no dia oito de agosto de 1997. A cobertura dos festejos comemorativos foi realizada pelos três jornais hoje em circulação, dos sete já editados nos últimos cinqüenta e cinco anos no município. Durante os trabalhos de pesquisa foi interessante, e ao mesmo tempo causou certo incômodo, constatar a pouca importância que os próprios profissionais de comunicação dão à história do jornalismo impresso em Votuporanga. Pude perceber total desinteresse dos repórteres, redatores e editores mais jovens pela "memória da cidade" que estaria impressa nas primeiras publicações locais. Foi impossível descobrir se algum dos familiares dos fundadores da cidade teria guardado exemplares dos jornais já extintos. Visitei parentes dos pioneiros, que indicaram nomes de antigos articulistas, mas nenhum deles havia guardado uma única edição. Nem mesmo o senhor Herotides de Oliveira, hoje alfaiate e que foi o primeiro entregador de jornais da cidade, possui um exemplar desses guardado.

Conhecido por Neco Alfaiate, Herotides de Oliveira lembra-se de ter distribuido a primeira edição do semanário "A Voz do Oeste", o primeiro jornal impresso de Votuporanga. Na época, por volta de 1941, dois jornaleiros eram suficientes para que os jornais chegassem a todas as residências, ainda no período da manhã. Um era o Neco e o outro seu amigo Romildo, cujo sobrenome o senhor Herotides já não consegue mais se lembrar. "Afinal, passaram-se 55 anos e quando

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

criança ninguém se preocupa com o sobrenome", explicou Herotides, durante nossa entrevista. Mas, lembra-se ele de que seu pai, Arthur de Oliveira, comprara um tipografia logo que mudou-se com a família para Votuporanga, vindo de Borborema, e que seu irmão, Indalécio de Oliveira trabalhava junto com seu pai na tipografia e na redação do jornal, enquanto ele se responsabilizava pela entrega dos jornais aos assinantes, com tiragem semanal. .

O semanário "A Voz do Oeste" veiculava notícias sobre a vida social da época, sobre a política local e fatos curiosos, lembra Herotides. Foi vendido por volta de 1950 ao advogado Deocleciano de Souza Vianna e seu sócio Marcelino Brandão. Ambos, ainda vivos, continuam atuantes. Deocleciano advoga e Marcelino Brandão administra sua agência de viagens, mas os dois são avessos à idéia de tecer comentários sobre o jornal que rebatizaram de "Oeste Paulista", após assumirem sua direção. O "Oeste Paulista", segundo informações do sr. Herotides de Oliveira, a única fonte encontrada, foi o segundo jornal impresso votuporanguense. A respeito da linha editorial desse semanário as lembranças do sr. Herotides coincidem com as de outros pioneiros que acompanharam a história político-partidária da cidade. Era um jornal "corajoso", conforme suas palavras, essencialmente voltado à crítica das decisões das autoridades políticas, e talvez, por isso, não tenha tido vida muito longa. Não se tratava de uma publicação imparcial e não foi bem sucedida, e talvez esteja nesses fatores a causa da indisposição de seus editores quando inquiridos sobre o "Oeste Paulista".

O terceiro jornal criado na cidade foi a "Gazeta de Votuporanga", mas ninguém foi capaz de lembrar a data de sua criação ou sua linha editorial. A única informação que alguns antigos moradores puderam me oferecer refere-se ao nome do proprietário da "Gazeta de Votuporanga", que foi o senhor Pedro Tagliavini. A "Gazeta" circulou por pouco tempo. Por alguns meses, os votuporanguenses ficaram sem nenhum

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

veículo de informação impresso, até que o advogado Anísio Garcia Martins montou o quarto jornal da "cidade das brisas suaves" (tradução do vocábulo tupi-guarani Votuporanga), intitulado "Primeira Hora". Entretanto, a nova publicação também não chegou a circular durante o período mínimo necessário para que suas características editoriais ficassem na memória da população. Sabe-se apenas que o "Primeira Hora" era distribuido gratuitamente e que chegou a ser editado até a criação do semarário "A Vanguarda", em 1954, pelo jornalista Nélson Camargo.

Em 1964 o jornal "A Vanguarda" passou a ter circulação diária e em 1984 passou a chamar-se **"Diário de Votuporanga"** , antes do lançamento de um novo diário, o jornal **"A Cidade",** pelo jornalista João Carlos Ferreira. O diário "A Cidade" começou a circular em janeiro de 1985. Esses dois veículos impressos são os únicos que continuam circulando diariamente em Votuporanga, e merecem a citação de seus percursos históricos para melhor compreensão da influência exercida pelos meios de comunicação de massa impressos na população votuporanguense (QUADRO 01).

2.1. Jornal "DIÁRIO DE VOTUPORANGA"

Há 43 anos, o empresário Nelson Camargo comprou uma tipografia com impressora plana, de acionamento manual, e investiu na área da comunicação em uma cidade onde quatro periódicos já haviam falido. Seu semanário, A Vanguarda, estava chegando para ficar, e o nome do novo tablóide votuporanguense homenageava o poeta João de Melo Macedo, que produzia uma publicação homônima no estado de Minas Gerais, em Santa Rita de Cássia. O jornal "A Vanguarda" foi fundado em 15 de julho de 1954 e seu proprietário mostrou que tinha vocação para os negócios da comunicação, tanto que em 1956 já havia conseguido uma concessão federal para abrir sua rádio, a Rádio Clube AM de Votuporanga, e os dois veículos vêm

operando ininterruptamente desde então.

QUADRO 01 - JORNAIS DE VOTUPORANGA

ANO DE FUNDAÇÃO	TÍTULO	PERIODICIDADE	PROPRIETÁRIO	PROFISSÃO
1941	A Voz do Oeste	semanário	Arthur de Oliveira	gráfico
1950	Oeste Paulista	semanário	Deocleciano de Souza Viana	advogado
1950 a **1954**	Gazeta de Votuporanga / Primeira Hora	semanário	Pedro Tagliavini / Anísio Garcia Martins	comerciante / advogado
1954	A Vanguarda	semanário / diário	Nelson Camargo	advogado
1980	Folha de Votuporanga	semanário	Anésio Pelicione	comerciante e depois jornalista provisionado
1984	Diário de Votuporanga (sucessor de A Vanguarda)	diário	Nelson Camargo	advogado e depois jornalista provisionaco
1985	A Cidade	semanário / diário	João Carlos Ferreira	radialista e depois jornalista provisionado

Jornal "**A Cidade**"

Jornal "**Diário de Votuporanga**"

1954 Impressora Manual *Planeta* e composição a quente com **linotipos***, em que a paginação era feita na bolandeira, com lingões e tipos móveis e clichês de zinco. O jornal circulava semanalmente.

1964 Impressora de mesa automática permitiu o início da circulação diária, mas a composição ainda era a quente, no sistema tipográfico convencional.

1984 Impressora Manual *Planeta* e composição com linotipos. Na bolandeira eram montadas quatro páginas no tamanho tablóide, compostas com tipos móveis e lingões de chumbo.

1986 Impressora Nebiolo Macchine automática permitiu a mudança do formato tablóide para o *standard*. Composição continuou a ser feita a quente. A tiragem de 1800 exemplares era impressa em 3 horas.

1993 Impressora **offset**** e novo projeto editorial, e a composição foi informatizada adotando-se o sistema de modulação gráfica.

1994 Impressora Harris Intertype passou a imprimir pelo sistema offset, e em apenas 20 minutos, os 1800 exemplares diários. Os processos de composição e paginação foram informatizados.



Apesar de não ter feito nenhum curso de jornalismo, de não ser, portanto, bacharel em Comunicação Social, quando o governo decidiu conceder provisões a quem já trabalhava em determinadas áreas, para que pudessem exercer, como práticos, algumas profissões, o empresário Nelson Camargo conseguiu o seu provisionamento como jornalista por já estar atuando há mais de cinco anos, conforme exigia a legislação.

Dez anos depois do seu lançamento, em julho de 1964, o jornal "A Vanguarda" passou a ter circulação diária e seu parque gráfico recebeu novos equipamentos; linotipos e uma impressora automática possibilitavam o fechamento das edições por volta das dezoito horas, quando já estavam na impressora as quatro páginas internas e os gráficos iniciavam a composição dos lingões para a montagem da capa e das páginas dois, sete e oito. O trabalho era muito demorado, e a impressora só conseguia concluir as edições por volta das quatro horas da madrugada, quando os jornaleiros chegavam para dobrar manualmente as folhas, uma a uma. A distribuição nunca começava antes das seis da manhã, e problemas na oficina eram constantes, mas a reforma gráfica seguinte só aconteceu em fevereiro de 1979, quando linotipos menos desgastadas foram adquiridas juntamente com novas fontes e uma impressora um pouco mais eficaz.

Em 1983, os diretores do jornal "A Vanguarda" iniciaram uma pesquisa, por meio do jornal e da Rádio Clube AM, com o objetivo de rebatizar o veículo impresso de sua empresa familiar, que crescia e passara a chamar-se Sistema Vanguarda de Comunicação. Na época, o empresário Nélson Camargo já tentava conseguir, junto ao Ministério das Comunicações, uma concessão para a exploração de um canal radiofônico de Freqüência Modulada. A emissora FM seria o terceiro veículo de comunicação do Sistema Vanguarda, e as negociações, em Brasília, já estavam em andamento. O nome do então Ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães, já

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

era ouvido freqüentemente nos corredores da rádio Clube AM e na redação d'A Vanguarda". Inclusive, o jornal publicava na primeira página, em destaque e com fotografia de Antonio Carlos Magalhães, todas as matérias sobre o ministro veiculadas na Folha de S.Paulo e no Estado de S.Paulo. As edições com fotos do Ministro das Comunicações eram enviadas ao seu gabinete, em Brasília, como lembretes para garantir a concessão de FM.

A Clube AM e o diário "A Vanguarda" funcionam no mesmo prédio, até hoje, em local privilegiado: na Praça dos Expedicionários, o centro de Votuporanga. Nessa praça ficam, também, a Concha Acústica, palco de todos os shows artísticos populares promovidos na cidade, a Biblioteca Municipal e o calçadão. O lugar costuma ficar repleto nos finais de semana, e a praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida, com fontes luminosas, pombas, pipoqueiros e carrinhos de lanches, situa-se ao lado, separada apenas pela rua Goiás. Em frente à Matriz, funcionam o Cine Votuporanga e o Teatro Municipal. Não existe na cidade, portanto, local mais estratégico para a sede de uma rádio AM e de um jornal diário

A primeira edição com o novo nome, "Diário de Votuporanga", circulou no dia 8 de janeiro de 1984, ainda composta "a quente"nas velhas linotipos d'A Vanguarda. No entanto, novas fontes (conjuntos de matrizes ou moldes) foram adquiridas, com letras mais arredondadas que aproximavam, esteticamente, o "Diário de Votuporanga" dos modernos jornais da grande imprensa nacional, nos quais, há alguns anos, o sistema *offset* já estava em uso. Novos clichês (carimbos de chumbo), com ícones que caracterizavam as seções, também foram confeccionados, o que exigiu um investimento muito alto. Tanto que o reflexo foi sentido, já nos meses seguintes, por toda a equipe de funcionários: durante todo o ano os salários foram pagos com atraso.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

O "Diário de Votuporanga" nasceu com novas seções e colunas, para facilitar o trabalho dos contatos publicitários. É bem mais fácil convencer empresários a patrocinarem colunas fixas do jornal, do que lhes vender módulos desvinculados de seções, como a de esportes, a de polícia e as páginas que trazem as fotos dos colunáveis da sociedade local. Jorge Luís, o Jorginho da Clube, e Cláudia Marin, a Cáia, desde aquela época comercializam espaços publicitários para o Sistema Vanguarda de Comunicação. Ambos confirmaram, em entrevista com este pesquisador, que são renovados com maior facilidade os contratos publicitários feitos com clientes que patrocinam seções e colunas, do que com os demais patrocinadores. Comentam, também, que, na verdade, todos gostariam de colocar seus anúncios nas páginas centrais do jornal, as duas páginas reservadas para as colunas sociais. Como os preços dos módulos de publicidade são bem mais caros nesses espaços, os comerciantes que preferem não investir muito em propaganda acabam escolhendo a segunda melhor opção: a página de esportes. Em seguida, as páginas preferidas são as terceiras de cada caderno, e na seqüência vêm todas as páginas ímpares. Cáia e Jorginho dizem que são verdadeiras vitórias, dignas de comemorações, as vendas de espaços publicitários nas páginas pares, apesar dos preços desses espaços serem os menores.

Em 1986, no dia 23 de agosto, o Ministério das Comunicações autorizou o canal de FM da Rádio Clube. A partir daí, o Sistema Vanguarda de Comunicação viveu uma fase de investimentos em equipamentos de radiodifusão. Quanto maior o alcance de uma emissora de FM, maior é a garantia de uma boa carteira de patrocinadores, e esse alcance depende de transmissores de alta potência, da altura da torre e de outros componentes eletrônicos de custo muito elevado. Com isso, durante quatro anos não houve investimentos no parque gráfico do "Diário de Votuporanga".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

De 1986 a 1990, a audiência da Clube FM cresceu consideravelmente, conforme declarações de seu diretor, Dimas Liévana de Camargo. Dimas, um engenheiro eletricista, filho mais velho do empresário Nélson Camargo, não contraria a regra geral, em relação aos empresários da área de comunicação, no Brasil. Dirige uma empresa de radiodifusão com base em seus conhecimentos de economia e engenharia, mas não tem nenhuma formação em comunicação social.

Estabilizada a situação financeira da Clube FM, o Sistema Vanguarda de Comunicação passou a investir na compra de impressoras *offset*, e dos equipamentos necessários para a informatização da produção editorial.

Em dezembro de 1993, o "Diário de Votuporanga"deixaria de ser impresso pelo sistema tipográfico tradicional, para adotar o sistema de modulação gráfica. A primeira edição do "Diário", produzida pelo sistema *offset*, circulou no dia 22 de dezembro de 1993, totalmente remodelada. Novos projetos editorial e gráfico deram vida nova ao diário mais antigo da cidade, e não só pelo alto padrão de qualidade industrial. A informatização dos processos de composição de textos, fotos e ilustrações, passou a permitir planejamentos gráficos nunca vistos pelos leitores locais.

Entretanto, com relação à linha editorial, por enquanto, nada mudou. Ao que se vê, não se pensa em democratização da informação no "Diário deVotuporanga". Pelo contrário, com o envelhecimento de seu proprietário e diretor, o experiente e cada dia mais cauteloso, eterno jornalista da situação, Nelson Camargo, o conteúdo informativo do jornal está se tornando dominantemente conservador.

2.2. Jornal "A CIDADE"

Em 1979, alguns empresários votuporanguenses, liderados por Deoclécio Lasso, proprietário de extensa faixa de terra na periferia oeste da cidade,

unesp

decidiram iniciar sua investida política com o objetivo de assumir a prefeitura. Até então, os políticos, que se revezavam no poder, priorizavam o crescimento da área urbana para os setores norte e sul, onde surgiram grandes loteamentos "coincidentemente"em suas terras. Como instrumento político do grupo de Deoclécio Lasso foi instalada em local estratégico, na praça central de Votuporanga, a rádio "8 de Agosto", que operava em AM e investiu basicamente em programas jornalísticos locais e em programações musicais pautadas pela interatividade entre locutores e ouvintes. Era uma rádio popular e, em pouco tempo, sua audiência passou a incomodar os diretores da Rádio Clube AM, empresa radiofônica pertencente ao jornalista Nelson Camargo, também proprietário do jornal diário "A Vanguarda", hoje "Diário de Votuporanga".

Apenas para contextualizar a situação política, o fato é que a Rádio Clube AM e o diário "A Vanguarda" eram veículos ligados à ala conservadora da cidade, composta basicamente pelos católicos freqüentadores da igreja matriz, pelos rotarianos e membros da primeira loja maçônica fundada em Votuporanga. A rádio "8 de Agosto", que, em 1985, passou a chamar-se "Rádio Cidade", acabou acolhendo e representando os empresários locais não descendentes de famílias tradicionalmente ricas. Em relação à sua concorrente, a "Rádio Clube AM", abria maior espaço aos profissionais liberais vindos de outros municípios e aos programas religiosos não católicos.

Mas, apesar de informação ser sinônimo de poder na sociedade contemporânea, passadas as eleições, nem mesmo o jornalismo tendencioso e sensacionalista, veiculado pela rádio "8", conseguiu alterar o quadro político. Os conservadores, que sempre decidiram o futuro de Votuporanga, continuaram ocupando os cargos do Executivo e do Legislativo. A derrota nas urnas levou o grupo diretor da rádio "8 de Agosto" a montar o jornal diário "A Cidade", composto em linotipos e que começou a circular em primeiro de janeiro de 1985 com a retaguarda financeira do

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Grupo Disdroga, uma grande distribuidora de remédios que acabou falindo alguns anos depois (QUADRO 02).

De janeiro de 1985 a agosto de 1986, o novo jornal foi impresso em formato tablóide. Passou a circular na concepção atual (*standard*) em setembro de 1986. Na primeira edição estandardizada, uma notícia chamou a atenção, quando este pesquisador realizava a pesquisa de campo. A manchete dizia que a cidade tinha uma população de 79 mil habitantes, em agosto de 1986, quando a mais recente estimativa do IBGE (julho de 1997) indica uma população de 71.229 habitantes. Se aquela informação corresponder à realidade da época, a população de Votuporanga sofreu uma redução de quase dez por cento, nos últimos onze anos.

O jornal "A Cidade" foi lançado por Luiz Rivoiro, que na verdade nunca foi jornalista e sim um locutor de rádio adepto do sensacionalismo e inconseqüente. Rivoiro não era de Votuporanga, foi contratado e era bem pago, conforme ele mesmo dizia, justamente para abalar as estruturas do poder, famoso que era por sua capacidade de alimentar polêmicas como ninguém. Acompanhava-o desde o início, na direção da empresa, o atual diretor, João Carlos Ferreira, que hoje dirige sozinho o jornal. Ambos nunca fizeram nenhum curso de comunicação social, e João Carlos Ferreira nem pretende estudar, conforme declarou em entrevista que me concedeu no início de setembro, embora a Fundação Educacional de Votuporanga já ofereça o curso de Comunicação Social com habilitações em Jornalismo, Radialismo, e Publicidade e Propaganda.

É importante registrar que a irresponsabilidade do radialista Luis Rivoiro, no período em que foi âncora do jornalismo da rádio "8 de Agosto"e depois editor do jornal "A Cidade", ao mesmo tempo em que desencadeou uma série de processos jurídicos contra a empresa em que trabalhava despertou, na equipes da Rádio



QUADRO 02 -

DESCRIÇÃO DAS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

SISTEMAS TIPOGRÁFICO E LITOGRÁFICO

* **Linotipos** são máquinas totalmente mecânicas com uma caldeira elétrica que funde tipos em letras de chumbo. As letras gravadas ficam em alto relevo e, depois de receberem a tinta do rolo de borracha, são impressas no papel. As duas páginas que são montadas de cada vez na bolandeira - uma espécie de bandeja - após o contato com a tinta imprimem diretamente no papel, como se fosse um grande carimbo.

A linotipo utiliza um teclado semelhante ao das máquinas de escrever só que os tipos não são fixos como nas máquinas comuns. Cada letra tem uma matriz correspondente e as linhas (lingões de chumbo semelhantes a carimbos de borracha) são compostas uma a uma até que as colunas são montadas e encaixadas na bolandeira. Os títulos são feitos depois, letra por letra, e os logotipos, ilustrações e fotografias exigem a fabricação de clichês - carimbos de zinco. As imagens que hoje são arquivadas em uma caixa de disquetes (10 unidades) não caberiam numa clicheria (uma sala) de 10 metros quadrados, porque as placas de zinco (e depois de plástico) precisavam ser coladas a pedaços de tábua com as mesmas medidas das fotos para ficarem no mesmo plano das letras, já que os lingões de chumbo fundido tinham uma altura de aproximadamente 2 centímetros. Só assim o rolo de tinta da impressora "de mesa", ao ser comprimido sobre as páginas compostas na bolandeira, conseguia destacar os traços em alto relevo do clichê para a transferência da tinta, e da imagem, para o papel.

Offset é um sistema de impressão em que as pesadas páginas de chumbo - que chegavam a pesar de 30 a 40 quilos - dão lugar a chapas metálicas, de zinco ou alumínio, pouco mais espessas que uma folha de papel, onde os títulos, textos, fotos e anúncios são gravados por um processo fotoquímico.

Compostas em módulos por computadores em papel translúcido (vegetal), *laser-film* ou fotolito, as páginas são dispostas sobre as chapas metálicas e ambas são submetidas a uma prensa de vácuo. Uma luz proveniente de fortes lâmpadas (infra-vermelho) brilha através do papel translúcido e sensibiliza a película que reveste a chapa (num processo semelhante ao fotográfico), enfraquecendo o revestimento das chapas metálicas apenas nos pontos onde há transparência. As partes opacas (a mancha da página), que correspondem às letras e fotos impressas, bloqueiam a luz, deixando sob elas o revestimento forte da chapa. Essa chapa flexível é fixada em um dos cilindros da máquina e a impressão é feita sobre a superfície de borracha de um outro cilindro rotativo e transferida para o papel pela pressão de outros cilindros, cobertos por rolos que levam tinta e água para a chapa. Nas chapas, as partes impressoras estão no mesmo nível que as partes não-impressoras, mas a litografia em offset baseia-se no princípio de que a água e o óleo não se misturam. As partes impressoras são quimicamente tratadas de modo que, quando a chapa está na máquina de impressão, elas repelem a água que sai dos rolos de água e aceitam a tinta gordurosa que sai dos rolos de tinta. Já as partes não impressoras, aquelas que foram "queimadas" pela luz infra-vermelha, aceitam a água e repelem a tinta.



Clube e do Diário de Votuporanga, o espírito de competição, e Votuporanga viveu um dos melhores momentos do jornalismo local. Rivoiro praticava o jornalismo opinativo e de denúncia, e praticamente obrigou os concorrentes a mudarem sua política de comunicação, tradicionalmente conhecida por ser omissa e conivente com a situação, não importando a facção política que estivesse no poder.

Rivoiro deixou a cidade alguns meses após a criação do novo diário, mas o jornalismo de "furos" continuou existindo por mais um ano, aproximadamente, com as equipes das rádios e jornais sempre em busca de notícias quentes. Entretanto, logo os diretores das duas empresas jornalísticas locais deixaram de investir em reportagens externas e nos *flashes* ao vivo, e voltou-se ao chamado "Gillete Press", ou seja, à publicação de matérias frias praticamente recortadas dos jornais "Folha de S. Paulo", "O Estado de S. Paulo" e "Gazeta Esportiva".

De 1987 para cá, os dois diários locais foram deixando de lado a competição. Acomodaram-se, cada um com sua carteira de assinantes e anunciantes, discretamente noticiando as atividades de parcelas diferentes da população, separadas por uma linha divisória invisível, mas que virtualmente existe. De um lado, os rotarianos, as famílias tradicionalmente mais conservadoras, os freqüentadores das igrejas centrais, os sócios do clube tido como mais requintado e, do outro, os "leões" com suas "domadoras" do Lions Clube, as famílias que moram em bairros menos valorizados, os sócios do clube mais popular. Embora ninguém admita reconhecer é perceptível, enfim, uma divisão entre os leitores dos dois jornais, no entanto, os conteúdos de ambos os diários votuporanguenses são semelhantes.

unesp

CAPÍTULO - III-

PELOS CAMINHOS DA ORIENTAÇÃO:

O MÉTODO DA PESQUISA-AÇÃO

A pesquisa-ação, como linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva, é orientada também em função de objetivos de transformação. A produção de jornais comunitários exige, praticamente, uma espécie de militância dos indivíduos de uma comunidade interessados em estimular mudanças de comportamento que levem a ações transformadoras e, como os jornais comunitários, por suas próprias características, podem ser considerados um serviço social, optei por essa linha de pesquisa menos convencional. A maior preocupação foi a busca da compreensão e da interação entre o pesquisador e os membros da comunidade da Vila América, bairro urbano situado na zona oeste de Votuporanga, cidade localizada na região noroeste do Estado de São Paulo.

Na visão de THIOLLENT (1994), a pesquisa-ação supõe formas de ação planejadas de caráter social, educacional ou técnico sempre com um forte

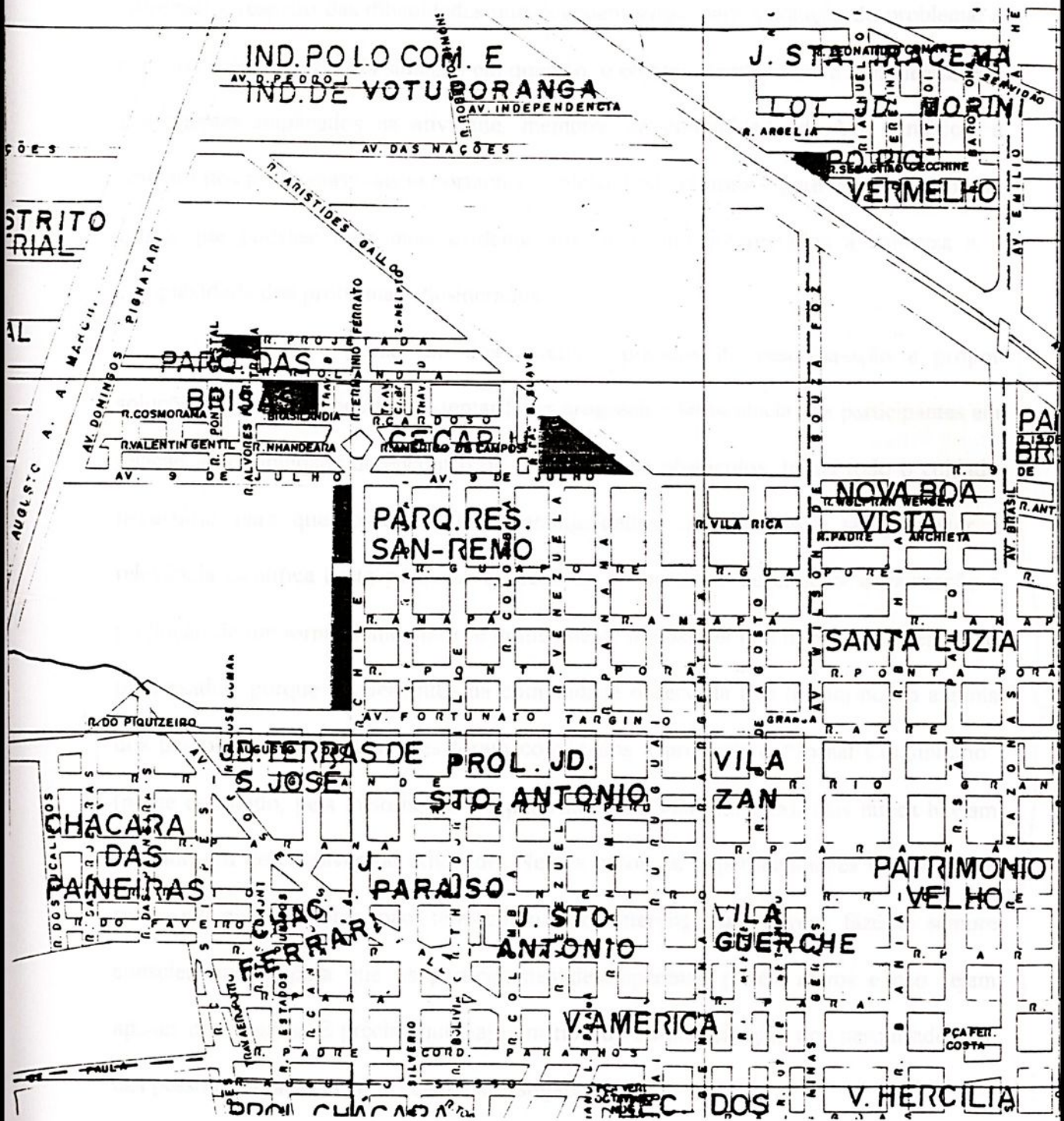
embasamento metodológico, para que se eliminem riscos e exageros na concepção e não fique, em segundo plano, o ideal científico.

Por considerar urgente a solução de problemas sociais decorrentes, além de outros fatores culturais, da ação massificadora e individualizante dos meios de comunicação de massa, os procedimentos adotados nesta pesquisa obedeceram prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação em que os participantes (moradores da Vila América em Votuporanga/SP) tiveram voz e vez. Pelas características do grupo social observado e pelo número de habitantes do setor oeste de Votuporanga, julguei ser adequada a aplicação da metodologia da pesquisa-ação (ILUSTRAÇÃO 02).

A proposta da pesquisa-ação enfatiza a análise das diferentes formas de ação em coletividades de pequeno ou médio porte e, por isso, os aspectos estruturais da realidade social da comunidade da Vila América não poderiam ficar desconhecidos. Para tanto, pesquisador e os elementos representativos da situação estiveram envolvidos de modo participativo no processo de criação e produção do jornal comunitário. A proposta desta pesquisa-ação é informativa e conscientizadora na área de comunicação. As ações tiveram um caráter prático dentro de uma atividade coletiva. Os problemas de aceitação do pesquisador no meio pesquisado foram sendo resolvidos no decurso da pesquisa, até que foi possível maior aproximação e a criação de condições necessárias para que as pessoas implicadas se sentissem à vontade para opinar e sugerir pautas, para escolher as atividades que preferissem desenvolver e como desenvolvê-las.

Esta pesquisa-ação foi organizada em meio aberto, um bairro popular, com a devida precaução para que o trabalho do pesquisador não tendesse para o de um "pregador", o que comprometeria a objetividade do trabalho. Procurei não impor concepções próprias para que fosse possível a elucidação dos vários aspectos da

ILUSTRAÇÃO 02 - MAPA DA REGIÃO OESTE - VOTUPORANGA



situação. Com o objetivo de equacionar o problema considerado como central na pesquisa, foram propostas ações que auxiliariam os membros da comunidade na sua atividade que intencionava ser transformadora da situação. Desde o início, houve consenso a respeito das dificuldades que deveriam surgir para a solução do problema, a curto ou médio prazo. Na situação em questão, o objetivo também era a conscientização dos agentes implicados na atividade, membros da comunidade da Vila América, a respeito dos problemas mais importantes - políticos ou culturais - para todo o grupo, de forma que pudesse ficar mais evidente aos olhos dos interessados a natureza e a complexidade dos problemas considerados.

Como um dos objetivos práticos da pesquisa-ação é propor soluções, quando for possível, e tentar fazer progredir a consciência dos participantes em relação à possibilidade de encontro de soluções e de obstáculos, tomei todo o cuidado necessário para que fossem evitadas ambigüidades, que pudessem comprometer a relevância científica desta pesquisa. Entretanto, no processo de criação, organização e produção de um jornal comunitário é praticamente impossível não haver interferência do pesquisador, porque os elementos da comunidade observada não tinham noção alguma dos passos a serem dados. Eles foram convidados a produzir o "Jornal Comunitário" (nome escolhido, pela maioria, para a publicação da Vila América), mas nunca haviam pensado em desenvolver tal atividade. Nesses casos de experimentações em situações reais, os pesquisadores não têm como não intervir, mas devem fazê-lo sempre conscientemente para que os participantes desempenhem papéis ativos e não sejam apenas observados. É preciso que haja um tipo de co-participação dos pesquisadores e das pessoas implicadas no problema investigado.

Outro fator importante é a interferência de todas as variáveis possíveis no processo em observação, já que os envolvidos não podem ser isolados do



sistema e vivem o dia-a-dia de trabalhadores, de pais ou de filhos, de estudantes, de inquilinos ou mutuários, enfim, de dependentes das mais variadas circunstâncias. Não se pode afirmar também que, numa pesquisa-ação como a desenvolvida junto à comunidade da Vila América, o pesquisador poderia ser qualquer um. No âmbito das ciências sociais, a substituibilidade dos pesquisadores não é total, conforme declara THIOLLENT (1994:22):

> **" o que cada pesquisador observa e interpreta nunca é independente da sua formação, de suas experiências anteriores e do próprio 'mergulho' na situação investigada"**

Para THIOLLENT (1994:22-23), reduzir a ciência a um procedimento de processamento de dados quantificados corresponde a um ponto de vista criticado e ultrapassado, até mesmo em alguns setores das ciências da natureza, e a manutenção da pesquisa-ação dentro do conjunto das exigências científicas tem que ser melhor explicitada:

> **" ... As exigências consideradas são diferentes daquelas que são comumente aceitas de acordo com o padrão convencional de observação, no qual há total separação entre observador e observados, total substituibilidade dos pesquisadores e quantificação da informação colhida na observação, enquanto princípios de objetividade."**

Esses princípios de observação pertencem ao espírito científico, mas não são os únicos e não se aplicam em todas as áreas com o mesmo grau de necessidade, defende THIOLLENT, ao concluir que se pode conceber dispositivos de pesquisa social com base empírica sem que se abandone o caráter científico. Para tanto, em lugar da separação, deve haver um tipo de co-participação dos pesquisadores e das pessoas implicadas no problema investigado. A substituibilidade do pesquisador, nessee casos, não pode ser total, em função da interpretação estar relacionada com o enredo de vida de cada pesquisador e com o grau de entrosamento entre os envolvidos na pesquisa.



> **"Em lugar de substituibilidade, a condição de objetividade pode ser parcialmente respeitada por meio de um controle metodológico do processo investigativo e com o consenso de vários pesquisadores acerca do que está sendo observado e interpretado."**

Quanto à quantificação, THIOLLENT a considera sempre útil quando se estuda fenômenos cujas dimensões e variações são significativas, e quando existem instrumentos de medição aplicáveis sem demasiado artificialismo, mas lembra que se deve levar em conta o fato de que, apesar de parecer mais precisa do que qualquer avaliação subjetiva, a quantificação "é freqüentemente uma ilusão".

As apreciações verbais minuciosas e em escalas do tipo forte-fraco, grande-médio-pequeno, aumento-diminuição etc., THIOLLENT tem como suficientes, em muitos casos, para satisfazer os objetivos da pesquisa:

> **"Tais apreciações são factíveis no processo de pesquisa-ação e, inclusive, com recursos de procedimentos argumentativos para se chegar ao consenso dos participantes em torno das mesmas"(...) "a compreensão da situação, a seleção dos problemas, a busca de soluções internas, a aprendizagem dos participantes e todas as características qualitativas da pesquisa-ação não fogem ao espírito científico. O qualitativo e o diálogo não são anticientíficos".**

No desenvolvimento da pesquisa, na parte informativa da investigação, foram utilizadas técnicas didáticas e técnicas de divulgação ou comunicação. Este pesquisador preocupou-se com o cuidado metodológico necessário para que fosse mínima a sua interferência . Essa metodologia incluiu um estudo da linguagem mais adequada à situação, para que o processamento das informações e do conhecimento obtidos não se constituisse em infração contra a ciência social.

A abordagem metodológica da pesquisa-ação apresenta muitas características que são próprias dos processos argumentativos. Na visão de THIOLLENT (1994:31), tais processos desempenham um claro papel no caso dos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

métodos alternativos em pesquisa social. Esses aspectos argumentativos encontram-se na colocação dos problemas a serem estudados conjuntamente, por pesquisadores e participantes, nas "explicações" ou "soluções" apresentadas pelos pesquisadores. As soluções encontradas, ou explicações, devem ser submetidas à discussão, entre os participantes, nas "deliberações" relativas à escolha dos meios de ação a serem implementados e nas avaliações dos resultados da pesquisa e da correspondente ação desencadeada.

Na pesquisa em questão, predominaram durante o processo de investigação - nas discussões entre pesquisador e participantes - os aspectos argumentativos. Procurou-se, sobretudo, estabelecer entre eles um espírito comum, alicerçado no interesse de produzir um veículo de comunicação que, acreditava-se, poderia colaborar na busca de melhor qualidade de vida para toda a comunidade.

Naturalmente, em função dos objetivos científicos, procurou-se não esquecer a racionalidade durante as argumentações. Não foram aceitos argumentos infundados na elaboração das interpretações, embora em vários momentos alguns participantes tenham intencionado manipulações de sentido, através de propostas que incorreriam em benefícios para alguns grupos e não para toda a comunidade. A busca de informações pertinentes e as argumentações necessárias para aumentar o grau de certeza desta pesquisa foram orientadas pelas hipóteses qualitativas lançadas no projeto inicial. Prevaleceu, no entanto, a consciência de que não se deve manter ilusões acerca de transformações da sociedade global, quando se trata de um trabalho localizado ao nível de um grupo social de pequena dimensão, como o dos moradores da Vila América.

Já na fase exploratória, quando foram feitos os primeiros contatos com lideranças da comunidade para tentar descobrir pessoas interessadas e suas expectativas, apareceram problemas práticos relativos à participação nas reuniões. A

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

princípio, parecia que ninguém encontraria tempo para se dedicar a outras atividades que não fossem as do cotidiano. A maioria dos moradores contactada demonstrou gostar da idéia de se produzir um jornal comunitário, mas quase todos antecipavam a informação de que não dispunham de tempo para reuniões, ou para nada, a não ser para trabalhar. Entretanto, a disposição de alguns e o interesse pelas causas sociais que demonstraram apontavam para a viabilidade de uma intervenção de tipo pesquisa-ação.

No capítulo seguinte, serão descritas todas as atividades desenvolvidas, por este pesquisador, em conjunto com a comunidade, desde os primeiros contatos até a distribuição da quarta edição do "Jornal Comunitário".

unesp

CAPÍTULO -IV-

JORNAL COMUNITÁRIO: A EXPERIÊNCIA

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Aproximar-se de pessoas que levam suas vidas aparentemente pouco interessadas em análises de comportamentos, despreocupadas com as teorias ou desacostumadas a elas simplesmente por imposição da relação tempo / produção / sobrevivência, e propor que participem da criação e trabalhem na produção de um jornal impresso não é exatamente a tarefa mais fácil para um jornalista. Depois dessa experiência, posso afirmar, com segurança, que é bem mais simples apurar informações de fontes institucionalizadas, obedecer à risca as pautas como se fossem ordens de serviço ao entrevistar autoridades constituidas, cobrir eventos esportivos oficiais, redigir conforme os manuais de redação ou comandar repórteres, fotógrafos e redatores como editor de um jornal-empresa. Disso, decorridos dois anos de contato estreito com os moradores da Vila América em Votuporanga, agora eu tenho certeza.

Apesar de ter residido doze anos na Vila América (ILUSTRAÇÃO 03), o trabalho como repórter, fotógrafo, redator, chefe de redação ou

unesp

editor de jornais impressos e radiofônicos, durante todo esse período, obrigou-me a passar mais tempo enclausurado nas redações do que nas ruas do bairro.

Essa atividade permitiu-me compreender e visualizar como funcionam as diversas áreas de atividades do município mas, por outro lado, levou-me a conviver mais tempo com a chamada elite da cidade do que com meus vizinhos, com quem os contatos sempre foram rápidos e superficiais. Como conseqüência, meus costumes e comportamento assemelham-se mais aos dos personagens eleitos pela mídia local do que aos dos moradores da Vila América.

Nessa condição, pude confirmar a constatação de BOSI (1986), de que por mais que um pesquisador procure infiltrar-se no ambiente da pesquisa, nunca conseguirá enxergar e avaliar determinadas situações com o olhar dos que realmente as vivem e sentem, daqueles que são obrigados a enfrentá-las ou suportá-las sabendo que dificilmente poderão alterar sua realidade. O pesquisador pode tentar envolver-se e viver situações do cotidiano de outros grupos sociais que não o seu, pode procurar compreender e propor soluções para alguns problemas sociais, mas nunca será parte dos grupos observados. Suas observações também poderão ser sempre questionáveis, porque os processos de comunicação entre ele e as pessoas obrigatoriamente envolvidas podem sofrer ruídos capazes de comprometer toda a pesquisa.

Para que se compreenda a cultura de grupos aos quais não se pertence, BOSI (1986:) afirma que não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa. Para ela, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes.

> **" ... Não bastaria trabalhar alguns meses numa linha de montagem para conhecer a condição operária. O observador participante dessa condição por algum tempo tem, a qualquer momento, possibilidade de voltar para sua classe, se a situação se tornar difícil..."**

unesp

A capacidade do pesquisador, de desvendar as expressões da substância narrativa da fala popular é questionada por BOSI, porque as diferenças, em relação à chamada fala culta, podem colocar obstáculos no processo de compreensão dos depoimentos, principalmente no momento de passá-los para a escrita. Para ela, o pesquisador que se aproxima apenas periodicamente do grupo pesquisado continua "revestido pelos signos de seu *status* social, signos bem visíveis para o sujeito que ele entrevista", e isto pode provocar interferências prejudiciais aos processos de comunicação entre pesquisados e pesquisador.

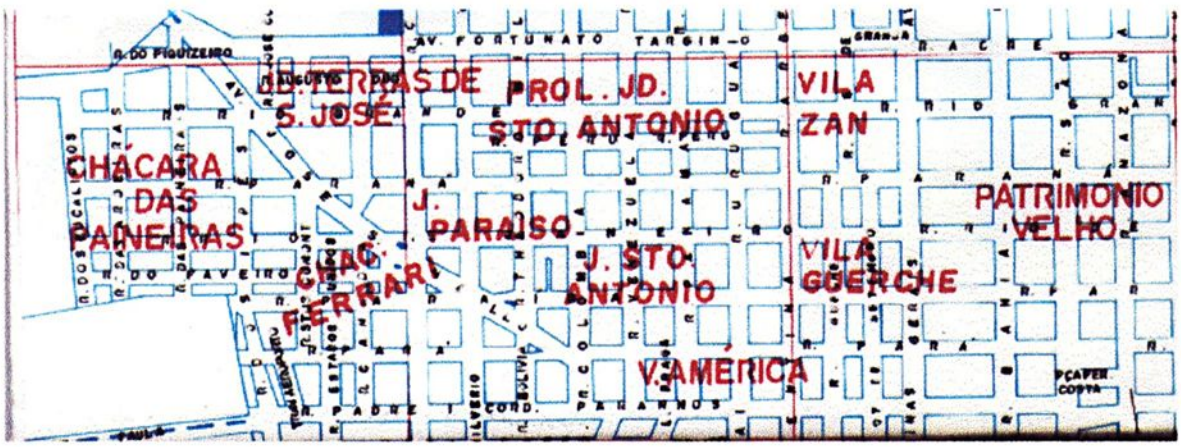
A comunicação não-verbal ocorre naturalmente em todos os relacionamentos, e as reações são imprevisíveis até que os interlocutores certifiquem-se dos reais significados dos gestos, dos modelos das roupas, das expressões faciais, dos tons de voz ou até da distância física durante um diálogo para ambos os interlocutores. Aferidos, consciente ou inconscientemente, os códigos, podem surgir, ou não, as condições necessárias para a comunicação efetiva entre as partes. Nesse caso seria entre este pesquisador e os representantes da comunidade interessados na concretização do projeto "Jornal Comunitário".

Iniciei o trabalho procurando as repartições da Prefeitura Municipal que poderiam me fornecer o mapa da região oeste de Votuporanga e informações sobre os números de residências e de comerciantes cadastrados no universo da pesquisa. Esses elementos eram importantes para o planejamento das ações. Com os dados disponíveis pude delimitar o setor a ser coberto pelo jornal e prever o potencial de possíveis patrocinadores do projeto. A análise dos cadastros demonstrou ser bem maior o número de profissionais liberais do que o de estabelecimentos comerciais cadastrados. Predominam, na Vila América, os prestadores de serviços, pedreiros, encanadores, pintores, mecânicos, reformadores de móveis, sapateiros, costureiras e pequenos

unesp

ILUSTRAÇÃO 03

Mapa da Vila América - Votuporanga



O universo da pesquisa, entre as ruas Padre Izidoro Cordeiro Paranhos, Fortunato Targino Granja, Bahia e rua dos Eucaliptos.

comerciantes (LISTA 01). Após essa constatação, considerando-se que mesmo os grandes empresários interioranos tendem a não acreditar no retorno dos investimentos em publicidade, era indiscutível a hipótese de que seria um grande desafio encontrar gente disposta a dividir os custos de produção de um jornal comunitário. Tudo indicava que o sucesso do projeto dependeria mesmo da existência de um "espírito comunitário" que envolvesse inclusive os comerciantes. O apoio financeiro ao projeto deveria ser encarado realmente como colaboração para que a comunidade pudesse ter acesso a um meio de comunicação interessante para a maioria da população da Vila América, dada a impossibilidade de se apresentar aos empresários quaisquer pesquisas que pudessem garantir-lhes lucros decorrentes das publicidades veiculadas no jornal comunitário.

Em 1996 aconteceriam eleições municipais. Desde o início do ano, os pré-candidatos aproximavam-se do eleitorado. Essa situação gerou uma série de obstáculos e dificuldades, principalmente por residir no bairro o vereador Silvio Carvalho, que já havia sido reeleito e exercia, então, seu segundo mandato na Câmara Municipal.

As resistências puderam ser rapidamente detectadas, mas não faltava o apoio de moradores entusiasmados com a idéia, divididos entre otimistas e céticos, embora acreditassem que um jornal produzido pela própria comunidade seria uma conquista interessante para todos. O quadro não permitia criar falsas expectativas, mas tudo indicava serem possíveis as condições necessárias para a realização da experiência. O planejamento das ações foi o passo seguinte (ILUSTRAÇÃO 04 e 05).

Como o projeto dependeria diretamente da participação dos membros da comunidade e cada um sempre tem seus compromissos particulares, naturalmente a divisão de tarefas em nenhum momento poderia ser considerada definitiva. A participação do pesquisador em todas elas seria inevitável. Procurei, então,

unesp

LISTA 01 - COMÉRCIO DA VILA AMÉRICA - VOTUPORANGA

10 cabeleireiras
15 faxineiras
04 barbeiros
01 jardineiro
02 pintores de residências
15 pedreiros / encanadores / eletricistas / carpinteiros
02 sapateiros
01 fotógrafo
04 feirantes
02 cocheiros urbanos
02 cobradores autônomos
02 propagandistas com auto
02 engenheiros
09 mercearias
11 bares
03 micro-indústrias de artefatos de couro
03 padarias
02 farmácias
01 papelaria
02 escritórios de contabilidade
07 lojas de confecções / artigos para decoração
01 comércio de peças para máquinas industriais
12 mecânicos / oficinas / funilarias
02 borracheiros
04 açougues
05 técnicos de rádio e TV
03 costureiras
01 estamparia
04 bicicletarias
04 serralheiros
02 técnicos em máquinas de costura
02 cerealistas
01 fábrica de gelo
02 lojas de materiais de construção
03 revendas de gas
01 estamparia
04 reformadoras de móveis
01 fabricante de calhas
01 encadernador
09 representações comerciais
01 construtora

Total de profissionais da Vila América cadastrados na Prefeitura de Votuporanga: **139**

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

ILUSTRAÇÃO 04

ORGANOGRAMA DE EMPRESA JORNALÍSTICA

PROPRIETÁRIOS
(mecanismo de controle da informação)

SETOR ADMINISTRATIVO
(mecanismo de controle da informação)

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Contatos publicitários
(mecanismo de controle da informação)

EDITOR-CHEFE
(mecanismo de controle da informação)

EDITORIA 1	EDITORIA 2	EDITORIA 3	EDITORIA 4	EDITORIA 5
Editor	Editor	Editor	Editor	Editor
Repórteres	Repórteres	Repórteres	Repórteres	Repórteres
Redatores	Redatores	Redatores	Redatores	Redatores
Fotógrafos	Fotógrafos	Fotógrafos	Fotógrafos	Fotógrafos

(mecanismos de controle da informação)

EDITORIA DE ARTE
Editor
(mecanismo de controle da informação)

SETOR DE DISTRIBUIÇÃO



ILUSTRAÇÃO 05

ORGANOGRAMA DO JORNAL COMUNITÁRIO

COORDENADOR
Jornalista responsável que atua como secretário de redação

COMISSÃO DE MORADORES
(eleições para escolha dos assuntos que serão temas do jornal)
organizadores

repórteres

redatores

fotógrafos

diagramadores

contatos publicitários

entregadores

definitiva. A participação do pesquisador em todas elas seria inevitável. Procurei, então, o padre Gilmar Antonio Fernandes Margotto, vigário da Paróquia Senhor Bom Jesus, a única igreja católica da Vila América e a escolhida por sua localização geográfica estratégica. Inicialmente, estranhando minha presença na igreja, já que eu nunca havia participado de nenhuma missa celebrada por ele, padre Gilmar ouviu minha proposta e manifestou-se favorável à idéia de se lançar um jornal no bairro, mas fez questão de marcar uma data para uma conversa mais detalhada em seu escritório na casa paroquial, instalada no mesmo prédio da igreja. Essa entrevista deveria ser agendada por sua secretária durante a semana.

Tudo indicava que o pároco pretendia descobrir quais as reais intenções da pesquisa e também as do pesquisador, mas isso não representava nenhum problema. Enfim, agendada a entrevista, surgiram os primeiros índices de que o trabalho de implantação da pesquisa seria árduo. O padre não compareceu em seu escritório na primeira e nem na segunda data marcadas com antecedência por sua irmã e secretária. Entre as várias hipóteses possíveis, eram admissíveis a de que o padre estaria priorizando outros interesses, ou a de que ele talvez não estivesse acreditando na viabilidade do projeto. De qualquer forma, era necessário insistir, visto que a proposta embasava-se justamente na constatação do crescente desinteresse das pessoas umas pelas outras, e pelas coisas públicas, como decorrência do processo de individualização característico da cultura contemporânea.

No terceiro encontro agendado foi possível conversar com o vigário. Aliás, uma longa conversa. Nessa oportunidade bem mais claro, para mim, o quanto a proposta colocava em jogo o poder e a liderança, e como a idéia de se socializar ou democratizar a informação assusta, apesar do cuidado do padre para não demonstrar tal preocupação.

unesp

Nessa primeira entrevista, o padre Gilmar me ouvia e olhava como se procurasse outros sentidos ou mensagens subjacentes nas entrelinhas da minha explicação. Mostrei-lhe, então, meu projeto, explicando as diversas etapas da pesquisa e seus objetivos. Foi interessante perceber que, além de me ouvir, Padre Gilmar fazia questão de demonstrar que levara a sério os cursos de Filosofia e Sociologia no seminário. Enquanto eu falava ele interferia e comentava alguns conceitos citados no decorrer da argumentação, até que me perguntou se eu era católico. Minha resposta positiva teve o efeito de uma senha, um sinal que mudaria o tom da nossa conversa. Sem ser muito explícito, o padre justificou gestualmente sua pergunta, como que dizendo ser sua obrigação defender seus fiéis dos "ataques"cada vez mais freqüentes de representantes de outras correntes religiosas. Comentou, então, ao falar da importância que dava aos meios de comunicação, sobre o valor da Rede Vida para os católicos, lembrando que os freqüentadores das cinco paróquias de Votuporanga haviam colaborado com doações para a compra dos equipamentos retransmissores que hoje permitem aos votuporanguenses sintonizarem a citada emissora de televisão. A Rede Vida é um canal em UHF, que entrou em operação no primeiro semestre de 1996, com programação gerada em São José do Rio Preto, cidade sede da região de governo que abrange o município de Votuporanga. É uma emissora de caráter doutrinário que propaga os preceitos da religião católica durante todo o tempo em que suas imagens estão no ar.

Padre Gilmar confessou estar em seus planos um curso de jornalismo. Falou sobre os benefícios que um jornal impresso poderia trazer para a sua paróquia, como um veículo de divulgação de campanhas e que facilitaria a comunicação com os paroquianos. Só então, mas em tempo, percebi que talvez não tivesse conseguido me expressar convenientemente. Ou talvez o padre não houvesse interpretado

unesp

corretamente a proposta. Ele havia entendido que o projeto tratava da elaboração de um jornal impresso para a divulgação das atividades da sua igreja, quando não era esse o objetivo do jornal que estava propondo. Um jornal como ele imaginara seria apenas mais uma publicação especializada. Retomei a explicação e voltei a ressaltar que a proposta era a criação de um jornal sobre a comunidade como um todo, para a comunidade e produzido pela comunidade. Deveria ser um veículo de comunicação e integração diferente dos boletins de pastorais que estavam sobre sua mesa, que - sem exceção - não escondiam seu caráter doutrinário.

Aproveitei seu repentino desapontamento, e também o interesse que a observação provocou, para explicar-lhe porque aquelas publicações não poderiam ser classificadas de comunitárias, assim como um outro tablóide editado pela Pastoral da Juventude que ele mostrara orgulhoso, considerando a publicação uma conquista da sua paróquia. Reconheci que realmente era, pela dificuldade de se encontrar gente disposta a produzir jornais sem fins lucrativos. Mostrei-lhe, no entanto, que aquele jornal feito pelos jovens paroquianos não tinha caráter comunitário (ILUSTRAÇÃO ??). Tornava-se cada vez mais evidente que o lançamento da pesquisa iria requerer muita habilidade, além de paciência, até que eu conseguisse sua aceitação por parte dos interessados - os moradores da Vila América. Se o padre, que já havia lido livros e livros estava encontrando dificuldade para entender a política de comunicação do jornal, era possível imaginar os obstáculos que viriam pela frente.

Àquela altura, o mais importante acabara de acontecer; apesar de preferir que eu trabalhasse na produção de jornais para a igreja do bairro, o pároco parecia ter percebido que não havia muito o que temer em relação às influências que, talvez, um dia, o jornal comunitário viesse a exercer sobre o seu "rebanho". Ao final da entrevista, o jornal proposto já não representava uma ameaça. Ainda preocupava o padre

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Gilmar, no entanto, a questão político-partidária. Como líder dos católicos praticantes da Vila América e adjacências, muito respeitado até por ter nascido e sempre vivido no bairro, padre Gilmar costumava inserir em suas explicações, após as leituras dos evangelhos, sugestões para que os paroquianos procurassem conhecer bem os candidatos antes da escolha definitiva, antes de votarem. Reforçava noções de cidadania e ensinava como reputar os candidatos, entre outros conselhos aos fiéis que sempre lotavam a nave da pequena igreja nas missas dominicais. O clima já era de precaução devido ao ano eleitoral, e muita gente andava cautelosa em relação a planos, projetos ou promessas de qualquer um.

Ao perguntar se eu era filiado a algum partido, padre Gilmar comentou que o vereador Silvio Carvalho morava na Vila América e costumava ajudar a paróquia. Disse também que tinha receio de perder a cobertura que os dois jornais da grande imprensa local davam aos eventos paroquiais, se um dia o bairro tivesse seu próprio jornal. Expliquei, então, que não fazia parte de nenhum partido por minha condição de jornalista em uma cidade pequena e conservadora, e que o risco de qualquer reação prejudicial à paróquia, por parte dos dois jornais diários era muito pouco provável. Mesmo porque o jornal comunitário seria impresso em suas gráficas, que eram as únicas com impressoras adequadas para a impressão de tablóides. E como ambos lucrariam com o jornal que eu estava propondo não se corria o risco de qualquer retaliação. Contei-lhe que eu havia trabalhado 10 anos na imprensa local, e que a carência de notícias chegava a obrigar os editores a publicar informações já divulgadas pela Folha de S. Paulo e pelo Estado de S. Paulo, de modo que o jornal comunitário seria benvindo porque acabaria gerando pautas para os diários votuporanguenses, facilitando, portanto, o trabalho dos redatores.

unesp

Quanto ao apoio político a candidatos ou a autoridades constituídas, questionou-me qual seria a posição do jornal e concordou quando eu afirmei só considerar comunitárias as atividades que trouxessem mudanças interessantes para todos os elementos de um grupo social. Sendo assim, um jornal comunitário não poderia apoiar um ou outro candidato para não beneficiar um único indivíduo, ou seu grupo, em detrimento da comunidade.

Nesse momento, o padre comentou achar muito difícil um jornal não se envolver na política partidária. Passou, porém, a aceitar a possibilidade quando expliquei que no caso do jornal comunitário o jogo político aconteceria à medida em que o poder público fosse percebendo que a população da Vila América estava melhor informada. Aproveitei que ele estava refletindo sobre o processo para lembrá-lo novamente que o objetivo da pesquisa era verificar se a prática do jornalismo comunitário pode envolver e integrar a comunidade, partindo da hipótese de que, ao gerar conversas e discussões, o jornal despertaria o espírito crítico e o pensamento analítico e, em conseqüência, os moradores do bairro teriam maior poder de barganha. Concluído esse raciocínio a expressão do padre Gilmar era de satisfação. Percebi que ele havia gostado da idéia, tanto que concordou que eu aproveitasse as reuniões dos paroquianos para difundir a proposta.

A influência exercida pelo comerciante de secos e molhados Silvio Carvalho, o Silvão, nos bairros da zona oeste de Votuporanga já era conhecida há oito anos, quando elegeu-se vereador pela primeira vez. Era tamanha essa influência que seus adversários referiam-se à sua mercearia como sendo seu comitê permanente de campanha. Instalado no bairro das Paineiras, a parte mais pobre da Vila América, seu estabelecimento comercial é rodeado de residências simples, habitadas por trabalhadores assalariados com baixo poder aquisitivo. Naquele contexto, seus automóveis

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

transformavam-se em ambulâncias nas situações de emergência, sua camioneta virava ônibus nos dias de comício ou de quermesse, e após as fortes chuvas de verão ele intercedia para que a prefeitura levasse caminhões de terra em socorro às casas mal construídas do bairro. Para completar, sua presença nas missas noturnas aos domingos sempre foi infalível.

O vereador Silvão contribuia sistematicamente em todas as campanhas e quermesses promovidas pela igreja do padre Gilmar Dançava a quadrilha nas festas juninas, arrematava assados nos leilões e empenhava-se com esposa e filhos no trabalho voluntário, quando o vigário solicitava o auxílio da comunidade católica. Diante desse quadro, eram previsíveis focos de resistência contra um jornal que pretendia não comprometer-se com nenhum candidato e com nenhum partido. Decidi, então, procurar o vereador Silvio Carvalho, acreditando que ele ainda não conhecia minhas pretensões, mas eu estava enganado. Alguém já tinha lhe informado de que eu estava organizando um jornal e ele até já havia conversado com o presidente da Câmara Municipal sobre o assunto. Segundo ele, o presidente do Legislativo não se opôs à idéia.

Fiquei um tanto perplexo e me senti vigiado ao ouvir aquela demonstração de prepotência. O vereador agia como se eu estivesse invadindo seu território, como se eu lhe devesse explicações, como se coubesse a ele decidir se eu deveria ou não lançar um jornal comunitário. Uma situação estarrecedora que mostrava claramente a extensão dos tentáculos dos que detêm o poder; antes mesmo que eu lhe contasse qual a proposta do jornal a idéia já havia sido discutida nos bastidores da Câmara Municipal.

Encontrei-o no balcão de seu armazém e contei-lhe o que pretendia, mas percebi sua total indisposição para me ouvir, apesar de um certo interesse hipócrita que tentava demonstrar concordando com tudo e elogiando minha iniciativa.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Naquela conversa ele citou que quando existiu uma associação de moradores no bairro das Paineiras ele era o presidente e que, na época, ele fazia um jornal igual ao que eu estava propondo. Vi que não adiantaria muito, mas expliquei novamente que um jornal comunitário é diferente de um jornal de associação de moradores, que é um jornal político especializado na veiculação de notícias escolhidas pelos diretores da associação, e não pelas pessoas da comunidade.

Após aquela entrevista com Silvio Carvalho, tive a impressão de que o vereador tinha certeza de que o projeto não vingaria. Acreditei que ele tentaria tudo para que seus simpatizantes não participassem do processo de criação e elaboração do jornal comunitário. Minha previsão confirmou-se uma semana após o lançamento da primeira edição.

O professor do curso de Psicologia da Unesp, José Antunes de Freitas, que no seu curso de doutorado especializou-se em comunicação não-verbal, constatou que as diferenças entre referentes culturais, entre padrões econômicos ou sociais, ou mesmo entre estereótipos fisicos podem transformar-se em obstáculos à comunicação entre os elementos de uma comunidade e um pesquisador. No decorrer desta pesquisa, foi possível comprovar sua constatação. No primeiro contato com um grupo de aproximadamente 60 moradores, na faixa etária entre 40 e 50 anos de idade, sendo 25% (15) homens e 75% (45) mulheres, reunido na noite de 29 de março de 1996 para o planejamento de ações paroquiais e não para refletir sobre um jornal comunitário, ficou claro que algo provocara certa desconfiança nos ouvintes. Este pesquisador, há 25 anos vivendo o mesmo personagem barbudo e crítico dos costumes impostos pela indústria cultural - estereotipado, portanto - só naquele momento pôde perceber, na prática, o quanto os estereótipos colocam barreiras entre as pessoas. Talvez a barba e os óculos redondos, ou a pequena bolsa na cintura, ou até a "ousadia" de aparecer na frente



de todos e fazer o convite para que participassem de um projeto inusitado, ou o conjunto desses fatores, quase que materializaram um abismo entre este pesquisador e os paroquianos. Quando encerrei a apresentação da proposta, a intervenção positiva da senhora Josefina Guerreiro Rodrigues , coordenadora daquela reunião, foi iluminadora e fundamental para serenar os semblantes e criar o clima necessário à aproximação.

Dona Josefina havia entendido o caráter social da proposta, e complementou a explicação com suas próprias palavras, num tom de líder experiente e com a segurança que todos, aparentemente, pareciam esperar de sua parte. Na sua opinião, aquele primeiro encontro poderia ser considerado produtivo, mas sugeriu que eu aguardasse até que os moradores se acostumassem com a minha presença entre eles e passassem a aceitar a idéia de se fazer um jornal comunitário. Na despedida, àquela noite, ela comentou acreditar que tudo daria certo, e que , "com o tempo", eles iriam participar.

Embora em menor número, os homens participaram mais naquela primeira reunião, demonstraram maior interesse. Questionaram sobre os futuros patrocinadores do jornal comunitário e comentaram que o diário "A Cidade" já havia produzido um jornal para o bairro há algum tempo, pretendendo equiparar a publicação que eu estava propondo com as que haviam sido feitas anteriormente. Com cuidado para não provocar quaisquer embaraços, frisei que não seria um jornal de bairro feito por jornalistas que não vivem o cotidiano do bairro, mas sim um veículo informativo da comunidade e, portanto, totalmente diferente dos já distribuidos na Vila América.

Expliquei que a diferença entre as publicações feitas para o bairro - com maior interesse na venda dos anúncios publicitários - e um jornal comunitário, eram muitas, principalmente considerando-se as intenções de cada uma das publicações. Acrescentei que só um jornal com assuntos escolhidos pela própria comunidade talvez

unesp

conseguisse gerar o interesse pela leitura, porque seria mais fácil as pessoas identificarem-se com os assuntos e com os personagens e que, talvez como conseqüência, até fosse possível se conseguir maior união entre os moradores nas horas de reivindicar direitos junto à Prefeitura ou de organizar festas, campeonatos esportivos e outros eventos.

A reação dos presentes demonstrou que a idéia começava a ser compartilhada, mas D. Josefina interrompeu avisando que já faltavam 10 minutos para as 9 da noite, e que a reunião deveria ser encerrada porque todos ali começariam bem cedo o trabalho no dia seguinte.

Para encerrar, comuniquei aos presentes que o próprio padre Gilmar havia aprovado a idéia, e que ele mesmo faria o convite para a próxima reunião, depois da Semana Santa. Quando citei o nome do pároco pude notar alguns olhares desconfiados, como que curiosos para descobrir o que eu estava pretendendo ou quais seriam as minhas intenções.

Naquela primeira reunião, percebi que a idéia da distribuição das responsabilidades entre as pessoas, em função das competências e afinidades de cada um, foi a que mais deixou os participantes perplexos. Quando eu expliquei que eu não faria o jornal por eles, e que o jornal só veicularia notícias escolhidas por eles e escolhidas através de eleição, a reação foi imediata. Muitos expressaram aprovar a idéia e teceram comentários em voz baixa com os que estavam sentados ao lado. A reunião era de coordenadores de setores da paróquia e, naquele ponto da explicação, um deles pediu a palavra e adiantou que não teria tempo para dedicar-se ao jornal. No mesmo instante, comportando-se realmente como um "rebanho", as pessoas entreolharam-se e, quase todas, manifestaram-se compartilhando o problema, como que antecipando que ninguém teria tempo para se dedicar ao jornal.



Esclareci, então, que a atividade sugerida não tomaria mais do que meia hora por semana de cada participante do grupo responsável pelo jornal, mas não pude entrar em detalhes em vista do adiantado da hora.

O estímulo recebido de D. Josefina e o entusiasmo demonstrado pelos mais desinibidos na reunião de apresentação da idéia confirmaram que eu deveria percorrer o bairro aplicando os questionários. A análise dos mesmos, posteriormente, demonstrou existir certo interesse por um jornal comunitário. Já no dia 30 de março, a caminho do centro da cidade, fui abordado por uma das senhoras que participou da reunião e que eu já conhecia por ser funcionária do Fórum local. D. Terezinha Marton é funcionária do Poder Judiciário e já havia me atendido várias vezes no Fórum, nas diversas oportunidades em que procurei o Juiz Diretor do Fórum de Votuporanga para entrevistas, na função de repórter do Diário de Votuporanga. Perguntei-lhe se a proposta havia sido colocada de forma clara aos participantes da reunião na noite do dia 24, se achava que a maioria havia compreendido e ela disse achar que sim, e que, pelo menos, ela havia entendido. Entretanto, comentou que muitos demonstraram estar desconfiados já que "essas coisas geralmente acontecem quando existem por trás interesses políticos".

No dia 31 de março, D. Josefina apresentou-me o sr. Jacinto de Souza, coordenador de uma das pastorais, com quem pude conversar durante meia hora. Na verdade, praticamente, foi ele quem me interrogou e quase todas as suas perguntas referiam-se ao papel que o jornal proposto teria no processo político-partidário, por aproximarem-se as eleições municipais. Expliquei-lhe minuciosamente o projeto e, inclusive, entreguei-lhe uma cópia, na tentativa de convencê-lo de que eu não seria candidato a vereador e também que o jornal não apoiaria nenhum candidato em função de seu caráter comunitário. Entretanto, o Sr. Jacinto pareceu-me meio inseguro. A



expressão de seu rosto não denunciava que ele houvesse entendido a proposta, apesar de suas insistentes concordâncias enquanto eu explicava.

No final da primeira semana de abril deveria ser realizada a segunda reunião com os moradores, mas contraí o virus da Dengue durante uma das aulas no campus da Unesp, em Bauru, e os médicos me obrigaram a permanecer em casa para evitar que outras pessoas fossem contaminadas. A reunião do dia sete não aconteceu e isso foi muito prejudicial, já que meu primeiro encontro com os moradores havia sido em 24 de março e a Semana Santa impediu a realização da segunda, no domingo seguinte. Para compensar o tempo perdido, resolvi elaborar cartazes explicativos sobre o jornal comunitário e também fichas de inscrição para repórteres representantes de ruas. Assim que fui liberado pelos médicos, entreguei pessoalmente todo o material aos representantes dos 10 setores em que a paróquia estava dividida. O sr. Ivan e sua esposa Veronice representavam o setor 1, Benedito e Conceição o setor 2, Antonio Bucalon e Regina o setor 3, Pedro e Cidinha o setor 4, Carlos Bandeira e Cida o setor 5, Antonio Munhos e Tereza o setor 6, Jesimar e Sirlei o setor 7, Terezinha Marton o setor 8, Madalena o setor 9 e João Delalíbera o setor 10. É interessante notar como nas relações comunitárias não se costuma usar o sobrenome, o nome da família. Tentei descobrir os nomes completos e os endereços desses representantes de setores, mas ninguém soube me informar precisamente, embora a maioria soubesse explicar onde cada um deles morava e todos se conhecessem bem. Inicialmente, eu só sabia onde morava a D. Madalena, do setor 9, mas ela me explicou, a partir de referências fisicas (bares, pontos de ônibus, açougues etc.), os demais endereços.

Esses contatos foram muito interessantes por possibilitarem maior aproximação e oportunidades em que foi possível explicar os objetivos do projeto a pessoas consideradas líderes de setores da comunidade. Na rua Rio Grande, o casal Ivan



e Veronice me convidaram para um cafézinho e fizeram inúmeras perguntas entusiasmadas, dando a entender que colaborariam no que fosse possível. D.Conceição e o sr. Benedito, na rua Rio de Janeiro, já tinham sido informados sobre a idéia mas não demonstraram gostar ou não, apenas comprometeram-se a passar as informações do cartaz que lhes entreguei para as famílias do setor 2, assim como a ficha de inscrição de repórteres.

Na rua Canadá, Antonio Bucalon e Regina mostraram-se interessados mas não queriam assumir mais compromissos. Disseram que passariam as informações às famílias do setor 3 mas que não poderiam trabalhar no jornal de forma alguma. D. Cida e Carlos Bandeira, ele policial militar e serralheiro, procuraram ser simpáticos, ouviram-me mas mantiveram-se distantes. Corriam boatos de que Bandeira se candidataria a vereador e pude compreender seu desinteresse, já que, ao explicar a proposta, eu sempre insistia na característica não partidária dos jornais comunitários. D. Madalena, da rua Peru, foi a que mais se entusiasmou. Naquela primeira conversa, ela já falava como se o jornal estivesse na gráfica, comentando que detestava ser fotografada e que incentivaria as pessoas do seu grupo a participarem, desde que eu prometesse jamais fotografá-la. Na rua Paraguai, visitei Antonio Munhos e Tereza. Fui bem recebido e contei como deveria funcionar um jornal para que fosse realmente comunitário. Apesar de entenderem e fazerem inúmeras perguntas, acabaram dizendo que o jornal poderia ser igual ao que circulou algumas vezes no bairro, que consideraram muito bom. Tal comentário só aumentou minha preocupação. Naquele momento tive certeza de que deveria encontrar outras formas - ou palavras - para explicar que os jornais de bairro não são comunitários. Como a publicação já conhecida por alguns moradores intitulava-se "Comunidade", era muito difícil mostrar que o seu conteúdo era imposto pelos diretores do jornal diário "A Cidade" e fazia o marketing político do vereador Silvio Carvalho,



residente no bairro. Afinal, a opinião de cada um sobre a atuação do vereador eu não conhecia e tratava-se de assunto muito delicado. Qualquer comentário relativo à linha editorial do jornal que conheceram ou à atuação do vereador do bairro poderia significar o fim da comunicação entre eu e os moradores. Eu não sabia que imagem os moradores faziam do vereador.

Jesimar e Sirlei, do setor 7, residem na rua dos Ipês e, ao contrário dos demais representantes de setores, em uma casa grande, moderna e cara, e com carro de luxo novo na garagem. O padrão de vida deles parecia muito superior em relação ao padrão médio dos moradores do bairro, mas procurei superar possíveis pré-conceitos. Encontrei-os em casa somente numa tarde de sábado, após várias tentativas, quando expliquei minha proposta e Jesimar se propôs a auxiliar quando chegasse a hora de contactar os patrocinadores. Eles realmente pareciam muito distantes da realidade social do bairro.

Terezinha Marton era a responsável pelo setor 8 da paróquia. Por nos conhecermos há algum tempo, demonstrava mais confiança em mim, mas em contrapartida já observava a comunidade como se estivesse num patamar acima da maioria. Talvez sua condição de funcionária pública, relativamente bem remunerada, fosse o motivo de seu comportamento. Mas, de qualquer forma, sua participação como agente aglutinador era indispensável. Na realidade, sua capacidade de compreensão parecia maior que a da maior parte dos moradores da Vila América, e ela demonstrou muita disposição para colaborar.

Encontrei o sr. João Delalíbera no asilo São Vicente de Paula, que administra voluntariamente. Reconhecemo-nos porque seu filho iniciou-se na profissão de locutor de rádio quando eu era diretor da rádio Universitária FM. Já tinhamos nos visto uma vez, numa das visitas que ele fez à rádio. Ele gostou muito da iniciativa e

unesp

comprometeu-se a convidar os moradores do setor 10 a participarem. Nessa fase da pesquisa só não consegui conversar com a representante do setor 9.

Foram necessários 10 dias para a realização das visitas aos representantes de setores em função da disponibilidade de horários de cada um, período em que procurei definir qual deveria ser a linguagem do jornal. Constatei que, embora tivessem funções semelhantes como lideranças da comunidade, as pessoas contactadas pareciam não ter nada em comum. Com exceção de Jesimar, que é advogado, os demais são pessoas muito simples e aparentemente mal informadas. Dedicadas, sim, aos trabalhos religiosos e atividades desenvolvidas para a geração de recursos para a manutenção da igreja, mas pouco interessadas pela vida político-partidária ou por problemas comuns aos moradores do bairro.

Simultaneamente, comecei a assistir aos jogos de futebol de várzea no campo contruído na esquina das ruas Canadá e Rio Grande, pela prefeitura, e no campo da escola estadual "Clary Brandão Bertoncini". A cada final de semana, conhecia novos moradores e conversava sobre a possibilidade de ser feito um jornal comunitário. Muitos davam sugestões demonstrando o que os preocupava em relação ao bem-estar da população do bairro. A máquina fotográfica, sempre em punho para o registro das fotos dos times vencedores, funcionava como um atrativo que facilitava a aproximação dos atletas de fim-de-semana. Aos poucos fui me tornando menos estranho. Conversando com os "donos de times", geralmente veteranos que só aguentam jogar 10 minutos, mas têm vocação para o comando, fui descobrindo as histórias de cada equipe e percebendo o quanto são importantes as "peladas" de domingo para os jovens da Vila América e bairros adjacentes.

No quarteirão, onde residi de 1985 a janeiro de 1995, conversei com todos os vizinhos sobre a proposta de fazer o jornal, mas apenas um deles não se

unesp

negou a participar do projeto, ainda que fosse só opinando. Chamava-se ele Valdemir Cetrone. Era casado, tinha duas filhas adolescentes e toda a família trabalhava. Costumava encerrar seu dia conversando com os amigos em frente à sua casa. Ao me ver participando mais ativamente do cotidiano do bairro, procurou aproximar-se e tornou-se um dos maiores simpatizantes da idéia, apesar de sua religiosidade limitar sua visão e ele tender a considerar membros da comunidade, quase que principalmente os católicos, freqüentadores da paróquia. Ter dedicado maior tempo às conversas com ele foi muito interessante porque fui apresentado a outros moradores que costumavam discutir o progresso da Vila América. Fanático por futebol, estava sempre bem informado sobre o andamento dos campeonatos oficiais e também sobre os times do bairro. Costumava analisar criticamente os noticiários de TV. Talvez, por isso, se prolongassem todas as tardes os bate-papos na calçada, uns sentados nas cadeiras que ele levava para fora e outros na mureta de sua casa.

Valdemir apresentou-me o sr. Ulisses, um operário cheio de idéias que logo passou a apoiar o projeto do jornal. Depois, apresentou-se o José Carlos, pedreiro, e o Paulo, mecânico. Nas nossas conversas todos opinavam sobre como deveria ser o jornal comunitário. Para tentar descobrir o que esperavam os demais moradores eu continuei visitando as famílias, casa sim casa não, aplicando os questionários. Nas reuniões extra-oficiais que aconteciam na calçada do Valdemir eu comentava com eles as preferências dos moradores em relação aos assuntos que deveriam ser veiculados no jornal.

O quadro era animador, embora as etapas acontecessem muito lentamente por depender da compreensão de pessoas que nunca haviam pensado em fazer jornais. No domingo, dia 13 de abril de 1996, após a missa matutina, o padre comunicou-me que haveria um almoço de confraternização ao meio-dia no Clube da

unesp

Justiça e que aquela seria uma ótima oportunidade para eu reforçar o convite e conversar sobre o jornal comunitário. A maioria das famílias costumava comparecer nessas confraternizações promovidas pela paróquia. Fiquei sabendo também que já estava marcada nova reunião dos representantes de quarteirão, a ser realizada na noite do dia 30 de abril.

Participei do almoço e senti que já estava mais familiarizado com as demais pessoas da comunidade. Muitos me cumprimentavam e perguntavam quando circularia a primeira edição, como se esperassem que eu fizesse sozinho o jornal. Tive que explicar seis ou sete vezes naquele dia que, se eu redigisse o jornal sem a participação dos moradores, o jornal não seria comunitário e, sim, uma publicação feita por mim para o bairro. No salão do clube cedido à igreja havia um sistema de som. Após o padre agradecer a presença e a colaboração dos fiéis, ele me chamou para falar sobre o jornal. Assumi o microfone e reiterei o convite, reafirmando que a participação de um representante de cada rua era fundamental. Avisei que a reunião para decidir que notícias seriam publicadas na primeira edição seria no domingo seguinte, às dezenove horas e trinta minutos, na praça do Senhor Bom Jesus em frente ao escritório da casa paroquial.

No domingo seguinte, dia 20 de abril, somente duas pessoas ficaram para a reunião após a missa vespertina, embora muitos tivessem se aproximado e, olhando para seus relógios, se afastaram lentamente. Conversando com a D. Josefina e com o Antonio Tavares Mariano, os dois que ficaram, chegamos à conclusão de a maioria estava acostumada a voltar às suas casas logo após o término da celebração, e que talvez a noite de domingo não fosse a ideal para as reuniões. Uma das causas do retorno apressado talvez fosse o programa "Fantástico" da TV Globo, arriscou Josefina, comentando que também gostaria de assistir a uma matéria do programa daquela noite, anunciada nas chamadas da emissora durante toda a semana. Decidimos, então, e nessa

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

decisão a comunidade já começava a se envolver, que as reuniões deveriam acontecer antes das missas, às 18 horas dos domingos. Antonio e Josefina ponderaram que seria mais fácil as pessoas chegarem um pouco antes e participarem da reunião do jornal, do que permanecerem na igreja após as vinte e horas e trinta minutos. .

No final da tarde do dia 27, cheguei meia hora antes na praça do Senhor Bom Jesus e constatei que apenas algumas crianças brincavam por lá. Fora a correria das crianças o silêncio era total e não havia nenhum movimento em frente às residências. Percorrendo as calçadas, era possível acompanhar (com os ouvidos) perfeitamente o programa "Domingão do Faustão". Só mesmo às dezoito horas chegou o Antonio Mariano, que já havia participado da primeira reunião. Na seqüência chegaram o Valdemir e o professor Antonio Barbon. Logo depois chegou a Fina (Josefina), mas não pôde ficar porque tinha que preparar a igreja para a missa da noite. O José Carlos, violonista do coral, sentou-se um pouco, sugeriu que o jornal apoiasse os músicos amadores mas logo entrou na igreja para ligar a aparelhagem de som e afinar os instrumentos musicais, que seriam usados na celebração da missa.

Ficamos apenas em quatro: este pesquisador, o Antonio, o Valdemir e o professor Barbon, que logo "monopolizou" a conversa. Barbon já havia sido candidato a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores. Tentou convencer-nos de que o primeiro jornal deveria trazer críticas à prefeitura. Mais uma vez, precisei apontar as diferenças entre os jornais partidários e os comunitários, reafirmando que o nosso deveria ser comunitário. Valdemir e Antonio demonstraram estar seguros quando à linha editorial do jornal, tanto que o Valdemir justificou minha argumentação, afirmando que se o jornal fosse tendencioso certamente teria vida curta, além de não conseguir a adesão da maioria dos moradores da Vila América. Completou dizendo que, na sua opinião, os moradores do bairro preferiam não se meter com política. Esse era seu ponto de vista e,



apesar de ter discordado de Valdemir, o professor Barbon afirmou que só então havia entendido a proposta.

A maior preocupação demonstrada pelos participantes da segunda reunião era quanto ao custo de produção do jornal. Ninguém tinha noção do processo de impressão e em nem de como se conseguiria pagar as gráficas. Explicadas as etapas do trabalho, informei aos participantes que eu já havia me adiantado e solicitado os orçamentos das duas gráficas que editam jornais diários em Votuporanga, e que ambas cobrariam em torno de R$ 200,00 pelos serviços de impressão, incluindo o papel necessário para a produção de 2 mil exemplares. Mostrei-lhes, então, que, levando-se em conta as despesas com fotografias, seriam necessários no mínimo R$225,00 mensalmente, considerando que nenhum de nós receberia qualquer quantia em dinheiro pelo trabalho. Quanto aos custos de transporte e materiais básicos, como canetas, papéis, pilhas para gravador e máquina fotográfica, todos concordaram que não deveriam ser computados para que evitássemos complicações e desentendimentos.

Quando completei a informação dizendo que com essa verba mensal conseguiríamos fazer jornais de quatro páginas, a reação não foi das melhores. Todos consideravam muito inexpressivas as publicações "muito finas" e a preferência era por um jornal com, no mínimo, 12 páginas. Fizemos os cálculos dos custos de jornais com 8 e com 12 páginas e dividimos os valores pelos números de espaços publicitários que cada um deles deveria ter e a conclusão foi de que seria inviável a venda de mais do que 10 anúncios por mês, baseada na intuição de que os comerciantes não concordariam em investir todos os meses no jornal. Com isso, todos concordaram que o jornal deveria mesmo ser de 4 páginas com 9 espaços publicitários, porque o preço de cada anúncio publicitário ficaria mais barato do que o cobrado, em média, pelos jornais "Diário de Votuporanga" e "A Cidade". Supunha-se que seria mais fácil convencer os pequenos



comerciantes do bairro a patrocinarem o jornal comunitário se o preço do módulo padrão escolhido fosse inferior ao que costumavam pagar para os jornais da grande imprensa local. A proposta de Valdemir incluia um "rodízio" de anunciantes do bairro para garantir a não interrupção da circulação mensal.

A primeira sugestão indicada pelo professor Barbon foi acatada pelos demais. O jornal deveria ter uma matéria com fotos do "buracão" das Paineiras. O "buracão" era, e ainda é, um poço de água suja formado na saída de uma galeria pluvial construída sob a avenida José Silva Melo, a única da Vila América. Formou-se por causa da força com que a água sai da tubulação e as crianças do bairro costumavam entrar naquela água para brincar. Só que o local havia se transformado em verdadeiro depósito de lixo e o risco de transmissão de doenças era muito grande. O "buração" era o ambiente ideal para a proliferação de insetos e ratos, além dos moradores terem eleito o local para jogarem dentro d'água animais mortos e outros dejetos orgânicos. Tratava-se, realmente, de um problema de saúde pública e colocava-se em risco toda a comunidade.

Valdemir sugeriu que o jornal publicasse os horários das missas e os demais concordaram. Nesse instante, fui obrigado a intervir sugerindo que a publicação do calendário de atividades da igreja católica ficasse na dependência da publicação das programações das outras igrejas do bairro, porque deveriamos ser imparciais se quiséssemos que houvesse a participação de todos os moradores, quer fossem adventistas, evangélicos, católicos ou simpatizantes de qualquer outra religião. Por serem católicos praticantes, a exemplo do padre Gilmar, os membros da pequena comissão que se formava para a criação do jornal eram tendenciosos e não viam com bons olhos as religiões não-católicas. A cada etapa ia ficando mais claro que uma publicação comunitária requer a orientação de alguém consciente das características de

N.º 742



um veículo de comunicação dessa natureza. Caso contrário, corre-se o risco de de produzir jornais especializados ou doutrinários.

ILUSTRAÇÃO 06 - CARTAZ CONVITE À COMUNIDADE

PARTICIPE
do
Jornal Comunitário

- Seja o repórter (representante) da sua rua
- Seja um redator das notícias da sua comunidade
- Seja um fotógrafo do jornal da sua comunidade

→ Só o jornal comunitário dá voz ao cidadão para que todos fiquem sabendo o que interessa a toda a comunidade.

Só são publicados os assuntos que a comunidade escolher através de eleição.

- O jornal comunitário é e deve ser independente
- É da comunidade, para a comunidade e feito pela comunidade.

INSCREVA-SE

como REPÓRTER da sua rua

Jornal Comunitário

- Equipe de reportagem

- Rua José Cammer
. Repórter:
- Rua dos Eucaliptos
. Repórter:
- Rua das Areias
. Repórter:
- Rua das Paineiras
. Repórter:
- Rua dos Ypes
. Repórter:
- Travessa Aeroporto
. Repórter:
- Rua Santos Dumont
. Repórter:
- Rua Canadá
. Repórter:
- Rua Chile
. Repórter:
- Rua Paraguai
. Repórter:
- Rua Theodor Wille
. Repórter:
- Rua Colombia
. Repórter:
. Observação: Escrever o nome e o número da residência

Jornal Comunitário

- Equipe de reportagem

- Rua Rio de Janeiro
. Repórter:
- Rua do Riveiro
. Repórter:
- Rua Paraiba
. Repórter:
- Rua Pará
. Repórter:
- Rua Padre Izidoro C. Parenhos
. Repórter:

- CRONOGRAMA
. 1ª reunião (1ª semana)
- Os repórteres trarão as notícias da sua rua para a eleição dos assuntos que vão para o jornal do mês (2 páginas com fotografias)
. 2ª reunião
- Passar informações para os redatores e revelação das fotografias/patrocinadores

Jornal Comunitário

- Equipe de reportagem

- Rua Venezuela
. Repórter:
- Rua Panamá
. Repórter:
- Rua Uruguai
. Repórter:
- Rua Argentina
. Repórter:
- Rua Guerche
. Repórter:
- Rua Sete de Setembro
. Repórter:
- Rua Minas Gerais
. Repórter:
- Rua do Piqueeiro
. Repórter:
- Rua Augusto Duó
Repórter:
- Rua Rio Grande
Repórter:

A terceira reunião aconteceu no primeiro domingo de maio, dia 4. Cheguei à praça da Paróquia Senhor Bom Jesus às 17h30 e D. Josefina já estava lá, abrindo a igreja. Ela me perguntou se as pessoas estavam animadas, com a idéia de se fazer o jornal. Contei-lhe, então, que só quatro pessoas haviam participado da discussão sobre o conteúdo da provável publicação, na semana anterior, mas havia sido um encontro interessante. Primeiro, porque cinco pessoas, separadamente, aproximaram-se da roda, para participar da reunião, mas ficaram inibidas e preferiram afastar-se, quase que disfarçadamente. No entanto, o fato de terem se aproximado pode estar relacionado a um relativo interesse pelo jornal. Em segundo lugar, porque os três que ficaram para conversar tinham algumas opiniões formadas sobre como deveria ser a publicação.

Comentei, com dona "Fina", que os participantes demonstraram ter pensado no assunto nos dias que antecederam a reunião, o que eu considerava um fator positivo. Ela concordou com o meu ponto de vista, e disse acreditar que prováveis conversas isoladas, anteriores às de domingo, tenham sido mantidas com outras pessoas, a respeito da publicação, por Antonio Mariano, pelo professor Barbon e por Waldemir, os moradores participantes da reunião do domindo anterior. Para ela, talvez tivesse que ser esse "o caminho para que mais gente viesse a participar, com o tempo". D.Fina, atenta e de olhos vivos, é muito otimista e já conhece bem as características do pessoal do bairro. Este pesquisador, por sua vez, sempre depositou confiança nos efeitos positivos dos bate-papos em que o jornalismo comunitário estivesse na pauta das discussões, por isso demonstrei compartilhar da sua suposição.

O Antonio chegou às 18 horas, talvez um pouco antes, dizendo que ouvira a Madalena (do setor 9), que era sua vizinha, falar sobre a organização de uma festa junina . Logo em seguida, padre Gilmar desceu de sua residência, um apartamento construído sobre a sacristia da igreja, e aproximou-se sorridente do banco

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

em que conversávamos. Cumprimentamo-nos e, antes que ele falasse qualquer coisa, perguntei se poderia confirmar se a igreja estava organizando uma festa. Ele adiantou que a festa aconteceria no dia 22 de junho. Uma equipe de voluntários já percorria o comércio e as residências da Vila América para angariar prendas e solicitar a colaboração dos moradores, completou. Sugeriu, inclusive, que "seria ótimo" se a primeira edição do jornal circulasse alguns dias antes da festa, com uma matéria-convite para a população. Apressado, como sempre, pediu licença e voltou para a sacristia.

Ao fazermos um balanço a respeito do que já estava relativamente definido, apenas eu e o Antonio, lembramo-nos que a primeira idéia apresentada havia sido a da matéria denunciando o agravamento da situação para os moradores vizinhos do "buracão", em conseqüência do longo período sem chuvas fortes que enfrentávamos. Chuvas fortes costumam elevar o nível das águas do córrego Boa Vista e, com o volume maior de água, parte do lixo depositado no "buracão" é levada pela correnteza. No entanto, até mesmo essa "providência da natureza" não ocorria há meses. Não chovia há um bom tempo e o mal cheiro tornava-se, cada vez mais, insuportável, sobretudo nos quarteirões da redondeza. Quanto aos pernilongos, a prefeitura havia dedetizado o local para eliminar focos do mosquito Aedes Aegipty, dentro do programa da campanha estadual contra a dengue, e a situação não era das piores. As moscas, sim, continuavam multiplicando-se.

Tinhamos, até aquele momento, dois assuntos praticamente definidos como temas da primeira edição: o problema de saúde pública gerado pelas águas paradas do "buracão" da avenida José Silva Melo, e a festa junina. O terceiro, sugerido pelo senhor Antonio Ferreira Neto, referia-se à participação da comunidade na campanha da Conferência Vicentina, para auxiliar os idosos do Lar São Vicente de Paulo - o asilo - e as famílias carentes da região oeste de Votuporanga.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Seu Antonio Ferreira já era conhecido. Havíamos conversado, na semana anterior, à saída da missa da noite. Na oportunidade, pedi que não se esquecesse do alcance do "Jornal Comunitário", para a divulgação das atividades do asilo. Naquela noite, fiz questão de lembrá-lo que a tiragem seria de dois mil exemplares, e, portanto, todas as residências da Vila América receberiam o jornal. Ao que me informou, falando baixo e lentamente, sobre a segunda semana de maio, quando o Lar São Vicente de Paulo promove uma campanha para a arrecadação de donativos. Questionou-me se o jornal poderia pedir a colaboração dos moradores, e lhe respondi que o jornal não era meu. Disse-lhe que os próprios moradores, durante as reuniões, deveriam aprovar sua sugestão, pelo próprio caráter da proposta.

Acredito que a matéria, sugerida pelo Seu Antonio, teria sido aprovada pela maioria, caso fosse colocada em votação. Entretanto, como a primeira edição só circulou no dia 16 de junho, foi impossível divulgar a notícia com antecedência. Durante a semana anterior à data de publicação da primeira edição, seu filho levou à minha casa a relação (que só ficou pronta no dia 6) dos donativos arrecadados ou, com suas palavras, "recardados" por voluntários que percorreram as ruas do bairro.

A quarta sugestão de notícia partiu de Waldemir Cetrone. Ele chegou por volta das 18h30, à reunião, e sua idéia pareceu interessante a todos. Tratava-se de uma atividade que costuma reunir dezenas de moradores, todos os anos: a preparação das ruas para a procissão de Corpus Christi. No dia dessa festa religiosa, homens, mulheres e crianças da comunidade trabalham, enfeitando o leito carroçável da rua São Paulo. Utilizam-se de flores e tintas coloridas, para preparar o "tapete" por onde os fiéis passarão em procissão, e se unem na construção de um altar para a benção dos donativos doados pelas famílias do bairro. Os paroquianos de outros bairros decoram

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

outras ruas do trajeto, que tem início e término na Concha Acústica central da cidade, onde todos os párocos concelebram a Missa de Corpus Christi, antes da procissão.

No dia em que a igreja católica celebra a Festa de Corpus Christi, todo o trecho a ser percorrido pelos católicos em procissão é enfeitado, e cabe aos fiéis das cinco paróquias de Votuporanga a decoração das ruas. Cada grupo de paroquianos enfeita três quarteirões, um quinto do trajeto, e constrói um altar, numa grande e animada movimentação que agita crianças e adultos, e aproxima todos os participantes, geralmente sob um sol escaldante. Já prevendo o interesse da maioria pela divulgação dessa atividade, que é realmente comunitária, este pesquisador havia fotografado as pessoas do bairro enfeitando a rua e montando o altar na esquina das ruas São Paulo e Paraíba. Eles sabiam disso, pois estavam entre os voluntários naquele dia, e então comentei que essa matéria poderia incluir a relação de donativos oferecidos pela comunidade, que o senhor Antonio Ferreira ficou de me enviar. Todos concordaram, pois também haviam doado gêneros alimentícios e roupas, e Waldemir comentou considerar importante a divulgação dos resultados, como incentivo à solidariedade demonstrada pelos moradores da região.

À essa altura, participavam da reunião, além deste pesquisador, o metalúrgico Ademir, Waldemir Cetrone (serralheiro), Antonio Mariano (sacoleiro), Estevão (propagandista volante) e Andréia Regiani (cantora do coral da igreja).

Andréia, uma jovem aparentando dezesseis ou dezessete anos, sugeriu que fosse feita uma matéria sobre os profissionais liberais que estavam sem serviço, como seu pai, por exemplo, que é pedreiro e, naquele momento, não tinha onde trabalhar. Já Ademir, diretor da equipe de futebol amador "Progresso da Vila América", foi até lá para informar a programação, para o sábado seguinte, de um torneio no mini-campo da escola Clary Brandão Bertoncini. Estevom Evangelista não chegou a dar

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

sugestões. Apenas ouviu as propostas dos demais participantes e comentou que pretendia montar um carrossel para as crianças brincarem nas noites da festa junina. Como ele disse, aproveitaria para "ganhar um dinheirinho". Estevom já havia me contado, anteriormente, seu plano para a construção de um carrossel sobre uma carreta, rebocável por seu carro. Com esse brinquedo pronto, pretende estar presente em todas as quermesses e festas populares, e "ganhar um dinheirinho" enquanto as crianças se divertem.

Para incentivar uma participação mais efetiva e o envolvimento de mais moradores, sugeri que Andréia conversasse com outras pessoas e preparasse uma lista, com nomes, atividades e endereços, de todas as costureiras, quituteiras, encanadores, pedreiros, pintores e outros profissionais que quisessem oferecer seus serviços por meio do jornal. Ela não descartou a possibilidade. Mas, também, não se propôs a providenciar a tal relação dos "sem serviço", sugerida por este pesquisador. Lembrei a todos, novamente, que, se fossem enviados anúncios para publicação, a sessão de classificados era gratuita. Acrescentei, ainda, que a distribuição dos jornais não se restringiria às residências. Seriam colocados vinte exemplares em um dos balcões de atendimento ao público, no prédio da Prefeitura Municipal, outros vinte na Câmara Municipal e as mesmas quantidades nos dois bares que servem "café de máquina", no centro da cidade, os mais movimentados no horário comercial.

Nos "cafés" do restaurante Kibelândia e da Galeria Gorayeb, os políticos e "politiqueiros de plantão" costumam encontrar-se diariamente para atualizar as fofocas, e por isso os jornais também seriam distribuidos nesses pontos. Esses dois pontos de encontro são conhecidos como "senadinhos", pelos que trabalham na imprensa local. Muitos informantes de "furos de reportagem" costumam freqüentá-los, gente ligada à Prefeitura e ao Legislativo, e gente da oposição. Sem contar o fato de não

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

escaparem "impunes" de comentários, indiscretos, ou não, todos os que passam pelas calçadas da rua Amazonas, a principal do comércio votuporanquense. Os alvos prediletos dos cochichos são as mulheres, já que os "senadinhos" são verdadeiros "clubes do Bolinha".

Em meio a risos, que mostravam o conhecimento, por parte de todos ali reunidos, dessas características dos dois bares citados, expliquei aos presentes que a idéia era, e isso seria muito importante, mostrar que as pessoas da Vila América também "tinham voz". Deixar claro, para os ditos "formadores de opinião", que a comunidade do nosso bairro também tinha o seu meio de comunicação. A distribuição do nosso "Jornal Comunitário", no centro comercial, completei, seria como um aviso de que, a partir da primeira publicação, a comunidade da Vila América poderia tornar públicas suas reivindicações, desde que a maioria considerasse necessário.

Sugeri, então, a reflexão sobre a importância da nossa publicação comunitária, principalmente naquela situação política que viviamos, praticamente às vésperas das eleições municipais. Estava na hora da missa, e a reunião terminou.

Nessa mesma noite, antes do encerramento da celebração, o padre Gilmar voltou a pedir que as pessoas participassem do "Jornal Comunitário", lembrando a todos que as reuniões aconteciam antes das missas vespertinas, aos domingos.

Na semana seguinte, tirei várias fotografias do "buracão" e entrevistei os moradores da vizinhança, entre eles uma mulher que se propôs a posar para a foto, com a água empossada ao fundo, porque o córrego é o limite do quintal de sua casa.

Da reunião seguinte, no dia 11 de maio, participaram, do início ao fim, além deste pesquisador, o Antonio Mariano, o Waldemir Cetrone, Natalino e Nenezão. O José Carlos, violonista do coral, sentou-se um pouco no outro banco da

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

praça, ao lado dos que estávamos sentados, perguntou quando circularia a primeira edição, mas logo em seguida entrou na igreja para afinar os instrumentos musicais. Trata-se de um jovem negro, muito reservado e metódico, pelo que se pode observar: todo domingo, no mesmo horário, ele estaciona seu ciclomotor no mesmo lugar, próximo à porta da sacristia, tira o violão, que carrega nas costas, e o encosta na parede com extremo cuidado. Depois demora, muito mais do que o tempo necessário, para acorrentar sua Mobilete e conferir seu esquema de segurança contra furtos. Em seguida, rearruma a camisa na cintura, confere, com as mãos, se o colarinho está em ordem, e, só então, olha para os lados. Não dá um sorriso. Apenas cumprimenta com educação, como se ele só tivesse chegado à praça, efetivamente, naquele instante, depois de todo aquele "cerimonial". Andréia, a cantora, veio acompanhada de outra componente do coral, a Rosseane. Ficou ouvindo um pouco da conversa, mas também se retirou para organizar as letras das músicas que fariam parte da celebração daquela noite.

Antes que as duas entrassem na igreja, perguntei, à Andréia, se havia conseguido a relação dos trabalhadores "sem serviço". A resposta foi negativa: não tinha tido tempo de conversar com ninguém naquela semana. Já o Antonio Mariano, perguntou se havíamos reparado a evolução que se podia notar na Vila América, conclusão a que havia chegado após observar o grande número de residências em reforma, comentando a necessidade de se caminhar pelas ruas, porque as calçadas estavam cheias de tijolos, areia e pedra de construção. Waldemir acrescentou ter constatado que muita gente estava refazendo as calçadas de suas casas, instalando suportes para lixo e plantando árvores, o que demonstrava maior preocupação dos moradores com o bairro, "além de dar um visual mais bonito". Na sua opinião, quando alguns moradores começam a "caprichar" mais em suas casas, os outros, assim que podem, também o fazem, e por isso seria interessante uma matéria sobre esse assunto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Antonio Mariano concordou, e disse que nas Paineiras - a parte da Vila América que fica mais a oeste -, depois que as ruas foram asfaltadas, quase todos os moradores providenciaram a construção das calçadas, e que as ruas têm sido mantidas limpas, apesar dos garis só trabalharem no centro comercial da cidade. Acrescentou, também, que a maioria da população ainda fazia uma imagem negativa a respeito dos moradores das Paineiras, por causa de alguns marginais que lá moraram, isso há mais de dez anos, embora a situação atual já não seja mais a mesma. Para ele, seria importante fazer "alguma coisa" para que os votuporanguenses, os que não conheciam a nova realidade da Vila América, e das Paineiras, ficassem sabendo que a comunidade evoluiu. E ele tinha razão. Já há alguns anos o bairro é de trabalhadores, e não, como ele disse, "de bandidos, como muitos ainda pensam".

Coloquei, então, que o mesmo estava acontecendo na Vila São João, um bairro da zona sul da cidade. A Vila São João era famosa por ser palco da maioria das reportagens do noticiário policial, e lá, também após a pavimentação, houve um sensível progresso. Já era possível dizer que, praticamente, não se registravam mais ocorrências policiais em nenhum desses dois bairros. Pelo menos, não em número maior do que as registradas nos demais bairros.

A constatação de Antonio despertou o interesse de todos, inclusive do senhor Natalino, que havia se juntado ao grupo pouco depois do início da reunião. Natalino é o diretor do "Bragantino Esporte Clube", um dos times de futebol amador da Vila América. Também participava, dessa terceira reunião, outro esportista das Paineiras, o Nenezão. Seu nome é Valdemir Rodrigues da Silva, mas, segundo comentou o senhor Natalino, nem mesmo o próprio Nenezão costuma lembrar-se de seu verdadeiro nome, quando pego de surpresa. Nenezão é operário em uma das fábricas de móveis locais. Aparentemente com uns vinte anos de idade, é muito conhecido por



organizar torneios esportivos, o que não é nada fácil. As indisposições, entre técnicos ou entre os próprios jogadores, nas partidas de futebol de várzea, parecem fazer parte do jogo. Para administrar esses "torneios de ponta de rua", como disse, uma vez, o então secretário municipal de Esporte e Turismo, José Carlos de Melo, "é preciso muito tato e muita firmeza, além de boa forma física para sair correndo, e muito, quando a briga foge ao controle" do organizador.

Ás vezes, nas tardes de domingo, o secretário José Carlos de Melo costumava "dar uma passadinha" pelos mini-campos construidos pela Prefeitura. Como esportista, gostava de acompanhar as atividades do futebol amador votuporanguense, e na única vez em que nos encontramos fora de seu gabinete, no mini-campo da escola Clary Brandão Bertoncini, ele comentou não entender como o Nenezão, tão magro e com sua fala baixa, conseguia liderar "um bando de 'caneleiros' que já entrava em campo disposto a arranjar encrencas". Mas, a verdade é que o Nenezão domina mesmo os atletas, como este pesquisador pôde observar. Ele suspende os jogos quando os considera violentos, ameaça não organizar mais torneios, toma a bola e leva embora, e todo mundo o respeita, apesar de não deixar de xingá-lo.

Voltando à reunião do "Jornal Comunitário", já tinhamos, praticamente, definido cinco assuntos que deveriam ser temas da primeira edição: o "buracão", a festa junina, a decoração das ruas para a Festa de Corpus Christi, a evolução ocorrida na zona oeste e o futebol amador. Restava, ainda, descobrir uma maneira de enfocar o tema relativo ao novo perfil do bairro e de seus moradores .

Perguntei, ao grupo, como faríamos para falar das mudanças ocorridas na região da Vila América, mas ninguém tinha nenhuma sugestão a dar. Todos achavam, no entanto, que o assunto era importante. Sugeri, então, que o jornal enfocasse uma das micro-empresas em crescimento, e Nenezão lembrou-se da fábrica de capacetes

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

da rua Rio de Janeiro. Lembrou-se porque um amigo seu, o Grilo (Valter da Silva), havia comprado um capacete lá, naquela semana, e ele estava junto na hora da compra. Dos presentes, apenas eu e o Nenezão tínhamos conhecimento dessa fábrica de fundo de quintal. Seu proprietário chama-se Sidney, um jovem que aprendeu a trabalhar com fibra de vidro durante alguns anos de trabalho, como empregado, em São Paulo.

Comentei, então, que após a obrigatoriedade do uso desse equipamento de segurança, também na zona urbana, ficou fácil constatar que a maioria dos motociclistas votuporanguenses esta usando capacetes fabricados pelo Sidney. O modelo é bem diferente, semelhante aos usados pela Polícia Militar, mais adequado para o clima equatorial da cidade, e o preço, mais em conta que os dos demais encontrados nas lojas especializadas.

Finda a reunião, fiquei de conferir como funcionava a tal fábrica, para contar aos demais na reunião do dia 18. Waldemir e Antonio comprometeram-se a pesquisar, para tentar descobrir outras micro-empresas que estivessem em funcionamento. Nenezão e Natalino adiantaram que não teriam tempo para "ir atrás disso".

No domingo seguinte, 18 de maio, Waldemir Cetrone foi até minha casa avisar-me que não poderia participar da quarta reunião, naquela tarde, mas que, provavelmente, seu amigo Ulisses deveria ir. Eles haviam se encontrado no sábado, conversado bastante sobre o jornal, e "o Ulisses parece que quer participar", me informou. Às 17h30, quando eu saia a caminho da praça do Senhor Bom Jesus, transformada na "sala de reuniões ao ar livre" do jornal, o Antonio Mariano ia passando em frente à minha casa.

Descemos juntos, e no caminho ele me contou que não havia viajado, naquela semana, porque o Donizete estava "sem capital para as compras".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Donizete é o "muambeiro" para quem ele trabalha; toda semana Antonio viaja, em um ônibus fretado pelos contrabandistas locais, para o Paraguai. Sua função é trazer as encomendas dos clientes do Donizete, que especializou-se no ramo após perder o emprego de vendedor da La Som, uma das lojas de aparelhos de som mais antigas de Votuporanga.

Pelo trabalho, Antonio recebe um salário mínimo, e sua responsabilidade é muito grande, por viajar com "os dólares do patrão no bolso", como comentou. Perguntei-lhe se gostava do trabalho, se não era perigoso, já que se tratava de contrabando, e Antonio disse que "perigoso não é", porque todos os passageiros desses ônibus especiais vão ao Paraguai, unicamente, para buscar mercadorias. Além disso, continuou, as viagens são noturnas, os dois motoristas sempre os mesmos, e ambos com anos de experiência naquelas estradas. Disse-me que, eventualmente, ocorrem assaltos nas viagens de retorno, quando os bagageiros dos ônibus estão repletos de aparelhos eletrônicos, mas, quando isso ocorre, todos se transformam em testemunhas. Ninguém corre o risco de ter pagar pela "muamba" roubada pelos assaltantes. No entanto, agradeceu a Deus por nunca ter enfrentado nenhuma situação de risco, nos dois anos que vem trabalhando com isso.

Chegamos à praça e ficamos conversando sobre a necessidade de se explicar, na primeira edição do jornal, as diferenças entre o jornalismo praticado pela grande imprensa e o jornalismo comunitário, para que todos os moradores que não freqüentassem a igreja, e não participassem das reuniões, começassem a perceber que poderiam enviar sugestões para o "Jornal Comunitário". A comunidade precisava ser informada de que todos poderiam redigir notícias ou fotografar, desde que quisessem fazê-lo. Precisava saber que a Vila América já tinha o seu próprio jornal, e que os próprios moradores o produziam.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Conversávamos, quando D. "Fina" se aproximou e me entregou dois anúncios para a seção de classificados. Um de uma quituteira, outro de uma serralheria que fabrica churrasqueiras. Contamos a ela que a primeira edição já estava, praticamente, definida, e o próximo passo seria a confecção do "boneco", um modelo do jornal que seria mostrado aos comerciantes, durante os contatos, para que os prováveis patrocinadores pudessem visualizar o jornal que estariam apoiando, ao comprarem um módulo publicitário.

D."Fina" apenas sorriu e disse um simpático "que bom!", balançando a cabeça positivamente. Em seguida, voltou para dentro da igreja. Logo depois, apareceu um senhor de cabelos grisalhos, um homem bem moreno e pequeno, dizendo-se amigo do Waldemir. Apresentou-se como Ulisses Coelho Duarte. Apresentei-me e ao Antonio, e ele passou a falar que sempre pensou em "trabalhar com jornal". Contou que vários amigos seus, da fábrica onde trabalha, também têm a mesma idéia, mas que nunca tinham tido oportunidade de fazer parte de nenhum "jornalzinho".

Ulisses gosta de conversar, fala sem parar. Percebi, rapidamente, que Waldemir havia lhe explicado direitinho todo o esquema do "Jornal Comunitário". No entanto, apesar de demonstrar ter compreendido, deixava transparecer sua pretensão. Na realidade, e o Antonio me olhava de lado, como quem também estivesse percebendo a intenção de Ulisses, o que ele queria era projetar-se politicamente no bairro Santa Joana, que fica na zona norte da cidade, do outro lado da rodovia Euclides da Cunha.

Ulisses disse ter muitos amigos por lá. A maioria dos funcionários da indústria em que trabalha mora lá, e por isso ele considerava interessante o "Jornal Comunitário" veicular, também, as notícias dos bairros Santa Joana e Pozzobon, ambos situados mas proximidades do Distrito Industrial. Ele não parava de falar, nem de justificar a necessidade de se implantar um jornal na região onde moram seus

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

companheiros de fábrica. Aproveitei uma brecha, procurando não ofendê-lo, para dizer que ele não havia entendido tão bem como devem funcionar os jornais comunitários.

Mais uma vez, mas para o senhor Ulisses seria a primeira, expliquei que jornais como aquele em que trabalhávamos, naquele momento , só se justificam quando são feitos por pessoas que convivem com os mesmos problemas ou vivem as mesmas alegrias, sempre que o bairro recebe melhorias. Que vivem num determinado lugar, onde, pela proximidade ou por conhecerem-se mais, ou menos, estariam interessadas em melhorar a comunicação entre os elementos da comunidade. Disse-lhe que, caso as pessoas gostassem da publicação, e passassem a participar, em maior número, das etapas de produção do jornal, os problemas comuns a todos poderiam ser solucionados com mais facilidade, porque a soma de idéias e de ações sempre supera as iniciativas individuais. Além disso, o que se pretendia, continuei, com a divulgação de notícias só da Vila América, era fortalecer os laços de amizade entre as pessoas, para que passasse a haver maior solidariedade e apoio a todos, sempre que necessário.

Nesse ponto, o senhor Ulisses me interrompeu e concordou com o que eu estava dizendo, afirmando que era justamente essa a sua intenção: unir os moradores da Vila América e do bairro Santa Joana.

Retomei a palavra. Perguntei se ele achava que a Vila América era tão bem servida de ônibus urbanos quanto os bairros mais próximos do Distrito Industrial, e sua resposta foi imediata: "Claro que não, lá prá cima tem ônibus de meia em meia hora, e aqui a 'circular' só passa de hora em hora". Então, exclamei, já encontramos uma situação que não é semelhante na Vila América e no Santa Joana. E quanto ao pó de madeira lançado no ar daquele setor, pelas indústrias? Aqui não se chega a perceber a poluição atmosférica, enquanto, lá, esse problema é comum à toda a comunidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Após essa argumentação, parece que Ulisses acabou percebendo que um único jornal comunitário não pode servir a dois bairros, distantes um do outro, e aí ele sugeriu que eu o ajudasse a montar um outro jornal no bairro Santa Joana. Disse-lhe que poderia ajudá-lo, mas que trabalhava em Bauru, durante a semana, e que os finais de semana já eram curtos demais para o acompanhamento da publicação da Vila América. Depois disso, ele ficou de me procurar em minha casa, o que não chegou a acontecer.

No final da reunião, perguntei ao Antonio quais das notícias ele redigiria, e ele me respondeu que não gostaria de escrever, porque não gostava de escrever nem na escola. Perguntei, então, se ele achava que alguém, dos que estavam envolvidos, poderia ir atrás das informações e escrever as notícias. Na sua opinião, ninguém conseguiria, a não ser que o Waldemir "topasse".

Na segunda-feira, na hora do almoço, procurei o Waldemir para tentar convencê-lo a escrever a notícia sobre a decoração das ruas para a procissão. Sabia que desse assunto ele gosta e entende, e seria maior a probabilidade dele aceitar. Mas, nada feito. Ele se negou, justificando que há mais de dez anos não escrevia sequer uma carta, e que talvez, "mais pra frente", começasse a fazer algumas notícias.

A situação já era prevista. Tratei, então, de correr atrás das informações necessárias para que, no final da semana seguinte, pudesse redigir os textos.

Passei o outro fim-de-semana, dias 24 e 25 de maio, apurando as informações e redigindo os textos da primeira edição, além de fazer a cobertura jornalística do único jogo de futebol amador, realizado no mini-campo da rua Rio Grande. No domingo seguinte, primeiro de junho, a diagramação do tablóide de quatro páginas ficou pronta somente no final da tarde. A primeira edição estava pronta para a impressão. Dependia, apenas, dos nove patrocinadores que bancariam os custos gráficos.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

JORNAL COMUNITÁRIO

1ª EDIÇÃO

JORNAL COMUNITÁRIO

Votuporanga, Junho de 1996

Ano I N.º 1 Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Jardim Santo Antonio, Terras de São José

NOSSA FESTA JUNINA É SÁBADO, DIA 22



A quadrilha já está sendo ensaiada por Antonio Donizete de Oliveira (Pico) e por João Zuquetti, e o sanfoneiro será o Anésio Marim. No sábado, a partir das 20h00, a comunidade das ***Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Jardim Santo Antonio e Terras de São José*** fará sua festa junina na avenida José Silva Melo próximo à praça da Paróquia Senhor Bom Jesus. Entre rojões, bombinhas e muita animação, haverá quentão, chocolate quente, pipoca, bolo de fubá, paçoca e salgadinhos.

Será uma grande noite de confraternização entre as famílias do nosso setor, e você não pode faltar. Serão momentos agradáveis para reencontrar amigos, conversar, rir e festejar a união da nossa comunidade. Programe-se, chame os amigos. A festa é nossa, e a renda será revertida para a manutenção da Paróquia.

Classificados
Página 4

CÓRREGO POLUÍDO AMEAÇA A SAÚDE DA COMUNIDADE



No final da avenida José Silva Melo, na esquina das ruas Rio Grande e Ipês, a água que sai da galeria construída sob a avenida está formando uma imensa poça de água podre. No local, o mal cheiro é insuportável, tanto quanto as moscas e os ratos que ali se reproduzem.

Nos dias quentes, enquanto os pais trabalham, algumas crianças costumam nadar naquelas águas poluídas, e os moradores da redondeza reclamam da catinga que são obrigados a suportar com freqüência. Sem qualquer consideração pela comunidade do bairro das Paineiras, estão jogando cães e gatos mortos no local, e a própria água se encarrega de levá-los para a margem, onde apodrecem.

Na opinião dos moradores, a simples desobstrução do leito do córrego, para que a água possa correr naturalmente, poderia ser uma solução relativamente barata para o problema. Além dessa medida, o local deveria ser bem cercado, o que dificultaria o acesso das crianças à água poluída.

A NOVA REALIDADE DA REGIÃO NOROESTE DE VOTUPORANGA

Os bairros da região noroeste de Votuporanga estão se transformando rapidamente, e mudando para melhor. E essa nova imagem é reflexo de uma sensível elevação do padrão de vida dos moradores da Vila América, Paineiras, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio. Em todas as ruas há casas sendo reformadas ou ampliadas, os moradores demonstram preocupação com as calçadas e com a arborização, e novos estabelecimentos estão ocupando os principais pontos comerciais.

O número de pequenos empresários aumenta a cada dia. Cadastrados na Prefeitura, já existem 139 profissionais.

Página 3

CORPUS CHRISTI: COMUNIDADE DOA 650 KG DE ALIMENTOS ÀS FAMÍLIAS CARENTES

Página 4

PROGRESSO VENCE O II TORNEIO MINI CAMPO

Página 4

EDITORIAL

De uns anos para cá tem sido cada vez mais fácil encontrarmos gente que não dá a mínina importância para o que as pessoas são. Muita gente tem demonstrado maior interesse pelo que as pessoas têm, pelo que possuem, do que por sua capacidade, ou pelo seu caráter.

Essa mudança de comportamento faz com que os relacionamentos entre os indivíduos tornem-se muito frios, a ponto de cada um só se preocupar com a sua própria vida, e com a de seus familiares. Como se não dependêssemos uns dos outros, como se não vivêssemos em sociedade. Talvez pela necessidade de ocorrer atrás do dinheiro, cada vez maior, ou por ser mais fácil nos isolarmos em frente à televisão, a cada dia que passa conversamos menos e vamos deixando de lado os amigos. Parece que estamos esquecendo como é importante um bate-papo sincero e descontraído, daqueles em que, desinteressadamente, todos acabam se ajudando. Duas ou três pessoas pensando no mesmo assunto resolvem com mais facilidade os problemas que surgem ni dia-a-dia a qualquer cidadão. Mas por onde anda o espírito de comunidade? O que fizemos com o espírito de solidariedade?

Certamente, nos sentiríamos muito melhor se fôssemos valorizados por nossas atitudes e por nosso esforço, por nosso jeito digno de ser, do que pela casa ou pelo automóvel que possuímos, e esse reconhecimento social é uma das metas do jornal comunitário.

Embora tenha tanta gente tentando nos fazer acreditar que as pessoas são descartáveis, como qualquer produto da indústria moderna, nós não acreditamos nisso, e este **Jornal Comunitário** está surgindo para oferecer a todos os moradores dos bairros **Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio** o espaço para divulgação das notícias que interessam à toda a comunidade.

Através do **Jornal Comunitário** os pequenos e microempresários poderão oferecer seus produtos e serviços para um público definido, e o retorno será, pela própria proximidade entre empresa e consumidores, muito mais rápido. E o preço dos anúncios é relativamente baixo já que os patrocinadores apenas cobrem o custo da produção do jornal. Seja o **repórter** da sua rua, seja o **redator** ou o **fotógrafo** do seu jornal.

As reuniões são rápidas, e sempre aos domingos, às 18h00, no salão da Paróquia Senhor Bom Jesus.

UM SETOR QUE CRESCE E GANHA NOVA IMAGEM

Ruas pavimentadas, casas sendo reformadas e ampliadas, os moradores cuidando das calçadas e da arborização, enfim, bairros de gente trabalhadora e consciente de seu valor.

O setor noroeste de Votuporanga - Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio - está mudando. E ficando cada vez mais bonito. E esse progresso começa a atrair empreendedores. Novos estabelecimentos comerciais estão sendo instalados, e é sensível a elevação do padrão de vida de seus moradores.

Por quê um Jornal Comunitário?

As informações importantes para os moradores dos bairros nem sempre são interessantes para toda a população de Votuporanga. E os jornais da chamada Grande Imprensa procuram priorizar notícias que interessem ao maior número possível de leitores.

Aí é que entra a imprensa alternativa, dirigida a parcelas da população.

O jornal **comunitário** vive da participação da comunidade. É feito pela comunidade para informar todos os seus membros sobre as conquistas, divergências e reivindicações que interessam a todos, que podem trazer benefícios para todo o grupo de moradores de determinado setor da cidade. É um informativo que não tem patrão, não tem um único dono, e circula sintonizado com a realidade dos cidadãos.

A função do jornal comunitário é integrar os moradores, gerar conversas que se transformarão em idéias úteis, tanto que os interesses da comunidade é que vão definir que notícias devem ser publicadas.

Naturalmente, este **Jornal Comunitário** nasce muito bem intencionado, independente, e vai manter-se distante da política-partidária. Nasce preocupado com o exercício da cidadania e é uma conquista dos cidadãos das Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio. É o nosso jornal. Sua publicação vai auxiliar as administrações municipais nos processos de urbanização do setor noroeste de Votuporanga.

Juntos, informados sobre o que acontece ao nosso redor, podemos fazer muito pelo bem-estar da comunidade. Podemos encontrar soluções inteligentes, participativas e desburocratizadas para os problemas do dia-a-dia que interessem à nossa comunidade como um todo.

Participe!

EXPEDIENTE

O jornal **Comunitário** produzido pelos moradores dos bairros Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso Terras de São José e Jardim Santo Antonio.

Jornalista Responsável:
Angelo Sottovia Aranha
Mtb 1674/81.

Projeto Gráfico e Diagramação:
Visual Art
Fone: 421-8027

Impressão:
Diário de Votuporanga

As correspondências devem ser enviadas para a rua Venezuela, n.º 1524, Vila América, Votuporanga, São Paulo.

ART FIBRA
- FÁBRICA DE CAPACETES E VASOS EM FIBRA DE VIDRO
- RECUPERAÇÃO DE PARACHOQUES PLÁSTICOS E PROTETORES DE CAÇAMBAS PARA PICK-UP
Rua Paraíba, 887 - V. América - Tel. 421-6350

Originais e Esportivos
Rua Paraíba, 364 - Centro
RIBEIRO ESCAPAMENTOS
PROMOÇÃO TUDO EM 3 PGTOS
Rua Amazonas, 1843
(em frente ao Posto Amazonas)

GREGUI Motos
Mecânico com curso de especialização na própria HONDA, no Japão
Rua Augusto Sasso, 479 - Chac. Aviação
Tel. 421-9703

CRESCE O NÚMERO DE PEQUENOS EMPRESÁRIOS NO SETOR NOROESTE DE VOTUPORANGA



Além de recuperar carrocerias de veículos, Sidney fabrica capacetes para adultos e crianças. O cliente pode escolher o modelo e a cor.

Num passeio pelos bairros da região noroeste de Votuporanga - Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio - qualquer cidadão observador percebe facilmente como esse setor da cidade está progredindo. São inúmeras as residências de alto padrão de construção e já são muitas as empresas familiares que tomam proporções relevantes, com significativa importância na economia local.

A pequena empresa é a mola propulsora do crescimento econômico. E é bom lembrar que as microempresas são responsáveis por 59 % dos empregos gerados no Brasil. Sem falar da economia informal, daqueles que trabalham, produzem, mas ainda não faturam o suficiente para pagar os tantos impostos e encargos sociais sobre salários que a legislação exige de qualquer empresa.

De um jeito ou de outro, embora o desemprego ronde todos os setores de Votuporanga, a população da região noroeste da cidade está mostrando que tem potencial e criatividade para driblar a crise econômica, e o nosso setor está evoluindo. Sem precisar sair de seu bairro, os moradores já podem contar com todos os tipos de serviços. É importante comparar preços antes de comprar ou de contratar serviços, mas vamos nos lembrar sempre de consultar as lojas e profissionais do nosso setor. Afinal, por quê não prestigiarmos os trabalhadores da nossa comunidade?

EMPRESA PRODUZ CAPACETES E VASOS ORNAMENTAIS NA VILA AMÉRICA

Implementos agrícolas utilizados para pulverizações, muito comuns em sítios e fazendas da região, são equipados com tanques plásticos, ou fabricados em fibra-de-vidro. Há oito anos, o empresário Sidney Tavares Bono percebeu que trabalhar na recuperação de objetos de fibra (fiberglass) poderia ser um bom negócio, e investiu muito na sua Art-Fibra, instalada na rua Paraíba, n.º 887, na Vila América.

Sidney especializou-se em São Caetano do Sul (Grande São Paulo) e logo estava reformando lanchas, piscinas, tanques agrícolas e capotas de camionetes.

Parachoques plásticos ficam como novos

Hoje, após oito anos de experiência, desenvolve suas próprias técnicas e conserta qualquer objeto feito de fibra de vidro, inclusive parachoques plásticos envolventes, que muitos pensavam serem descartáveis.

Telhas transparentes

Atualmente, a Art-Fibra tem feito reparos em dezenas de protetores de caçamba de F1000, D20 e outras camionetes, e os industriais e mecânicos também já descobriram a grande utilidade das telhas transparentes de fibra que Sidney e seus dois funcionários, Adalto e Delandi, fabricam. Essas telhas aumentam a claridade no interior de grandes galpões. Também é grande a procura pelos capacetes que produz, e seu último lançamento são os vasos decorativos de fibra (floreiras vivas), que valorizam a decoração de ambientes pequenos, como escritórios, varandas e salas de estar.

Esses vasos alinhados formam divisórias móveis ideais para separar ambientes, com muita classe e aquele toque natural que quebra a monotonia dos escritórios.



Adalto e Delandi fazem reparos em parachoque plástico. Ao fundo, vaso de fibra fabricado pela Art-Fibra e protetor de caçamba recuperado.

São Paulo Turbo Diesel
Especializado em
BOMBAS INJETORAS E TURBINAS
Av. Nasser Marão, 5677 - Tel. 421-1078

AUTO ELÉTRICA DO VIRGÍLIO
ALTERNADORES E MOTORES DE PARTIDA DE CARROS E CAMINHÕES
Rua José Silva Melo, 892 - Jd. Paraiso
TEL. 421-8471

AGROPET
Comércio de Produtos Veterinários e Clínica Veterinária
TEL. 421-5313
Rua Pe. Izidoro C. Paranhos, 1058

PROGRESSO DA VILA AMÉRICA VENCE O SEGUNDO TORNEIO DE FUTEBOL MINI-CAMPO



A equipe do Progresso da Vila América, Campeã do Torneio.

O esporte amador reforça amizades, gera polemicas, revela talentos e lideranças comunitárias. Enquanto o setor noroeste ainda não tem uma quadra poliesportiva pública, nossos craques vão surgindo no mini-campo de futebol feito pela Prefeitura na rua Rio Grande, e na quadra da escola Clary Brandão Bertoncini.

Aproveitando o Dia de Corpus Christi, na tarde do dia 6 o esportista João Luciano Bazi coordenou o Segundo Torneio de Futebol Mini-Campo da Vila América, envolvendo quatro equipes, todas da Vila América: Bragantino, Comercial, Progresso e Juventude.

No Primeiro jogo da rodada o Progresso da Vila América derrotou o Juventude por 2 gols a zero. Nosso repórter falhou e não anotou os autores dos gols. Na segunda partida, o Bragantino venceu o time do Comercial (4 X 3), e o terceiro jogo, entre Comercial e Juventude terminou empatado em 2 a 2. Nos pênaltis deu Comercial, que venceu por 3 a 2.

Na final enfrentaram-se Progresso e Bragantino. Em jogo tão disputado como os três primeiros, sob pressão da torcida o árbitro chegou a mostrar o cartão vermelho para controlar os ânimos. O troféu ficou com o Progresso da Vila América que venceu por 2 gols a zero.

CORPUS CHRISTI: COMUNIDADE DOA 650 KG DE ALIMENTOS

Na semana que antecedeu a Festa de Corpus Christi os católicos de Votuporanga doaram gêneros alimentícios para distribuição entre as famílias carentes. Da celebração, no dia 6, participaram as paróquias Nossa Senhora Aparecida, São Bento, Santa Luzia, Santa Joana e Senhor Bom Jesus. Juntamente com os outros sacerdotes da cidade, o padre Gilmar concelebrou a missa na Concha Acústica, após a procissão que reuniu fiéis de todas as paróquias.

No altar montado pela nossa comunidade na esquina das ruas São Paulo e Paraíba, onde terminava o trecho enfeitado pelos fiéis da Vila América, Paineiras, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio, foram colocados os alimentos doados pelos moradores do setor noroeste. Antonio Ferreira Neto, coordenador da Conferência Vicentina, adiantou que parte dos alimentos arrecadados irá para o Lar São Vicente de Paulo, e parte para as famílias carentes que vêm sendo assistidas.

Foram doados 118 Kg de arroz, 75 de macarrão, 71 de farinha de trigo, 58 de feijão, 55 de açúcar, 59 de sal, 30 de farinha de mandioca, 16 de fubá, 144 latas de óleo, 14 de massa de tomate, 5 de ervilha, 4 de salsicha, 4 de pescada, 2 de milho verde, e 1 de leite em pó, além de temperos, vinagre, aveia, maizena, bolachas, esponjas de aço, detergentes e fósforos. A comunidade também doou remédios, 14 pares de calçados e 97 peças de roupas.



A rua São Paulo foi enfeitada com flores para a procissão, e os paroquianos montaram o altar com alimentos na esquina da rua Paraíba

CLASSIFICADOS

MOTOS
Vende-se Yamaha 135, 1988
preta, único dono R$ 1.000,00
Rua Minas Gerais, 1165
Fone: 421-7197

FESTAS
Buffet Tereza & Maria
Congelados e Quitutes para festas e reuniões.
Fone: 421-1662

BARCO
Vende-se barco de 6m, alumínio, borda média, com carreta e motor de 3,5 HP
Rua Paraná, 720 - Oficina Vitorelli

CHURRASQUEIRAS
Completas e desmontáveis
Rua Perú, 806 - Esquadrias Metálicas Das Américas
Fone: 421-4213

Anuncie gratuitamente. Leve seu anúncio à reuniões do jornal, que são aos domingos às 18h00, na Paróquia Senhor Bom Jesus

supermercado FAVORITO
Direção: Sérgio e Rose
TEL. 421-6566
Av. José Silva Melo, 1102

PADARIA paulista
PÃES QUENTES A TODA HORA
Rua Paraná, 1021 - V. América
Tel. 421-4913

ARABIM
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO LTDA
Tudo para sua obra.
Do básico ao acabamento, sempre com os melhores preços
Rua Pe. Izidoro C. Paranhos, 912
Tel./Fax 421-2177

Sendo assim, na segunda-feira, dois de junho, iniciei os contatos visitando, inicialmente, os pequenos comerciantes da região das Paineiras. Conversei com açougueiros, donos de bares e armazéns, farmacêuticos e mecânicos. Consegui conversar com oito comerciantes, e saí da loja de materiais para construção Arabim às 19 horas. Já era tarde, as portas principais da loja foram fechadas às 18 horas, mas eu acabava de conseguir o primeiro patrocinador. Tendo trabalhado quinze anos na imprensa, este pesquisador sabia que o primeiro era importantíssimo, como reforço de argumentação na hora de abordar os outros comerciantes.

Para seis, dos oito contactados, tive que explicar, detalhe por detalhe, todo o esquema de funcionamento do "Jornal Comunitário". Tentei demonstrar, matematicamente, as vantagens de se anunciar para um público próximo, já que todas as residências, das redondezas de todos os estabelecimentos comerciais da Vila América, receberiam o jornal. Argumentei, em vão, que o fato de estarem apoiando uma atividade comunitária poderia gerar um retorno interessante: o estreitamento das relações entre os consumidores e as lojas do bairro. Entretanto, o que mais parecia persuadí-los, ou levá-los a valorizar minha presença, era a explicação de que ninguém ganharia dinheiro com a elaboração do jornal. Quando eu lhes mostrava que o custo da impressão, somado ao das fotografias, seria dividido, em partes iguais, entre os nove patrocinadores, parece que eles começavam a me ouvir.

A maioria dos empresários comportava-se como se minhas visitas fossem ataques. Contra-atacavam sempre - e pude constatar a regularidade desse comportamento - tentanto culpar os contatos publicitários e representantes comerciais de indústrias pelos problemas financeiros de suas empresas. Muitos deles dizem ter sido convencidos a comprar, por representantes de indústrias, e, com a diminuição do

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

volume de vendas, agora pagam juros aos bancos para poderem honrar seus compromissos, ou seja, pagar as duplicatas correspondentes à mercadoria estocada. Todos adiantam, logo após as apresentações, que suas lojas estão "mal das pernas", que os impostos levam todo o lucro no final do mês, e que "gente boa, que sempre pagou suas contas em dia, não está pagando mais". Dizem que a inadimplência também é responsável pelos juros altos pagos mensalmente, por eles, para não perderem crédito junto às indústrias fornecedoras, e que por isso, ou aquilo, não podem "gastar com propaganda".

As "ladainhas" são muito semelhantes, não variam muito, de loja para loja. Contudo, com o lucro dessas suas atividades comerciais, das quais tanto reclamam, quase todos já compraram propriedades rurais e estão se tornando, também, pecuaristas. Vivem em grandes e modernas residências, possuem automóveis caros e vestem-se muito bem. Outros, donos de empresas maiores, alegam terem sido multados, pela Receita Federal, "em valores altíssimos", terem perdido um caminhão, recentemente (?!), num acidente rodoviário, ou contam qualquer outro "drama" para desarmar os vendedores. Neste caso, este pesquisador, que pretendia apenas viabilizar a impressão do jornal comunitário.

De uma forma, ou de outra, todos procuram se esquivar. É preciso bom humor para não desanimar e, o que é mais importante, para prender a atenção dos empresários. Caso contrário, corre-se o risco de falar com as paredes. Esse confronto, entre vendedor e comprador, é, realmente, terrível quando o produto oferecido é tão abstrato: "um provável lucro decorrente de um provável aumento nas vendas". Durante os contatos, os empresários costumam desdenhar, atender ao telefone sem a menor pressa de encerrar a conversa, pedir licença e sair do escritório por meia hora, entre

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

outras atitudes de menosprezo, mas quem pretende conseguir um patrocínio tem que passar por essas "provações". A venda de espaços publicitários é uma verdadeira batalha, mas acaba-se descobrindo que a perseverança e a boa educação são armas eficientes nesse tipo de "guerra".

Como eu não podia passar a semana em Votuporanga, por força dos compromissos com a docência, na Unesp, em Bauru, os contatos com os comerciantes teriam que ser mantidos aos sábados, no período da manhã, e nas segundas-feiras. Essa condição provocou um certo atraso na data da primeira publicação, mas no dia 14 de junho os nove espaços publicitários estavam vendidos. Levei todo o material para a gráfica do Diário de Votuporanga, na tarde do mesmo sábado, acompanhei o processo de impressão na manhã de segunda-feira, dia 16, e montei o esquema para a distribuição dos dois mil exemplares. Como eu deveria passar a semana em Bauru, deixei uns cem exemplares na secretaria da Casa Paroquial, para que a secretária os distribuisse, e coloquei pilhas, com vinte exemplares cada, nos quatro pontos previstos durante a fase de planejamento: na Prefeitura, na Câmara Municipal e nos dois "senadinhos". Viajei, à noite, para Bauru, pois daria aulas na terça-feira.

Voltei, de Bauru para Votuporanga, na madrugada da sexta-feira seguinte (20 de junho) e iniciei, por volta das 10 horas, a distribuição de casa em casa, de mão em mão, conversando com todos que tivessem dispostos a ouvir uma rápida explicação sobre o jornal comunitário que estavam recebendo. Comecei pela rua dos Eucalíptos, no extremo oeste da Vila América, na região conhecida por Paineiras, onde fica o armazém do vereador Silvio Carvalho. Deixei, inclusive, alguns exemplares sobre o balcão de sua mercearia, para que sua esposa entregasse aos fregueses. Muito educada, mas com olhar desconfiado, ela me disse que entregaria, sim, como costumava fazer com

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

"o outro jornal comunitário da associação dos moradores", que, segundo ela, era presidida por seu marido. Na verdade, a tal associação, à qual se referia, era fictícia, ou virtual. Ninguém fazia parte dela e não aconteciam reuniões há mais de dois anos. No entanto, não havia motivo para contrariá-la. Convidei-a a participar das reuniões do "Jornal Comunitário", lembrando-a que os encontros aconteciam aos domingos, às 18 horas, na praça da igreja.

Na condição de pesquisador, observei com moderação o comportamento da esposa do vereador, e saí do armazém acreditando estar no caminho certo. Era perceptível que o jornalismo comunitário incomoda os que estão no poder. Seu comentário, feito com grande descaso, fez-me sentir como se estivesse com um pacote de "bombas sociais" nas mãos, entregando uma por uma, na expectativa de despertar o interesse pela leitura naquela gente tão desacostumada a isso.

Essa parte da pesquisa, a experiência da distribuição, talvez tenha sido a mais gratificante. As crianças, em idade escolar, pediam jornais e sentavam-se nas guias das calçadas, em grupos, para ler. Logo identificavam, nas fotos, alguns dos jogadores do "Progresso da Vila América", comentando onde os "atletas" reconhecidos trabalhavam, dizendo, uns aos outros, pais de quem eles eram. Reconheciam as mulheres, coordenadoras dos trabalhos paroquiais, e o "buracão". A foto da grande poça de água parada, com certeza, foi a "estrela" da primeira edição. A manchete, "Nossa festa junina é sábado, dia 22", anunciando a festa junina, na primeira pessoa do plural, veio seguida dos nomes de três pessoas conhecidas do bairro: Antonio Donizete de Oliveira, o Pico, um pedreiro muito sério e benquisto; João Zuquetti, um antigo morador da região das Paineiras, muito conhecido; e Anésio Marim, o sanfoneiro que costuma animar todas as festas juninas do bairro.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

As reações dos que receberam, em mão, a primeira edição, foram muito interessantes. Quase todos começavam a ler já no portão da rua de suas casas, entravam caminhando com os olhos "grudados" no jornal, e, muitos deles, sentavam-se na cadeira da varanda para continuar a leitura. Alguns recusaram-se a pegar o jornal, dizendo-se analfabetos ou explicando que nem assistiam a televisão, geralmente pessoas idosas. Quando eram mulheres, seus longos cabelos, penteados para trás e com um volumoso coque na nuca, denunciavam a "fé evangélica". Talvez, a "justificativa" do desinteresse pelo jornal. Mas esses foram apenas quatro, ou cinco, um número insignificante em relação ao universo da pesquisa.

Para entregar os dois mil jornais foram necessários dois dias inteiros. Conclui a distribuição no sábado à noite, por volta das 21 horas. Isso, porque fiz questão de conversar com todos que demonstravam um pouco de interesse. Muitos queriam saber que candidato estava por trás daquela publicação, principalmente nas portas dos bares e padarias, onde, em rodas de amigos, costuma-se "jogar conversa fora". Nesses casos, eu mostrava, calmamente, que o jornal não citava o nome de nenhum político. Nem, tampouco, elogiava a prefeitura, procurando mudar as idéias dos que associavam a publicação comunitária a políticos. A intenção era estimular a reflexão sobre atividades comunitárias, e fazia parte da pesquisa esse investimento de tempo. Ao sair de dois, dos muitos bares visitados, o tema "jornalismo comunitário" havia substituído a conversa que "rolava" anteriormente.

Uma senhora que contactei, quando varria as folhas da calçada, caídas da sibipiruna plantada em frente à sua casa, perguntou-me se aquele era o jornal do vereador Silvio Carvalho. Disse-lhe, então, não saber de nenhum outro jornal no bairro, e que aquele era um "Jornal Comunitário", e não um jornal político partidário.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Através dela, fiquei sabendo, por acaso, que o "Silvão" pretendia relançar a publicação com a qual havia feito seu marketing político. Perguntei como ela havia sido informada sobre o jornal do vereador, ao que me disse, apenas, que uma amiga sua tinha lhe contado. No mês seguinte, julho, quando eu distribuia a segunda edição do "Jornal Comunitário", na mercearia da rua Rio Grande, deparei-me com uma pilha de jornais sobre o balcão. Era a publicação do vereador Silvio Carvalho, lançada quando ainda candidato ao Legislativo local, antes de ser eleito pela primeira vez, conforme relatou-me o gráfico Benedito A. Nunes, o Dito, então diagramador do jornal "A Cidade".

Nenhuma edição, desse informativo político partidário, circulou no segundo semestre de 1995, e nem no primeiro semestre de 1996. Entretanto, o nome da publicação, "JORNAL COMUNIDADE", deixou confusos, os moradores que se lembraram das edições anteriores. Os nomes dos dois jornais são muito parecidos, o que explica o fato de alguns terem relacionado o "Jornal Comunitário" ao vereador. Esse foi outro fator complicador, no que diz respeito à adesão dos moradores ao órgão comunitário proposto por este pesquisador.

O conteúdo do "JORNAL COMUNIDADE", relançado, em julho de 1996, foi uma clara resposta ao conteúdo informativo do "Jornal Comunitário". Enquanto a manchete do "Comunitário", edição de junho, anunciava a festa junina, a manchete do "COMUNIDADE" contava o sucesso que foi a festa. Nas fotos de capa, destaque para o vereador Silvio Carvalho dançando a quadrilha, ao lado do Pico, aquele pedreiro citado nas primeiras linhas da capa do "Jornal Comunitário". Coincidência, ou não, o "COMUNIDADE" trouxe na capa: "Boa Notícia: SAEV vai despoluir o Córrego Boa Vista", quando a segunda manchete, em importância, do "Comunitário", foi:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

"Córrego poluído ameaça a saúde da comunidade". Já a terceira matéria do "COMUNIDADE" tem o título: "Progresso, uma trajetória digna do próprio nome". A matéria tenta gerar polêmica, relacionada ao nome de duas equipes de futebol amador da Vila América. Refere-se ao "Progresso Futebol Clube" como um time disciplinado, dirigido por Luis Carlos da Silva, enquanto o "Jornal Comunitário" noticiou a vitória do "Progresso da Vila América", time dirigido por Ademir Aparecido Paschoalato, no segundo torneio de futebol mini-campo.

Na quinta reunião de pauta (29 de junho), da segunda edição, a semelhança entre os nomes, das duas publicações, motivou uma série de conversas, inclusive sobre os conteúdos informativos e as políticas de comunicação, do "Jornal Comunitário" e do "JORNAL COMUNIDADE". O Antonio, geralmente sério, até fez uma brincadeira relativa ao fato: " a Vila América nunca teve jornal e, de repente, passou a ter dois. Ao que parece, de uma hora para outra, o bairro ficou importante". Perguntei, durante as conversas, se todos haviam lido o primeiro jornal realmente da comunidade, com notícias sugeridas pela comunidade. As expressões foram de aprovação e, para minha surpresa, alguns elogiaram o editorial.

É comum, nas redações da grande imprensa, os jornalistas dizerem que o editorial é a parte menos lida de qualquer publicação. Talvez a afirmação seja verdadeira. No entanto, foram muitos os comentários sobre a proposta lançada no editorial da primeira edição. Vera, funcionária do supermercado Favorito, um dos patrocinadores, comentou ter gostado muito do "jornalzinho", e que muitos fregueses também gostaram. Acrescentou, ainda, que "seria uma maravilha" se o jornal conseguisse estimular mudanças de comportamento "para melhor". E essa foi a proposta



JORNAL COMUNIDADE

ÓRGÃO INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DAS PAINEIRAS E ADJACÊNCIA - JULHO/96 - EDIÇÃO Nº 5

Festa junina foi sucesso

Foi um sucesso a Festa Junina realizada no último sábado, na Avenida José Silva Mello e promovida pela Paróquia Senhor Bom Jesus das Paineiras, com a supervisão do Padre Gilmar Margotto. O evento foi organizado pelos coordenadores de setores e auxiliares. Serviu como uma espécie de confraternização para as pessoas que prestigiaram, num ambiente sadio e descontraído.

Toda a arrecadação aufe-rida será destinada às obras da paróquia. A festa teve uma arrecadação bruta de R$ 1.509,46 contra uma despesa de R$ 271,60. O total líquido foi de R$ 1.237,87. A Direção da Paróquia agradece a todos que estiveram presente e colaboraram para que a festa fosse um sucesso.





Quadrilha foi um dos pontos alto da Festa

Congresso Eucarístico

A Eucaristia é um dos grandes símbolos para os católicos, representando a comunhão de Deus com os homens. Na página 2 o padre Gilmar Margotto escreve artigo sobre o 13º Congresso Eucarístico Nacional, que será realizado em Vitória do Espírito Santo, de 7 a 14 de julho.

Esporte

Progresso: colecionando alegrias para quem gosta de futebol.

Última página

Boa Notícia

SAEV vai despoluir corrégo Boa Vista.

Página 3

KRIK LANCHES
R. PADRE IZIDORO (ESQ. C/ URUGUAI)
"Fazendo a vida ficar mais gostosa"
X-SALADA BACON
CACHORRO QUENTE
X-PEITO
HAMBURGUER
X-TUDO
X-SALADA
CERVEJAS E REFRIGERANTES, SUCOS
ENTRE OUTROS
Temos Porções de Frango, Calabreza e Batata
Música ao vivo dia 12/07
com STIK SOM

do primeiro editorial. Seu comentário já era um retorno muito bom. Demonstrava que ela havia lido, e com atenção, o texto "mais cansativo" do jornal.

Voltando à reunião do dia 29 de junho. Naquele encontro, levei os dois jornais, o comunitário e o partidário, para que pudéssemos compará-los. Apenas um dos presentes já tinha visto o "COMUNIDADE", dias antes, o que me levou a pesquisar se a publicação do vereador Silvio Carvalho havia sido entregue em todas as residências, ou não. Dos presentes, o Waldemir, o Antonio e a "Fina" não sabiam da publicação do "JORNAL COMUNIDADE". O Rafael Bonfim havia pego um exemplar na Mercearia Saraiva, mas pensou que fosse o "Jornal Comunitário" que estávamos fazendo. Por isso, lembrou-se de ir à reunião. "Seu Rafa", como o chamam, sempre foi convidado, mas nunca quis participar das reuniões. Diz, sempre, que o seu negócio é o trabalho pesado: montar barracas nas festas, pintar o salão, montar palcos, entre outros serviços. Perguntei onde ele morava, já que ele não havia recebido o "Jornal Comunitário" que nós fizemos, e pude confirmar que havia entregado o jornal em sua casa. Comentou, então, que procuraria o jornal, mas que, provavelmente, "a molecada havia roubado", porque sua casa estava sem portão e a rua é cheia de crianças. Como eu havia levado alguns exemplares, entreguei-lhe outro.

A respeito da distribuição, comentei que precisávamos encontrar uma maneira de organizar a entrega da segunda edição, para que o trabalho fosse feito em menos tempo. Ressaltei que esse trabalho é tão importante quanto as etapas de elaboração do jornal, já que a proposta é promover maior entrosamento entre as pessoas. Para que isso aconteça, é necessário que toda a comunidade leia o "Jornal Comunitário". Comentei, também, que toda a equipe precisava sentir a satisfação que eu havia sentido, ao ver as pessoas lendo, interessadamente.

unesp

Disse-lhes que o diretor da escola Uzenir Coelho Zeitune havia gostado muito do jornal, assim como vários professores com quem mantive contato, e se propuseram, inclusive, a convocar alunos da oitava série para ajudar na distribuição. Contudo, adiantei não considerar a idéia interessante. Em geral, há muito desperdício, quando esse trabalho é feito por gente que desconhece o custo de elaboração de cada edição. Reforcei: só quem tem noção das dificuldades, de como é difícil conseguir patrocinadores, toma o cuidado necessário para que todos os exemplares sejam lidos, quiça por três, ou quatro, pessoas.

A reunião acabou e todos se comprometeram a levar sugestões de notícias, para a segunda edição, no domingo seguinte, dia 6 de julho.

Na segunda, 30 de junho, conversei com o vereador Silvio Carvalho, oportunidade em que fui agradecer a ele por ter mencionado, na tribuna da Câmara Municipal, o lançamento do "Jornal Comunitário". Aproveitei para lhe perguntar se havia distribuido o jornal em toda a Vila América. Silvio Carvalho disse-me que o jornal "era coisa do Dito" (Benedito A. Nunes) do jornal "A Cidade", e da Associação (Associação dos Moradores das Paineiras e Adjacências - aquela virtual). Ele, mesmo - afirmou - não sabia "de nada". Saí de sua mercearia e dirigi-me ao setor de planejamento gráfico do jornal "A Cidade". Precisava conversar com o Benedito para descobrir onde o "JORNAL COMUNIDADE" havia sido distribuido.

Na redação do diário "A Cidade", o esquema do "JORNAL COMUNIDADE" não era segredo para ninguém. Não precisei nem perguntar para o próprio Benedito. O redator-chefe do diário, Dagmar Azevedo, contou-me que o vereador Silvio Carvalho cede as fotos, encomenda as matérias principais e paga a impressão do jornal para o dono da empresa, o radialista João Carlos Ferreira. O

unesp

Benedito redige e compõe as matérias no computador, faz a diagramação, e , como pagamento, fica com todo o faturamento conseguido com a venda de espaços publicitários. Não é à toa, portanto, que os anúncios publicitários ocupam quase cinquenta por cento do "JORNAL COMUNIDADE".

Melhor informado, procurei o Benedito, no centro de processamento de dados, para tentar descobrir se ele distribuia o jornal em todas as residências. Envolto por um monte de fotografias, que escaneava para fazer uma fotomontagem, ele me disse que limitava-se a colocar duzentos exemplares, aproximadamente, em cada balcão de bar, padaria ou mercearia da Vila América. A tiragem do "COMUNIDADE" era de mil exemplares.

Essa informação era importante, e me deixou satisfeito. Eu sabia, por experiências anteriores, que a alternativa de deixar publicações em balcões de estabelecimentos comerciais, com a pretensão de atingir os leitores, era ineficiente. Poucos, dos que vão às compras nesses pontos de distribuição, interessam-se por pegar os jornais e levá-los para casa, embora as publicações fiquem disponíveis. E os donos dos estabelecimentos não costumam oferecer os jornais aos clientes.

Com isso, a probabilidade de eventuais confusões entre o "COMUNIDADE" e o "Comunitário", por parte dos leitores, poderia ser menor. Numa suposição não tão incoerente; menos moradores deveriam pensar que o jornal político-partidário do vereador Silvio Carvalho era o órgão comunitário feito pelos moradores.

No início da reunião de 6 de julho (a sexta), continuamos fazendo a avaliação do impacto da primeira edição sobre os leitores da Vila América. Antonio disse-nos que o barco, da oficina Vitorelli, anunciado nos classificados, não estava mais

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

lá. Waldemir disse ter levado um exemplar à serralheria ESMEBRA, onde trabalha, e que todos gostaram muito, inclusive o Donizete, dono da empresa. Disse que seu "patrão" lhe perguntou qual tinha sido a tiragem, e ficou de estudar a possibilidade de anunciar na próxima edição do "Comunitário". Waldemir comentou, também, que alguns vizinhos seus estavam conversando sobre o jornal, na manhã seguinte ao dia da distribuição, quando ele saia para a trabalho, com sua bicicleta.

Gilmar, o padre, estava contente com a publicação. Informou-nos que três senhoras da Chácara Aviação, um bairro vizinho, o procuraram. Pediram que o "Jornal Comunitário" passasse a ser distribuído, também, no seu bairro, onde uma nova escola particular havia entrado em funcionamento, há pouco tempo, a Cooperativa de Ensino de Votuporanga. Segundo Gilmar, alguns estudantes, aparentemente menores de idade, constumavam ir à escola com os automóveis de seus pais, e faziam manobras perigosas na hora da saída, quando muitos estudantes ficam agrupados na porta da escola. As reclamantes alegaram já terem denunciado o fato às rádios locais, mas nenhuma providência havia sido tomada. Acreditavam, e por isso pediam a extensão da área de abrangência do jornal, que o "Jornal Comunitário" denunciaria o abuso dos adolescentes.

O que ele estava informando era muito interessante. Afinal, tinha gente acreditando no jornal. Expliquei, então, os obstáculos que impediam, naquele momento, a ampliação da tiragem. O problema, basicamente, seria o acréscimo no custo de produção. O aumento do número de exemplares implicaria, já que o preço dos módulos de publicidade deveria permanecer inferior aos cobrados pela grande imprensa local, na necessidade de venda de mais espaços publicitários. Na redução, portanto, dos

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

centímetros de coluna reservados para textos e fotos, que já é bastante reduzido nos tablóides de quatro páginas.

Gilmar continuou tecendo seus comentários, e avisou que, pela primeira vez, em Votuporanga, haveria casamento comunitário, no mês de agosto. Adiantou que as cinco paróquias se uniriam para a celebração dos casamentos, e sugeriu a publicação dessa notícia na edição de julho, para os casais interessados não perderem o prazo de inscrição. As inscrições encerrariam-se no dia 15 de agosto.

Padre Gilmar acabou dando, ainda, outra sugestão de notícia. Comunicou, entusiasmado, a participação de mil e quinhentas pessoas, aproximadamente, da festa junina realizada no dia 22 de junho. Um número recorde, segundo Gilmar. Na promoção do ano anterior, 1995, cerca de 500 pessoas contraternizaram-se, na mesma festa. O padre não quis creditar a triplicação, do número de participantes, somente ao fato do jornal ter circulado dias antes da festa, e nem achei que deveria fazê-lo. O distanciamento crítico deve pautar todas as conclusões de um pesquisador. No entanto, reconheceu: "certamente, o jornal contribuiu para que tanta gente se lembrasse da festa".

Como pesquisador, recebi a notícia como um estímulo muito grande. Tinha certeza de que todas as famílias da Vila América haviam recebido o jornal, eu mesmo havia entregado um exemplar em cada uma das quase mil e oitocentas residências. Sabia, também, em função do questionário aplicado no bairro, por este pesquisador, que poucos moradores assinavam os diários locais. Não era exagero, portanto, acreditar que o jornal havia sido lido por boa parte dos que vivem no universo da pesquisa. Além disso, Luciano Passoni, o rapaz que anunciou sua motocicleta para a venda, na seção de classificados da primeira edição, teve que escolher entre dezoito

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

candidatos a compradores de sua *Yamaha*. Conseguiu vender sua moto no mesmo dia em que o jornal circulou. Quanto ao barco, também anunciado, foi vendido no dia seguinte ao da publicação. O Buffet Tereza & Maria, e a serralheria que anunciou a venda de churrasqueiras, não receberam nenhum telefonema na semana subseqüente à da publicação do "Jornal Comunitário". O primeiros resultados, contudo, davam indícios de que o retorno havia sido significativo.

Duas sugestões de notícias já haviam sido dadas, naquela reunião, pelo padre Gilmar. Ambas tinham caráter comunitário. Sendo assim, sugeri a votação, para verificarmos se os assuntos já propostos deveriam ser temas da segunda edição. Houve unanimidade, favorável à divulgação das duas notícias. É bom lembrar, aqui, a ausência do padre Gilmar, o proponente, no momento da votação. O vigário já se preparava, na sacristia, para celebrar a missa que estava prestes a começar. Cristiano, um dos meninos do coral, disse que o casamento comunitário, cerimônia inédita em Votuporanga, já estava sendo comentado em toda a cidade, porque muitos casais, oficialmente, não casados, teriam oportunidade de regularizar suas situações, gratuitamente. O outro tema sugerido, uma reportagem sobre a festa junina, merecia "ser divulgado, porque centenas de pessoas envolveram-se na organização, na montagem das barracas, e trabalharam na noite da festa", afirmou Estevão, que foi o responsável pela operação de áudio na noite da festa e testemunhou a animação.

Sabendo, com antecipação, de compromissos familiares que me impediriam de participar da festa junina, no dia da confraternização contactei alguns moradores, no local onde trabalhavam na montagem das barracas, no período da tarde. Perguntei a várias pessoas, com quem já havia conversado anteriormente, se gostariam de fazer a reportagem fotográfica, até que, depois de várias respostas negativas, encontrei, na barraca da pescaria, o primeiro "repórter comunitário". Chama-se Márcio



Castrequini. Conhecíamo-nos há algum tempo e tínhamos conversado um pouco no dia em que a comunidade enfeitou a rua São Paulo, para a procissão. Proprietário de uma pequena indústria, ele havia emprestado seu caminhão, no dia da festa de Corpus Christi, para o transporte das flores utilizadas na decoração da rua. Deixei a máquina fotográfica com ele, e fiquei de buscá-la, em sua casa, no sábado seguinte.

Com isso, como Márcio havia feito as fotos, já tínhamos o material fotográfico para a reportagem sobre a festa junina. Faltava, apenas, apurar os dados relativos à renda e às atividades que mais envolveram a comunidade, considerando-se a limitação do espaço. Essa matéria não poderia ocupar mais de uma página. Waldemir ficou com o compromisso de conseguir as informações referentes ao casamento comunitário. Os demais, comprometeram-se a trazer novas sugestões no domingo seguinte, dia 13, quando a segunda edição deveria estar totalmente planejada.

Uma constatação interessante, detectada pelo professor Antonio Barbon, foi o aumento do número de jogos de futebol amador, na Vila América, após a publicação do primeiro "Jornal Comunitário". Barbon é sociólogo, professor universitário, e reside na esquina das ruas Rio Grande e Canadá, bem em frente ao mini-campo municipal. Ele percebeu que o "campinho nunca mais ficou desocupado, nas tardes dos sábados e domingos". Até o mês de maio, observou, eram realizados um, ou dois, jogos por final de semana, "mas agora acabou o meu sossego. A turma grita o final de semana inteiro", afirmou em tom de brincadeira.

Quando conversávamos, contei-lhe que, toda semana, ou o Ademir Aparecido Paschoalato, ou o Nenezão, deixavam recados em minha casa, avisando os horários e locais dos torneios, para que eu pudesse fazer a cobertura jornalística. A foto da equipe "Progresso da Vila América", campeã do Segundo Torneio de Futebol Mini-campo, e a reportagem, publicadas na primeira edição, parecem ter

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

estimulado a organização de novos torneios de futebol mini-campo. Este pesquisador fez registros fotográficos do primeiro jogo de futebol feminino, realizado na Vila América, que não chegaram a ser publicados.

Em uma manhã de sábado, o Ademir foi me convidar para acompanhá-los, ele e o seu time. Os jogadores do "Progresso" iriam jogar num bairro rural. Queriam que o jogo fosse registrado pelo "Jornal Comunitário". Disse-lhe que tinha outro compromisso, iria fotografar e cobrir o torneio na escola Clary Brandão Bertoncini, e sugeri que ele mesmo fotografasse os lances mais importantes da partida que jogariam, no sítio. Ele compreendeu, e disse que levaria sua máquina fotográfica, mas que não poderia garantir a qualidade das fotos. Aproveitei, então, para incentivá-lo, e expliquei como deveria bater as fotos para que o contraste garantisse uma boa impressão. Lembrei-o, também, que deveria anotar as escalações dos dois times, os resultados, os nomes dos árbitros e dos jogadores que marcassem gols, além de outros detalhes que , eventualmente, viessem a ocorrer. Ademir franziu a testa, disse que seria muito difícil, mas que tentaria ser repórter.

As anotações, feitas por ele, ficaram meio incompletas. Foi preciso entrevistá-lo para completar o texto, mas as fotografias ficaram boas, e ele, muito satisfeito. Como pesquisador, vi sua atitude como um avanço, no processo de envolvimento da comunidade com o jornalismo comunitário. Da mesma forma que considerei de extrema importância, para a pesquisa, a colaboração do "fotógrafo comunitário" Márcio, autor das fotos da festa junina, publicadas na edição número dois. Os indícios de que a comunidade faria, praticamente, sozinha, "com o tempo" (usando as palavras de D. "Fina"), o jornal comunitário, começavam a ser percebidos.

A reunião do dia 6 foi muito produtiva. Já haviam sido definidos quatro temas de matérias: o da mudança de perfil dos moradores da Vila América, agora

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

caracterizado como "bairro de trabalhadores"; o sucesso da festa junina; o casamento comunitário e o futebol amador. A quinta sugestão foi dada por Pedro, um comerciário que não havia participado de nenhuma das reuniões anteriores.

Pedro lembrou-se de como é difícil andar pelas calçadas da Vila América: "a gente é obrigado a andar pela rua, e isso é perigoso, principalmente para os mais idosos", comentou. O fato é que o bairro todo foi construído numa região em declive e, com isso, muitas residências têm rampas de acesso às garagens. Essas rampas ou degraus, nas calçadas, facilitam a vida dos moradores, constituindo-se, ao mesmo tempo, em obstáculos para os pedestres. São soluções proibidas por leis municipais, no entanto, toleradas pelos fiscais da Prefeitura.

Quando Pedro comentou sobre os muitos degraus, encontrados em quase todos os quarteirões, Waldemir complementou, criticando a falta de critérios para o plantio de árvores nas calçadas e o perigo que oferecem as lixeiras instaladas nas grades das casas: "andando pelas calçadas, se a pessoa se concentrar nos degraus e nos buracos, do chão, acaba batendo a cabeça numa lixeira ou em um galho de árvore". Lembrei-me, então, de já ter levado sustos, ao desviar, instintivamente, de lixeiras instaladas na altura do rosto de quem caminha pelas calçadas. Comentei que, em muitos casos, essas lixeiras suspensas ficam bem em frente às árvores, plantadas nas calçadas, e obrigam o pedestre a andar pela rua, junto ao meio-fio. Todos sorriram, confirmando a existência de verdadeiras "armadilhas" para quem anda a pé pela Vila América. Cada um citou, pelo menos, um lugar onde esse problema existe, nas redondezas de suas casas, ou mesmo nas calçadas de suas próprias residências, o que desencadeou uma conversa sobre a complexidade da questão.

O problema levantado não era de fácil solução, mas todos concordavam que esse desrespeito aos pedestres era evidente para qualquer um.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Cristiano, então, falou sobre o "quase atropelamento" de um amigo seu, quando descia a rua Paraná, caminhando junto ao meio-fio da calçada. Sugeri, ante a concordância quanto à existência do problema, a inclusão de uma matéria educativa, relativa ao plantio de árvores e aos degraus nas calçadas. Colocada em votação, a sugestão, todos acharam que seria conveniente a abordagem do assunto.

Como coordenador da reunião, até que alguém resolvesse assumir essa função, perguntei se haviam pensado em como enfocar o assunto relativo à mudança verificada nas características dos moradores da Vila América. Waldemir disse, então, que muita gente levava aparelhos eletrônicos para consertar no centro da cidade, quando haviam muitos técnicos no bairro, da mesma forma que outros serviços, como reformas de móveis, oferecidos por trabalhadores da comunidade, eram feitos em outros bairros. Sugeriu que o jornal saísse "em defesa dos profissionais do nosso setor". Questionei os demais, sobre outras maneiras de se tratar o assunto, mas nenhuma outra sugestão foi dada.

Era hora de encerrar. Perguntei quem, dos presentes, iria à Prefeitura, verificar a legislação relativa à construção de passeios públicos. Como já era previsto por este pesquisador, ninguém poderia ir. Encarreguei-me, então, do compromisso, e avisei que, no domingo seguinte (13 de julho), não participaria da reunião porque estaria redigindo a segunda edição. Lembrei a todos, antes de encerrarmos, que todos ali eram repórteres e deveriam ficar atentos a quaisquer fatos que pudessem ser notícias, na semana entrante, para que o jornal não deixasse de publicá-los, se fossem importantes.

Na semana seguinte, ao retornar de Bauru, na sexta-feira, visitei as duas escolas estaduais do universo da pesquisa. Os professores da escola Profª Uzenir Coelho Zeitune me aguardavam com um recado, já redigido, aos pais de alunos,



que gostariam de ver publicado. Questionei-os porque não comunicaram o "Jornal Comunitário" sobre a informação que queriam divulgar. A justificativa foi a falta de tempo. No café com os professores, reunidos em razão do intervalo regulamentar do período da tarde, comentei ter certeza que a escola teria outras notícias a divulgar. Disse-lhes que não se lembravam de outras informações por não contarem, anteriormente, com um jornal no bairro. Alguns segundos depois, a professora Angelina lembrou-se que seria reformado todo o calçamento, no quarteirão ocupado pela escola, e duas novas salas - uma delas a de vídeo - entrariam em funcionamento nos próximos dias.

A coordenadora pedagógica, Eunice de Fátima Alves, em nome dos professores da escola "Clary Brandão Bertoncini", solicitou a divulgação de uma notícia esclarecendo que os terrenos baldios não são depósitos de lixo. Como não há construções atrás do prédio onde funciona a escola, a rua das Aroeiras já estava cheia de lixo orgânico, apesar da coleta estar sendo feita regularmente pela Prefeitura Municipal.

Para a seção de classificados, já haviam sete anúncios, no sábado, 12 de julho, quando saí pelo bairro com o intuito de fotografar todas as placas feitas pelos moradores para oferecerem seus serviços. A idéia era fazer uma montagem que atraísse a atenção dos leitores.

No início do período da tarde, procurei o Valtinho, funcionário da Prefeitura, responsável pela coordenação do setor de Serviços Urbanos. Já nos conhecíamos, haja vista nossas entrevistas, quando este pesquisador foi repórter do Diário de Votuporanga. Por isso, tomei a liberdade de procurá-lo em sua casa. Ele me explicou que as árvores devem ser plantadas há quarenta centímetros do meio-fio, não no meio do passeio público, para não obstruírem a passagem. No entanto, lamentou, ninguém sabe disso e poucos procuram se informar antes de plantar ou replantar árvores

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

nas calçadas. Valtinho considerou interessante a divulgação dessa informação pelo "Jornal Comunitário", porque os fiscais que coordena não têm como agir após as árvores plantadas erroneamente e as calçadas já prontas. Para esses casos, brincou, estão previstas multas, "mas são politicamente incorretas".

Domingo, 13 de julho, com as informações organizadas, redigi as matérias da segunda edição. O editorial convidava à reflexão sobre a responsabilidade dos cidadãos, na condição de eleitores. Um lembrete, o "Ligue-se!", propunha o voto com seriedade. A matéria sobre o futebol amador citava todos os jogadores envolvidos no terceiro torneio da Vila América, os árbitros e os goleadores. A foto da equipe campeã ganhou a capa, e a da vice, abria a última página.

Na segunda, dia 14, parti para mais um "confronto" com os possíveis patrocinadores. Procurei, inicialmente, aqueles que já haviam patrocinado a primeira edição. As empresas Art Fibra, Padaria Paulista, Gregui Motos e Pet's aceitaram patrocinar a segunda edição. Seus proprietários ficaram satisfeitos com o retorno obtido com a publicação do primeiro anúncio que fizeram no "Comunitário". Sidney, da Art Fibra, disse que duas pessoas o procuraram para consertos em capotas de camionetes, fabricadas em fibra de vidro, e um empresário encomendou telhas transparentes para os barracões de sua indústria. Os três novos clientes foram informados sobre seus serviços pelo "Jornal Comunitário". O veterinário, Dr. Munhoz, da Pet's (AGROPET) disse que muitos clientes fizeram comentários positivos sobre a publicação. Os fregueses do João, da Padaria Paulista, disseram ter visto seu anúncio, e o Gregui (mecânico de motocicletas) reconquistou antigos clientes, que desconheciam seu novo endereço desde que deixou de ser empregado para montar sua própria oficina.

Com a edição número um para mostrar aos empresários, e o "boneco" da segunda edição já pronto, não foi tão difícil, quanto no mês de junho,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

JORNAL COMUNITÁRIO

2ª EDIÇÃO

JORNAL COMUNITÁRIO

Votuporanga, Julho de 1996

Ano I N.º 2 Paineiras, Vila América, Jardim Paraiso, Jardim Santo Antonio, Terras de São José

GENTE QUE DRIBLA O DESEMPREGO



É importante prestigiarmos os trabalhadores da nossa comunidade.
Antes de comprar ou contratar serviços, consulte as lojas e profissionais do nosso setor.

O desemprego sempre ronda a classe trabalhadora, mas a atual política econômica do governo federal piorou ainda mais o problema. Os pequenos empresários também estão em situação difícil, e para complicar parece que virou moda adiar os pagamentos das dívidas. Todo mundo deixa para pagar depois, quando puder, e isso só contribui para o aumento do desemprego.

Enquanto isso, em meio a toda essa insegurança, os moradores das **Paineiras, Vila América, Jardim Paraiso, Jardim Santo Antonio, Terras de São José, Campo Limpo e Chácara da Aviação** vão mostrando que não têm medo do trabalho. A comunidade encontrou na economia informal uma saída e, sem preguiça, cada um presta um tipo de serviço. Temos muitas costureiras, cabeleireiras, pedreiros, reformadores de móveis e máquinas, fornecedores de produtos alimentícios, enfim, a região oeste é lugar de gente que trabalha, como mostram dezenas de placas oferecendo produtos e serviços.

FESTA JUNINA REÚNE CERCA DE 1500 PESSOAS

Logo pela manhã os colaboradores iniciaram a montagem das barracas e da cadeia, e até o frio completava o clima típico de festa junina. À tarde, dezenas de pessoas estavam envolvidas na organização, trabalhando para que toda a comunidade pudesse se encontrar e festejar unida. E foi exatamente o que acabou acontecendo à noite, no dia 22 de junho. Centenas de famílias tiveram oportunidade de reforçar os laços de amizade, de conversar e reencontrar os amigos, num ambiente gostoso e com o entusiasmo que traz o espirito comunitário. As fotos estão na página 3.

CASAMENTO COMUNITÁRIO

Os casais que vivem juntos e desejam regularizar suas situações, caso não sejam casados, terão oportunidade de definir seu estado civil gratuitamente.

A partir de agosto, as paróquias Senhor Bom Jesus, Santa Joana, Santa Luzia, São Bento e Nossa Senhora Aparecida estarão unidas para a celebração de casamentos comunitários. Os casais interessados devem se inscrever até o dia 15 de agosto, no Centro de Treinamento de Mão-de-Obra (CTMO) que fica na esquina das ruas Pernambuco e Maranhão. O Fundo Social de Solidariedade vai promover o casamento ecumênico, e 39 casais já se inscreveram. As despesas com documentos e cartório serão pagas pela Prefeitura, e os cinco párocos definirão, no dia 16 de agosto, onde serão realizados os casamentos.

CALÇADAS OBRIGAM PEDESTRES A CAMINHAR PELAS RUAS Página 2



PROGRESSO GANHA MAIS UM TROFÉU

Na foto, da esquerda para a direita, Ronaldo, Gilberto, Fofão, Adriano e Ademir (em pé), e Piçarra, Levi, Cidinho e Galego, os jogadores do Progresso da Vila América. Participaram do III Torneio de Futebol Mini-campo as equipes do Juventude, Fluminense, Progresso e Barcelona. A foto do Fluminense e a reportagem completa estão na **página 4.**

EDITORIAL

Entre vizinhos, entre amigos, entre colegas de escola ou de trabalho, é importante que a gente converse sobre os problemas que tornam a vida mais difícil. Conversando, fazemos com que mais pessoas passem a se preocupar com assuntos que interessam a todos, e daí fica fácil encontrar saídas. Isso é muito natural. Se um grupo de pessoas procura encontrar soluções para um mesmo problema, surgem muitas idéias, e essas idéias somadas vão mostrar o caminho para que se resolva qualquer situação.

Somente conversando podemos ajudar-nos uns aos outros. E se pararmos para pensar um pouco, veremos que podemos fazer muito pela comunidade, porque os problemas não são tão complicados assim. É bom estarmos sempre lembrando que alguns políticos e autoridades preferem nem pensar na qualidade de vida do povo, já que também seria obrigação deles trabalhar pelo conforto da população.

As eleições vem aí, e vem como um grande desafio a nossa capacidade de organização enquanto cidadãos conscientes da responsabilidade que temos. Vamos nos informar, perguntar, ver o que realmente cada candidato terá condições de fazer pela cidade. Como cidadãos cumprimos nossos deveres. Em 3 de outubro, vamos exercer com seriedade o nosso direito de votar.

CALÇADAS CHEIAS DE ARMADILHAS



Na rua Augusto Sasso as calçadas são estreitas, com árvores e postes bem no meio do caminho, além de rampas e degraus. E por ser entrada da cidade, o trânsito de veículos é intenso, o que aumenta o risco de atropelamento.



Bebeto e Romário preparam-se para as Olimpíadas pulando os obstáculos da calçada essquerda da rua Paraná.



A arborização melhora a qualidade de vida, mas as árvores devem ser plantadas a 40cm da guia, e não no meio da calçada

Os motoristas reclamam: na Vila América as pessoas só andam pela rua. E com razão, porque é uma aventura andar nas calçadas das ruas Paraná, Paraíba, Rio de Janeiro, ou qualquer outra que desce para a região oeste. Os moradores mais idosos não conseguem transpor as dezenas de armadilhas construídas nas calçadas. São rampas, degraus, muretas, buracos, árvores bem no meio do passeio público, suportes de lata de lixo. O pedestre mais distraído ainda corre o risco de bater a cabeça numa daquelas lixeiras fixadas em grades, bem na altura da testa dos que caminham pelas calçadas.

A reclamação é de quase toda a comunidade, já que as pessoas são forçadas a andar junto ao meio-fio (à guia) e são constantes os sustos ou "quase-atropelamentos".

LIGUE-SE !

NÃO DEIXE DE VOTAR NO DIA 3 DE OUTUBRO.
NÃO ANULE SEU VOTO.
OUÇA AS PROPOSTAS DOS CANDIDATOS E VOTE EM QUEM VOCÊ ACHA QUE VAI TRABALHAR PELA NOSSA COMUNIDADE.

EXPEDIENTE

O jornal Comunitário é produzido pelos moradores dos bairros Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio.

Jornalista Responsável:
Angelo Sottovia Aranha
Mtb 1674/81.
Digitação e Diagramação
Benedito Ap. Nunes
Fone 421-9663
Impressão:
A CIDADE
DIÁRIO REGIONAL

As correspondências devem ser enviadas para a rua Venezuela, nº 1524, Vila América, Votuporanga, São Paulo.

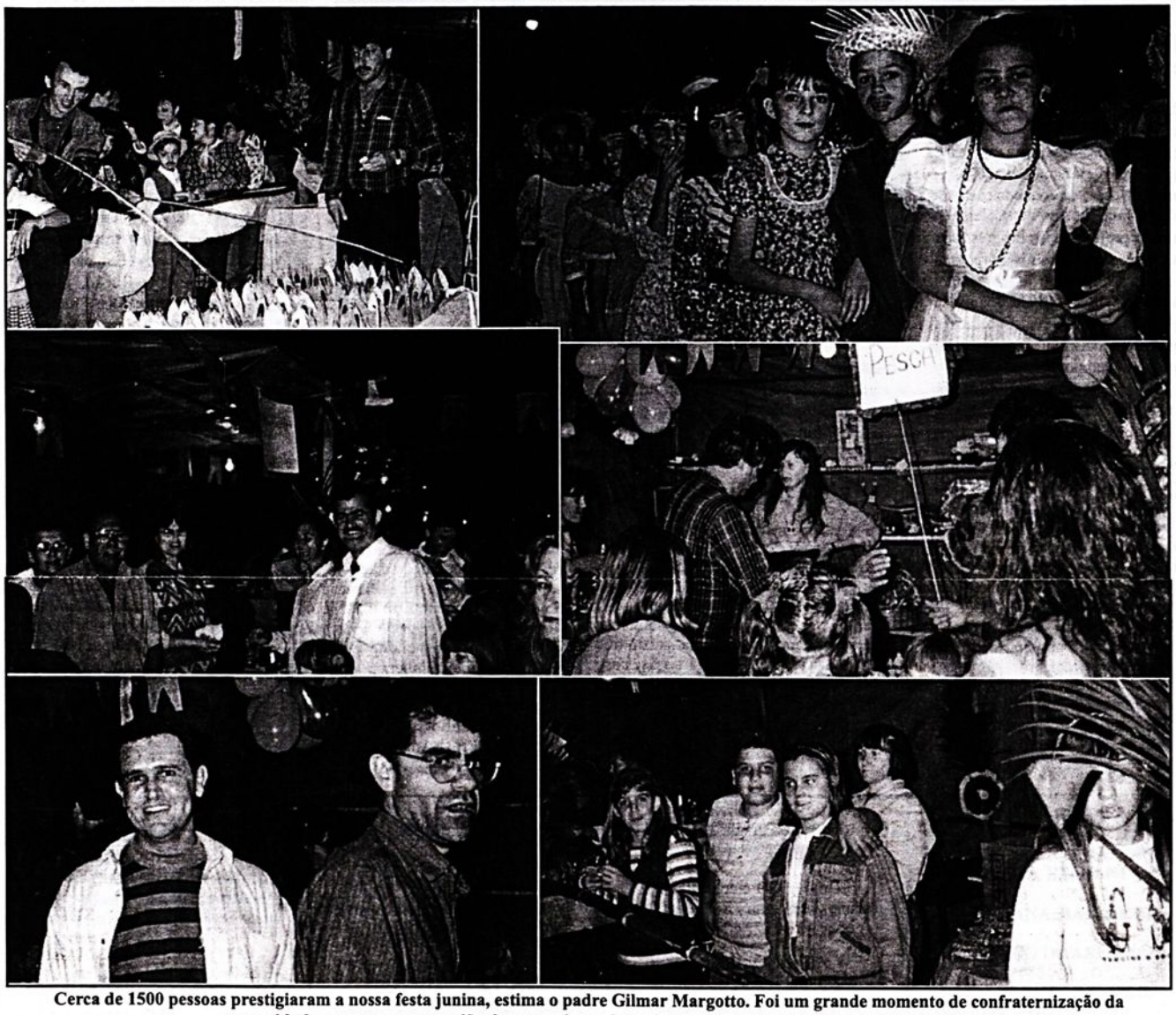
Funilaria e Pintura
SERTORO
Direção: Wagner José Sertoro
Rua Padre Paranhos, 1033 -
Fone 421-9898
Votuporanga - SP.

FARMACIA
VOTUFARMA
DISK REMÉDIO
421- 1092
R. Padre Paranhos, nº 852 - Votuporanga

Supermercado
PARATODOS
Brinquedos, alumínios, miudezas, produtos de limpeza, bebidas, gêneros alimentícios e AÇOUGUE.
Cheques p/ 30 dias
Entrega a domicílio
Rua Paraná, 739.

FESTA REVELA MAIOR ESPÍRITO COMUNITÁRIO

NÚMERO DE PARTICIPANTES TRÍPLICA EM RELAÇÃO AO ANO PASSADO



Cerca de 1500 pessoas prestigiaram a nossa festa junina, estima o padre Gilmar Margotto. Foi um grande momento de confraternização da comunidade, que mostrou a união dos moradores da região oeste. A renda foi de R$ 1.237,87sp

imagem
PUBLICIDADE LTDA.
OUTDOORS - PAINÉIS - FAIXAS
Fabiano Cesar Casemiro
Av. Vale do Sol nº 327 - Fone/Fax
421-5365 - Votuporanga - SP.

ART FIBRA
-FÁBRICA DE CAPACETES E TELHAS TRANSPARENTES
-RECUPERAÇÃO DE PARACHOQUES PLÁSTICOS E PROTETORES DE CAÇAMBAS PARA PICK-UP
R. Paraíba, 887-V. América-Tel. 421-6350

Mercearia Paineiras
Pão, leite, refrigerantes e gêneros alimentícios
Direção do Wilson
Rua das Paineiras, 1591
Seja bem vindo

TROFÉU DO III TORNEIO É DO PROGRESSO DA VILA AMÉRICA

Os três últimos jogos do III Torneio de Futebol Mini-campo da Vila América só foram definidos nos pênaltis. Juventude, Barcelona, Fluminese e Progresso da Vila América jogaram, mesmo, para ganhar o troféu, que acabou ficando novamente com o campeão do II torneio; o time do Progresso da Vila América.

A diretoria da escola estadual Clary Brandão Bertoncini cedeu o mini campo para os jogos. Jogando com Ademir, Levi, Gilberto, Fofão, Galego, Piçarra, Zico e Cidinho, o Progresso da Vila América enfrentou o Barcelona das Paineiras, que entrou em campo com Edmar, Nilvaldo, Pelé, João, Samuel, Zé Pimenta e Deva. O árbitro foi o Terrinha. Na equipe do Progresso, no segundo tempo, Ronaldo entrou no lugar de Galego e Adriano substituiu Cidinho. O gol foi do lateral Levi, que garantiu a vitória do Progresso por 1x0.



A equipe do Fluminense foi a vice-campeã do torneio. Em pé, à direita, o técnico Nenezão.

Na segunda partida jogaram Fluminense e Juventude. A arbitragem foi de Veterano e o jogo terminou em 2x2. O Fluminense jogou com Carlo, Júnior, Edmar, Rubão, Má (Ismael), Iga, Gilmar e Daniel e pelo Juventude entraram jogando Catatau, Zé, Sérgio, Leandro, Burrico, Arnaldo, Ferro e Kiko. Os dois gols do Juventude foram marcados por Ferrinho e os do Fluminense foram feitos por Ismael. Nos pênaltis, Fluminense venceu por 3x1. No segundo tempo houve substituição no Juventude, e entrou Motel no lugar de Daniel.

Disputando 3º e 4º lugares, enfrentaram-se no terceiro jogo Juventude e Barcelona. As únicas alterações no Juventude foram Motel, no lugar de Burrico, e Leitão, no lugar de Arnaldo. Com o empate sem abertura do placar a decisão foi nos pênaltins, ficando o terceiro lugar para o Barcelona (3x2). A arbitragem foi de Rubão.

Na final, Progresso e Fluminense empataram em 1x1. Levi marcou para o Progresso e Iga para o Fluminense. Na cobrança de pênaltis, o Progresso consquistou o título de campeão e o troféu ao vencer por 4x3. Terrinha apitou a última partida.

ESTÃO JOGANDO LIXO ATRÁS DO CLARY

A coleta de lixo é feita três vezes por semana em Votuporanga, mas tem gente que insiste em jogar detritos e lixo orgânico em terrenos baldios. Um costume que precisa acabar, para que se evite acidentes e a proliferação de doenças. Se pelos princípios de cidadania temos direito à coleta de lixo, pelos mesmos princípios temos o dever de manter o meio ambiente saudável.

Na rua das Aroeiras (Paineiras), atrás da escola Clary Brandão Bertoncini, frequentemente estão jogando lixo orgânico e animais mortos, o que coloca em risco a saúde dos moradores do bairro. Se todos sabemos que a Prefeitura recolhe qualquer tipo de entulho, e que a coleta de lixo é feita regularmente, vamos colaborar e respeitar as famílias da nossa comunidade. O caminhão do lixo passa às segundas, quartas e sextas nesse setor.

UZENIR VAI REFAZER CALÇADAS

Sinésio Guerche, presidente da APM da escola Uzenir Coelho Zeitune, já está providenciando a reforma de todo o calçamento no quarteirão da escola. Serão refeitas as calçadas das ruas Pará, Sete de Setembro, Paraíba e Guerche. A verba foi enviada pelo governo estadual.

Através da Delegacia de Ensino, a escola já recebeu também as 80 carteiras e cadeiras que aguardava para uma nova sala de aula e para a sala de vídeo, segundo informação da vice-diretora Profª Angelina Barbosa Gil.

RECADO AOS PAIS

Nós, diretores e professores da escola Uzenir, preocupados com bom aproveitamento dos nossos alunos, pedimos insistentemente que acompanhem seus filhos em suas tarefas de casa, leituras de livros e confecções de trabalhos. Isso para que seus filhos tenham bom desempenho escolar.

FAMÍLIA UZENIR

VOCÊ PODE SER REPÓRTER DO SEU JORNAL COMUNITÁRIO

LEVE AS NOTÍCIAS ÀS REUNIÕES, QUE SÃO AOS DOMINGOS ÀS 18H00 NA PRAÇA DA PARÓQUIA SENHOR BOM JESUS, OU PARA OS COLABORADORES:

ANDRÉIA REGIANI - Rua Canadá, 1450

ROSSIANA BARBIERI - Rua Paraná, 591

ANTONIO TAVARES MARIANO - Rua Peru, 686

WALDEMIR CETRONE - Rua Venezuela, 1516

CLA$$IFICADO$

TELHAS
A Conferência Vicentina precisa vender 140 telhas romanas. Tratar com Antonio F. Neto, à rua Rio de Janeiro, 496.

GELADEIRA
Prosdócimo/310 L/Bege
Fone 421-4252

MAIÔS E BIQUINIS
Rua Padre Paranhos, 418

SOM
3 em 1 + CD c/controle remoto + estante em mogno - R$ 470,00
Fone 421-2177 c/Ney

AEROMODELO
JAZZ 40 + controle remoto + mala de campo - R$ 600,00 - Fone 421-2177

COMPRA-SE
Titan ou Strada 94/95
Rua Japão, 48 c/Jair

ACIDADE
Assinatura semestral em promoção
Fone 421-3370.

MINI-MERCADO
Vende-se instalação completa, fone 421-4461

GREGUI Motos
Mecânico com curso de especialização na própria HONDA, no Japão
Rua Augusto Sasso, 479 - Chác. Aviação
Fone 421-9703

PADARIA paulista
PÃES QUENTES A TODA HORA
Rua Paraná, 1021 - V América
Telefone 421-4913

Clínica Veterinária Pet's
Atendimento de pequenos e grandes animais
Clínica Cirúrgica, Laboratório, Vacinações
Dr. Aparecido Munhoz Machado
Médico Veterinário - CRMV-4 nº 3179
Rua Pe. Izidoro C. Paranhos nº 1058 - Fone 421-5313 - Votuporanga - SP

convencer novos patrocinadores a apoiarem o veículo impresso da Vila América. O funileiro Wagner José Sertoro, um dos novos patrocinadores, disse ter gostado muito da primeira edição, embora tenha sentido falta de matérias sobre entidades assistenciais. Sugeriu, e se propôs a conseguir as informações, que a terceira edição trouxesse uma reportagem a respeito da Associação Antialcoólica de Votuporanga, que também fica na Vila América e "presta um serviço social muito importante". O dono do supermercado Paratodos queria destaque, no anúncio, para o açougue de sua loja, "o ponto forte das vendas". O senhor Wilson, da Mercearia Paineiras, afirmou acreditar que a propaganda poderia mudar a imagem de seu empório. Wilson viu-se obrigado a parar de vender bebidas alcoólicas, em doses, porque a inadimplência estava levando sua empresa à falência. Queria divulgar a nova característica de seu comércio para atrair novamente suas freguesas. Segundo ele, as mulheres deixaram de comprar gêneros alimentícios, e até de entrar, em seu bar-mercearia, porque o estabelecimento vivia cheio de bêbados. O jovem Fabiano, proprietário da Imagem Publicidade, disse que investiria porque havia um único *outdoor* na Vila América, na rua Padre Paranhos, enquanto a Votufarma concordou em divulgar o seu "disk-remédio" porque um concorrente havia montado uma nova farmácia na mesma rua.

Assim, com todas as cotas vendidas, antes das 11 horas do sábado seguinte, na segunda-feira (21 de julho) todo o material já estava na gráfica do diário "A Cidade". Como eu havia dito, anteriormente, ao padre Gilmar, na nossa primeira conversa sobre a criação do "Jornal Comunitário", a proposta previa a impressão nos parques gráficos dos dois diários locais, alternadamente, para evitar quaisquer retaliações por parte da grande imprensa local. Padre Gilmar temia represálias, como a recusa, dos diretores do "Diário de Votuporanga" e do jornal "A Cidade", em divulgar, gratuitamente, as promoções da Paróquia do Senhor Bom Jesus. De antemão, este

unesp

pesquisador tinha certeza que isso jamais aconteceria. No entanto, considerava uma boa política manter um relacionamento amigável com as duas gráficas, das quais dependeria, sempre, a impressão do jornal da comunidade da Vila América.

Como no caso da edição anterior, iniciei, na tarde de sexta-feira (25 de julho), a distribuição do segundo "Jornal Comunitário". Mais uma vez, as reações dos moradores eram como recompensas: a fotomontagem da capa chamava a atenção dos leitores. Alguns riam, antes de lerem, em voz alta, os dizeres da placa "vende-se minhoca", colada, propositalmente, no centro da fotografia principal da capa. Outros liam, também em voz alta, num questionamento interessado: "casamento comunitário?!". Outros, falavam os nomes de alguns dos jogadores fotografados. A maioria - e isso foi o que mais chamou a atenção deste pesquisador, durante as duas primeiras entregas - ao pegar o jornal, começava a ler as manchetes, depois os textos, como que demonstrando uma identificação entre os moradores e o veículo comunitário. Aliás, pretendida, por este pesquisador, ao planejar graficamente às duas primeiras edições.

Dessa vez, a distribuição também foi feita pelo Antonio Mariano. Ele se encarregou, apenas, da entrega nas ruas Peru, onde reside, e Rio Grande. O jornal era distribuido em 27 ruas, no entanto, sua iniciativa marcava o começo de uma participação mais efetiva nas diversas etapas do processo de produção e distribuição. Waldemir disse que ajudaria, mas não o encontrei em casa, no momento em que iniciei o trabalho. No sábado, contei com a ajuda de minha filha mais nova, Lívia, e de seu amigo Bruno, no período da manhã. Ambos diseram ter ouvido vários comentários sobre os jogadores de futebol retratados na primeira página, e se divertiram com os cães que não gostam de jornaleiros. Alguns, diga-se de passagem, abocanham e destroem os jornais antes que eles caiam nas varandas das casas. Para evitar a perda de exemplares, a técnica

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

é encaixar os jornais nas grades ou nos portões das residências. Evita-se, também, com essa medida, que os jornais se molhem ou sejam levados pelo vento.

Na rua Pará, uma senhora chamou-me para perguntar quem estava fazendo o "Jornal Comunitário". Disse-me que havia lido a primeira edição, da qual gostara bastante. Expliquei-lhe, rapidamente, a intenção de uma publicação comunitária, convidei-a a participar das reuniões e prossegui a distribuição. No armazém do Seu Ismael, na esquina das ruas Rio de Janeiro e Panamá, deixei alguns exemplares sobre o balcão e aproveitei para reforçar o convite para que patrocinasse a terceira edição. Mostrei-lhe o anúncio da Mercearia Paineiras e o lembrei que, ao colaborar para o pagamento da gráfica, estaria ganhando a simpatia da comunidade que consome no seu empório. Sua expressão, no entanto, não revelou o mínimo interesse de sua parte, naquele momento. Dias depois, soube que seu filho planejava candidatar-se a vereador.

Na tentativa de convencer o Seu Ismael a patrocinar a primeira edição do "Comunitário", em junho, este pesquisador havia deixado evidente que campanhas políticas deveriam ser feitas em jornais comerciais, ignorando a possibilidade de seu filho vir a candidatar-se. Essa restrição, talvez tenha desagradado o comerciante.

Na escola estadual "Clary Brandão Bertoncini", entreguei um exemplar a cada professor ou funcionário encontrado no momento da visita. Pedi à orientadora pedagógica, a quem já havia explicado, em outra oportunidade, a importância de um jornal comunitário, que recomendasse, nas salas de aula, a leitura do jornal da nossa comunidade. Ela me contou, então, que já havia conversado com os alunos, quando da entrega da primeira edição. Adiantou-me, também, a confirmação da presença da escola no desfile cívico do aniversário da cidade, a ser realizado em agosto.

Os professores da escola estadual Uzenir Coelho Zeitune, ao receberem o jornal, procuraram, antes de mais nada, o comunicado que queriam ver

unesp

publicado e que estava impresso na última página. Ao lerem o curto "Recado aos Pais", e a notícia sobre o novo calçamento, os sorrisos da maioria retratavam grande contentamento. D. Angelina, a vice-diretora, contou-me que as professoras de História e Geografia haviam "trabalhado" a primeira edição com os alunos. Disse, também, que a escola havia encomendado trajes de gala, com os quais os estudantes participariam do desfile de aniversário de Votuporanga. Questionou-me, a seguir, se eu fotografaria o desfile-cívico. Comentei, com D. Angelina, que o fotógrafo poderia ser qualquer morador do bairro, porque o jornal é da comunidade e sugeri, com a intenção de atrair novos participantes, que algum professor, ou pai de aluno, fizesse as fotografias.

Bati à porta de todas as residências cujas placas, oferecendo serviços, haviam sido fotografadas e constavam da fotomontagem da primeira página. Entreguei, em mãos, esses treze exemplares, aproveitando para convidar os moradores para as reuniões do jornal.

A distribuição dos dois mil exemplares foi feita em dois dias. No sábado (26 de julho) entreguei de mão em mão, nos dois "senadinhos", e deixei alguns nos balcões. No café da Kibelândia, Seu Antonio, o garçon, chamou-me para contar que também mora na Vila América, e que participaria da competição Garçon Cross, a ser realizada na Concha Acústica. Pediu que eu o fotografasse, caso ganhasse algum prêmio.

Ainda na Kibelândia, entreguei um exemplar a um dos candidatos a prefeito, o empresário Carlos Pignatari, e a vários candidatos ao Legislativo Municipal. No café da Galeria Gorayeb, dei um exemplar para o outro candidato ao Executivo, Mário Pozzobon, que, posteriormente, acabou tendo sua candidatura impugnada pelo Tribunal Regional Eleitoral. Todos pegavam o jornal interessados, talvez por ser a única publicação alternativa da cidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

Domingo, dia 27, por volta das 16 horas, todas as residências já haviam recebido a segunda edição do "Jornal Comunitário". As manchetes eram: "Gente que dribla o desemprego"; "Festa junina reúne cerca de 1500 pessoas"; "Calçadas obrigam pedestres a caminhar pelas ruas"; "Progresso ganha mais um troféu" e "Casamento Comunitário".

Às 18 horas, na sétima reunião que fazíamos, Waldemir, Antonio e Cristiano apareceram com a segunda edição nas mãos. Perguntei se haviam gostado, pois não haviam visto o "boneco" antes da impressão. Cristiano considerou o segundo jornal melhor que o primeiro, porque a matéria sobre o terceiro torneio de futebol mini-campo havia ficado mais completa, em relação à matéria de esportes da edição anterior, e também por causa da fotografia das placas.

Waldemir mostrava-se contente. Disse ter certeza de que aumentaria o número de casais interessados em acertar suas situações, depois da publicação da notícia sobre o casamento comunitário no nosso jornal. Na sua opinião, as fotos da festa junina ficaram boas, mas poderiam ter sido usadas as duas páginas centrais para a reportagem da festa, o que permitiria a publicação de um número maior de fotografias. Interrompendo a fala de Waldemir, D. "Fina" concordou que mais fotos deixariam o jornal ainda mais interessante. Ponderou, no entanto, que achava muito importante a denúncia da segunda página, sobre os degraus nas calçadas. Lembrou-se de ter visto, na semana anterior, uma velhinha transpondo com muita dificuldade os obstáculos da calçada da rua Panamá, e completou: "o problema é muito sério".

Comentei que, embora este pesquisador tivesse colocado a maioria dos jornais nos portões de entrada das residências, foi possível conversar com cerca de cinquenta pessoas, durante o trabalho de distribuição. Disse à "Fina", ao Waldemir, ao Cristiano e ao Antonio, que quase todos os que receberam os jornais, pessoalmente,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

lembraram-se da edição anterior. Contudo, questionados se haviam gostado, ou não, metade dos contactados preferiram responder um simples "sempre é bom, um jornal", com expressões faciais não muito convincentes. Suas respostas passaram-me a impressão de que a circulação do jornal era vista com indiferença, principalmente pelos mais velhos.

Nesse ponto, D. "Fina" observou ser necessário, com respeito às reações indiferentes de alguns moradores, levar em conta que a maioria dos idosos ou não consegue, por deficiência visual, ou não sabe ler. Por isso, a seu ver, os comportamentos observados não deveriam ser avaliados como importantes, "principalmente porque só fica em casa, hoje em dia, quem já está muito cansado e não tem mais condições para o trabalho, e para mais nada", concluiu. Todos os presentes concordaram com seu ponto de vista, e sua conclusão, realmente, parecia coerente, ante as observações feitas por este pesquisador: dos que receberam a segunda edição, em mão, e tinham idade aparente inferior a 60 anos, a maioria havia respondido achar bom o bairro ter o seu jornal. Muitos, inclusive, chegaram a perguntar quem pagava para que eles recebessem o jornal "assim, sem pagar nada". Ao que eu explicava, rapidamente, o simples "esquema financeiro" do "Jornal Comunitário".

Nenezão, que chegou à reunião quase às 19 horas, reclamou a falta dos nomes dos jogadores nas legendas das fotos. Disse-lhe, em resposta, em tom de brincadeira, que ele deveria ter anotado os nomes e me passado, porque ele sabe os nomes de todos os atletas e todo mundo precisa colaborar, quando um jornal é comunitário. Ele concordou, e afirmou que assim o faria, nos próximos jogos.

Andréia Regiani, a cantora, não participou dessa reunião. Chegou perto do grupo apenas para contar que "um monte de gente" a havia cumprimentado, naquele final de semana, porque seu nome havia sido publicado na relação de colaboradores, na última página.

unesp

Antes do encerramento da sétima reunião, lembrei, aos presentes, a importância do trabalho de avaliação da segunda edição, a ser feito na semana entrante. Todos deveriam ficar atentos aos comentários que ouvissem, sobre o jornal, adverti polidamente, ao sugerir que perguntassem as opiniões de conhecidos, amigos e vizinhos. A finalidade, completei, era descobrir o que poderia ser feito, à cada edição, para o "Jornal Comunitário" tornar-se mais interessante para todos.

Segunda-feira, 28 de julho, visitei os nove patrocinadores da segunda edição. Este pesquisador precisava ser ver livre e desembaraçado, para iniciar, juntamente com os moradores, os trabalhos de produção do terceiro número. Era necessário receber todos os cheques, referentes às publicidades veiculadas, e deixá-los na gráfica, antes de tudo. O pagamento em dia, acreditava este pesquisador, poderia render alguns privilégios, como a garantia da impressão das edições seguintes sem atrasos, ou protelações, o que é comum acontecer. Edições com número de páginas maior que o regular, do dia-a-dia dos jornais diários, costumam ter sua impressão priorizada em detrimento dos jornais periódicos, que não contam com gráficas próprias. Este pesquisador observou, inúmeras vezes, a distribuição de informativos de clubes recreativos, em Votuporanga, anunciando eventos ocorridos dias antes das datas de circulação desses boletins. Temendo disparates como esses, certamente prejudiciais à credibilidade de um jornal comunitário, cuja proposta implica a confiança de todos os indivíduos da comunidade, este pesquisador pagou, dentro do prazo combinado, as impressões das duas primeiras edições.

No final da tarde de 4 de agosto, deveria ter ocorrido a oitava reunião dos representantes da comunidade, quando se discutiria a pauta da terceira edição. Contudo, toda a população já vivia o clima de festa do aniversário da cidade. Votuporanga completaria 59 anos de fundação, no dia 8 de agosto. Tradicionalmente - e



em 1996 não foi diferente - *shows*, atividades esportivas e inaugurações dão um ar especial à semana de aniversário. Na semana anterior, o prefeito, Pedro Stefanelli Filho, havia inaugurado o Posto de Saúde da Vila América, com banda de música e discursos. Este pesquisador acompanhou a inauguração. Foi possível observar a ausência de moradores durante a cerimônia, apesar dos fogos de artifício e da presença da Corporação Musical "Zéquinha de Abreu". Uma hipótese, relativa à falta de prestígio, da parte dos moradores, à solenidade de entrega de um equipamento público tão importante, quanto é o Posto de Saúde, talvez seja a incompatibilidade de horários. A cerimônia inaugurativa aconteceu às 17 horas, quando a maioria das pessoas ainda está no trabalho. Naquele domingo (dia 4), um espetáculo de música sertaneja levou milhares de munícipes ao Recinto de Exposições Agropecuárias. As ruas ficaram vazias, assim como a reunião do dia 4 de agosto.

Este pesquisador aguardou a chegada, do grupo de moradores que costumava participar, até às 19 horas. O único a comparecer foi o Antonio Mariano, com informações sobre o futebol amador. Ele não joga bola, mas sempre acompanha o futebol da Vila América, como muita gente, pelo que este pesquisador pôde observar. Em qualquer jogo, nos mini-campos da rua Rio Grande ou da escola "Clary", são comuns torcidas com cerca de trinta, quarenta pessoas. Adultos e crianças chegam ao campo, e saem, durante toda a tarde. Conversam e vibram com as jogadas. Os torcedores, a maioria homens, parecem ir ao campo para se distrair, descansar. Preferem criticar a apoiar. Gritam quando os atacantes perdem gols, seja qual for o time pelo qual estejam jogando. Expressam desgosto, levantam os braços, gesticulam o tempo todo. É interessante observar como criticam todos os árbitros. Discutem entre si, ordenam que os juízes expulsem os mais afoitos e sugerem substituições. As torcidas complementam as tardes de lazer da rapaziada. Jogadores e público fazem parte do mesmo espetáculo,

unesp

uma atividade que alterna momentos de grande euforia e desentendimentos graves, porque a vontade de todos, pude observar, é ganhar e não apenas competir. Os troféus de plástico dourado são sempre levados a sério e, aparentemente, entristecem realmente os perdedores, muito mais do que alegram os vencedores.

Naquela tarde, Antonio comentou que não iriam "caber no jornal" todos os torneios de futebol mini-campo programados, até aquela data. Disse-me que o quarto, o quinto e o sexto torneios já estavam organizados, e seriam nos próximos finais de semana. Nenezão, o organizador, o havia informado sobre a programação e disse-lhe que o sorteio já havia sido feito, para a definição de quem enfrentaria quem. Aquela informação do "repórter comunitário" Antonio confirmava a mudança de comportamento observada pelo professor Barbon, de que, talvez, o jornal estivesse estimulando as atividades esportivas.

Nenezão também contou, ao Antonio, que o candidato a vereador, José Barbizani, prometera os troféus e medalhas para a premiação.

Antonio questionou-me, então, sobre como faríamos a reportagem a respeito do futebol amador, se Barbizani cumprisse sua promessa, e doasse os troféus. Disse-lhe que não haveria qualquer problema. Simplesmente, expliquei a ele, a notícia não daria sequer uma linha relativa ao patrocínio dos troféus. A não ser, completei, se o tal candidato - até aquele momento, desconhecido por este pesquisador - atribuisse a doação à sua empresa, caso tivesse uma. Antonio, com cara de dúvida, comentou que não perderia nenhum jogo. Conhecia a persistência do candidato e arriscou uma previsão: "Você vai ver. O Barbizani não é de ficar quieto". "E ele não tem empresa, nem emprego, por isso quer ser vereador", completou.

Para mudar de assunto, já eram 18h30, perguntei-lhe por quê não havia assistido a inauguração do Posto de Saúde, informando-o que apenas os

unesp

moradores residentes em frente ao posto prestigiaram a solenidade. Em resposta, disse-me que nem tinha ficado sabendo. E se tivesse, também não iria, porque o posto já havia entrado em funcionamento há algumas semanas, e a inauguração - na opinião de Antonio - foi adiada para os políticos fazerem um "oba-oba" para conseguirem mais votos . Sua suposição era coerente. Contudo, era preciso considerar que todos os anos, eleitorais ou não, as inaugurações de obras públicas são deixadas para o mês de agosto, em Votuporanga.

Perguntei-lhe se sabia o número de médicos atendentes do novo posto de saúde. Se eram apenas clínicos gerais. Este pesquisador nunca havia utilizado os serviços de um posto de saúde de bairro, e imaginava que a Santa Casa de Misericórdia centralizasse todos os especialistas. Antonio tinha conhecimento, apenas, que o posto contava com dentistas. Conhecidos, seus, já haviam feito tratamentos no "postinho da Vila América".

Comentou, então, se não seria interessante o "Jornal Comunitário" veicular uma notícia sobre o posto. Disse-lhe, naquele momento, que a meu ver a matéria parecia útil para toda a comunidade. Entretanto, a sugestão deveria ser analisada por todos os envolvidos no projeto do jornal e, se aprovada pela maioria, alguém teria que colher todas as informações sobre o PAS IV (Posto de Atendimento à Saúde).

Padre Gilmar aproximou-se e nos disse que não havia sobrado nenhum exemplar, daqueles deixados, por este pesquisador, na secretaria da igreja. Comentou só ter ouvido comentários elogiando a publicação e questionou-me se havia lido seu artigo, no "outro jornalzinho". Respondi que sim e com outra pergunta: "Você percebeu como ficou evidente o caráter político-partidário do "JORNAL COMUNIDADE ?". O padre franziu a testa e sorriu, em concordância, levantando as sobrancelhas. Completou, dizendo ter feito um artigo porque lhe pediram e aproveitou

unesp

para escrever sobre o congresso eucarístico de julho. Adiantou-nos: o tema do próximo será o voto sincero, e o texto já está pronto.

A informação de Gilmar indicava que o "jornal do vereador" também seria editado em agosto, o que, na visão deste pesquisador, poderia ser muito bom. A comparação das duas publicações da Vila América permitiria, mais uma vez, que os moradores percebessem as diferenças entre o jornalismo comunitário e o jornalismo institucional. Embora houvesse negado, de forma indireta, o interesse de se promover politicamente, por meio do "COMUNIDADE", era possível prever que o vereador Silvio Carvalho não resistiria e estamparia sua foto novamente. Estava em campanha para a sua segunda reeleição.

Deu 19 horas. Ficamos de nos encontrar na semana seguinte e pedi a Antonio que convidasse mais gente, para que tivéssemos mais opiniões e sugestões de notícias.

No sábado seguinte, 10 de agosto, o Ademir (do "Progresso da Vila América") comunicou-me, pela manhã, o horário de início do quarto torneio de futebol mini-campo, a ser realizado na escola "Clary". Quando este pesquisador conversava com o diretor do "Progresso", no meio da rua, o Zé Carlos, morador do mesmo quarteirão, aproximou-se e comentou que vários times haviam procurado seu irmão, Amauri, craque famoso do bairro, e convidaram-no a integrar suas equipes. Na opinião de Zé Carlos, todo mundo queria ganhar para ver suas fotos publicadas "no jornalzinho". Marcão, outro irmão de Zé Carlos, aproximou-se em seguida e questionou-me o preço do anúncio na seção de classificados. Disse-lhe que essa seção era uma prestação de serviço à toda a comunidade e por isso os anúncios eram gratuitos, como o próprio jornal.

unesp

Aproveitei aquele encontro casual e pedi que ele, assim como o Zé Carlos e o Ademir, indicasse patrocinadores para a terceira edição. Lembrei-os que as notícias deveriam ser sugeridas pelos moradores, e que eles ainda não haviam participado de nenhuma reunião, e nem dado sugestões para o jornal, com exceção do Ademir.

Pouco antes das 14 horas, este pesquisador já estava no mini-campo da escola "Clary". O zelador do prédio atrasou-se para abrir o portão, mas a conversa estava boa do lado de fora. Encostados ao muro da escola, na sombra, alguns jogadores comentavam que as meninas do bairro estavam montando um time de futebol feminino. Entrei na roda e perguntei quem estava liderando aquela iniciativa, mas nenhum deles soube informar.

Outros jogadores estavam chegando e se sentando no meio-fio. Nenezão chegou e, em voz alta, anunciou que sortearia os nomes das equipes, para definir a ordem das partidas. Antes do sorteio, retirou todos os pedaços de papel de um saquinho plástico e mostrou que os nomes dos quatro times estavam ali. Feita a tabela, "Juventude" e "Progresso" se enfrentariam no primeiro jogo e, na segunda partida, daquela tarde, a disputa seria entre o "Fluminense" e o "Madrid-Aplic". Este último, o único time que não era da Vila América. Os vencedores dos dois primeiros jogos, "Juventude" e "Madrid-Aplic", disputaram a final. No momento da foto do campeão, enquanto os atletas se preparavam a pose tradicional, uma gritaria bem humorada tomou conta da arquibancada. "Vai queimar a foto!", "Foi roubado!", "São tudo feio"(sic), eram as frases preferidas da galera, que aos finais dos torneios era composta pelos demais jogadores (derrotados) e pela torcida.

Na cobertura desses torneios, as tardes de sábado e domingo terminam muito rapidamente. Não se percebe as horas passando e, não raro, é necessário o uso do *flash* para fotografar a equipe campeã, porque o sol já está se escondendo. À

unesp

saída, Antonio lembrou-me de que sua expectativa não havia se confirmado: o candidato José Barbizani apareceu por lá e fomos apresentados. No entanto, ninguém tocou no assunto relativo ao patrocínio de troféus.

No dia seguinte, dia 11, o quinto torneio da Vila América reuniu mais quatro equipes, dessa vez no mini-campo da rua Rio Grande, em frente à casa do professor Barbon. Barbon já estava entre os torcedores, no momento em que cheguei ao campo, reclamando, como de costume. É famoso por não poupar críticas. Ele sempre reclama de tudo e estava implicando com alguns garotos por forçarem a cerca de arame que limita o campo. Quando me aproximei de Barbon, comprimentou-me e disse que a molecada não sabe preservar o que tem. Na sua opinião, os moradores deveriam cuidar do gramado, aguá-lo e demarcá-lo com cal, já que aquele era o único espaço público de lazer da Vila América. Mas não, completou, "quando a Prefeitura plantou a grama, eles nem esperavam o gramado se igualar. Arrancaram a placa de interdição do meio do campo e acabaram com a grama". Os moradores que o rodeavam, sentados no barranco-arquibancada, concordavam. E ele não parava de falar.

Nenezão veio em minha direção, animado. Questionei-o sobre as equipes que jogariam, naquela tarde, e ele me ditou a tabela. "Juventude" e "Progresso" jogariam na primeira partida. Na segunda, se enfrentariam "Bragantino" e "Unidos do Pozzobon", esta, a única equipe "de fora". O bairro Pozzobon localiza-se na zona norte da cidade.

O primeiro jogo estava para começar e o lembrei, então, que precisaria de sua ajuda. Disse-lhe que ele era o repórter esportivo do "Jornal Comunitário" e sua função seria anotar as escalações das equipes. Eu ficaria com as anotações sobre o desenvolvimento das partidas. Ele achou bom. Sempre carregava papel e caneta, e tinha orgulho de ser o organizador.

unesp

Naquela tarde, muitos chutes errados mandaram a bola para os lados do buracão, já que só existe alambrado de proteção na parte de cima do campo, a que dá para a rua Canadá. Com isso, até os garotos menores encontrarem a bola, no meio do pasto vizinho, e trazê-la de volta, o tempo foi passando. O terceiro e último jogo, entre "Bragantino" e "Juventude", só começou às 17 horas. Entretanto, a partir das 16h00 é que os torcedores foram chegando, em maior número, e garantiram uma "festa" muito animada até o anoitecer.

A reunião daquele domingo, 11 de agosto, começou com meia hora de atraso, porque o torneio acabara muito tarde. Quando este pesquisador chegou à praça, Waldemir e Estevão já estavam conversando. Waldemir contou-me que um senhor, magro e alto, compareceu para reunir-se conosco mas teve que se retirar. No entanto, não soube dizer seu nome. Não se lembrou de perguntar. Estevom também havia conversado com o outro morador, já ausente, e, tal qual Waldemir, não se lembrava de seu nome. Disse-me apenas, que o tal homem reside no começo da rua Rio de Janeiro, há muito tempo. Haviam conversado bastante e a sugestão, trazida por aquele mais novo integrante da equipe do jornal, referia-se à veiculação de uma matéria sobre a necessidade de construção de um campo de malha, na Vila América, onde não existe nenhum e é grande o número de jogadores.

O morador não identificado coleciona títulos de campeão de malha, jogo semelhante ao de bocha. Consiste em lançar pesados discos de metal contra pequenas estacas postas a distância convencionada. Waldemir contou-me, então, que o citado jogador de malha havia lamentado, minutos antes da chegada deste pesquisador, a falta de pistas apropriadas à prática do esporte preferido pelos moradores mais idosos.

Interrompendo-o, comentei que existe um campo de malha no Horto Florestal de Votuporanga e que eu já havia assistido a uma final de campeonato,

unesp

lá. Tanto Waldemir, quanto Estevom, já haviam jogado malha no Horto. "O problema é que esse parque municipal fica longe da cidade e, praticamente, não existe transporte coletivo para lá. E pouca gente tem carro", explicou Estevom. Waldemir lembrou-se, então, que na rua Panamá, entre a Rio de Janeiro e a Paraná, existia um bar com vários campos de malha construídos no quintal, isso há mais de dez anos, onde hoje funciona uma loja de automóveis usados. Recordou-se que o bar vivia cheio de aposentados.

Disse-lhes, naquele momento, quando seu Antonio Ferreira acabara de chegar à reunião, que precisaríamos reencontrar e conversar com o tal jogador de malha. Se conseguíssemos um abaixo-assinado reivindicando um campo para a Vila América, e houvesse concordância quanto à publicação da matéria, seria bem provável a conquista daquele equipamento esportivo. A época era propícia para reivindicações, comentei com eles. Estávamos há dois meses das eleições e os jornais eram distribuídos na Prefeitura, na Câmara Municipal e nos bares mais freqüentados pelos políticos e candidatos. Estevom ficou de contactá-lo, por saber onde o campeão de malha morava.

Seu Antonio Ferreira disse que ninguém havia se interessado pelas 140 telhas romanas anunciadas, pela Conferência Vicentina, na segunda edição do "Jornal Comunitário". Solicitou a republicação do anúncio e adiantou uma informação: a igreja havia ganho um prédio para a instalação do Clube de Mães. Perguntei-lhe quem saberia mais detalhes, sobre a doação do prédio para a paróquia, e ele nos disse que esse assunto deveria ser tratado com o padre Gilmar.

Era hora de terminar e este pesquisador propôs que fizéssemos um balanço das sugestões apresentadas até aquele momento. A primeira proposta havia sido uma reportagem completa sobre o PAS IV; a segunda, a cobertura dos torneios de futebol mini-campo; a terceira era uma matéria sobre o desfile cívico, do qual

unesp

participaram alunos das escolas "Uzenir" e "Clary"; e a quarta proposta havia sido a da doação de um prédio à paróquia. Antes de encerrarmos, avisei que a terceira edição deveria estar totalmente definida ao final da reunião seguinte, dia 18, porque já estaríamos na segunda quinzena e era imprevisível o tempo necessário para a venda dos espaços publicitários. Caso fosse difícil conseguir patrocinadores, expliquei, correríamos o risco de ver a edição de agosto sendo distribuída em setembro.

Na segunda-feira, 12 de agosto, levei o filme fotográfico para ser revelado, com os registros feitos no dia 4, quando estudantes da nossa comunidade haviam desfilado, e com as fotos dos campeões dos dois torneios já realizados. Como nenhum professor havia confirmado que tiraria as fotografias, tratei de fazer a cobertura, quando assistia ao desfile-cívico. Para acompanhar esse evento, milhares de votuporanguenses acotovelam-se nas duas calçadas da rua São Paulo, no centro da cidade, enquanto as autoridades locais disputam espaços no palanque montado na praça central. O desfile está entre as poucas atividades que trazem os moradores da zona rural, para a cidade, talvez porque aconteça num feriado municipal e, à noite, o rodeio e o show com artistas famosos completem a festa, no recinto de exposições agropecuárias.

No domingo seguinte, 18 de agosto, os jogos do sexto torneio de mini-campo foram realizados no período da manhã. Pouca gente apareceu para assistí-los, no campo da escola "Clary Brandão Bertoncini".

Antes do início da primeira partida, Ademir veio conversar com este pesquisador. Seu time, o "Progresso da Vila América", havia sido desclassificado no quarto torneio. O que o desconsolava era o gol contra sofrido por sua equipe, que, na sua opinião, "deixou todo mundo nervoso e desequilibrou o time". No entanto, acreditava em uma recuperação, naquela manhã de domingo. Os jogadores do "Krik Lanches" e do "Progresso" entraram em campo, e começou a rodada. Nenezão

unesp

contactou-me para dizer que o Grilo (Valter da Silva) estava anotando as escalações e me entregaria no intervalo, logo depois da primeira partida.

O "Progresso", do Ademir, foi desclassificado novamente, e no segundo jogo o "Fluminense" derrotou o "Beira Rio". A final foi decidida nos pênaltis e o "Fluminense" foi o campeão do sexto torneio.

Às 18 horas, na reunião do dia 18, o senhor Ulisses apareceu, acompanhado do jovem João Roberto de Paula Júnior. Já estavam presentes, além deste pesquisador, a Madalena, Waldemir Cetrone, Antonio Mariano e Cristiano. Cristiano estava contando que, no final da rua Augusto Duó, a parte não pavimentada havia sido fechada por uma cerca. Um proprietário rural obstruíra a passagem para expandir a área de pastagem de seu sítio, localizado no perímetro urbano da cidade. O pasto de sua propriedade passara a ser limitado a leste, pelo mini-campo municipal, ao sul, pela rua Rio Grande, e a oeste pelo "buracão" e pelo córrego Boa Vista. Os moradores daquele setor, conhecido por Terras de São José, perderam a via de acesso direto à rua Rio Grande, com a obstrução arbitrária feita pelo dono do gado. Estavam sendo obrigados a fazer um percurso maior, do que o necessário, para alcançar o centro da cidade e pediram, ao Cristiano, que sugerisse a veiculação de uma denúncia no "Comunitário".

O assunto começou a ser discutido e Antonio observou que poucas famílias residiam "naquele canto" do bairro. Considerava abuso, a atitude do sitiante, mas não via tanta relevância no problema. O próprio Cristiano afirmou que a mudança não incomodava tanto, porque havia uma passagem estreita entre as últimas casas e a nova cerca, construída pelo dono do gado, e todo mundo já estava se acostumando a passar por lá. Contudo, explicou, estava levando a reclamação que lhe fizeram, já que era o responsável pelas informações do seu quarteirão. Os demais, disseram nunca ter andado pelo local, e não sabiam se o assunto mereceria uma notícia.

unesp

Sugeri, para agilizar a reunião, que votassemos. Ninguém foi favorável à publicação da denúncia. "Não é um problema da maioria dos moradores. Tem coisas mais importantes para por no jornal" , concluiu Waldemir.

Ulisses, já aflito, de tanto esperar para falar, voltou a apresentar o rapaz que estava com ele, o João Roberto. Contou-nos que João Roberto havia sido escolhido, após participar de uma "peneira" (seleção feita por olheiros de clubes de futebol profissional), e iria para o Guarani, de Campinas. Waldemir comentou que "o João, realmente, joga muito bem", e os demais participantes da reunião também demonstraram satisfação. Todos, ali, convivem com o futebol amador. Têm filhos, parentes ou amigos, fanáticos por futebol, como este pesquisador vinha observando há várias semanas.

A revelação de Ulisses agradou por demais os presentes. Começaram a citar outros jogadores que deveriam ser reconhecidos pelos grandes clubes, e a conversa foi se alongando. Como este pesquisador ainda não havia se pronunciado, disse, ao rapaz, desejar-lhe muita sorte. Entretanto, comentei não tê-lo visto jogar, nenhuma vez, nos campinhos da Vila América. Perguntei em que time ele jogava, e sua resposta surpreendeu a todos.

Com naturalidade, João Roberto contou que nunca havia jogado na Vila América. Disse ter participado de alguns jogos no mini-campo do bairro Pozzobon, mas há muitos anos. Depois disso, havia passado os últimos meses jogando nos melhores times das cidades vizinhas de Votuporanga.

Coloquei, então, pois o rapaz desconhecia, que o "Jornal Comunitário" era um veículo de comunicação dos moradores da Vila América. A proposta, portanto, era divulgar o que fazem os moradores do bairro, assim como seus

unesp

problemas, suas festas e todos os acontecimentos que fossem do interesse da maioria dos moradores da comunidade.

Naquele instante, Madalena tomou a palavra: "então, não tem nada a ver sair essa notícia". Concordei com ela. Ao mesmo tempo, todos começaram a falar e se chegou ao consenso de que seria incoerente, com a própria proposta de uma publicação comunitária, a divulgação de um fato sem qualquer relação com a comunidade da Vila América.

Tentando ser agradável, este pesquisador se propôs a apresentar o João Roberto aos jornalistas das rádios e jornais votuporanguenses. Disse-lhe que todos eram meus conhecidos e, se ele quisesse, poderíamos ir juntos à imprensa local. Madalena, meio embaraçada com a situação, adiantou uma informação sobre a quermesse a ser promovida pela paróquia. Não deu detalhes por não saber, ao certo, nem a data do evento.

Passamos, na seqüência, à definição dos assuntos a serem tratados pela terceira edição. Recordei-lhes que aquela era a reunião de fechamento do jornal de agosto, e precisaríamos eleger todas a matérias naquele dia.

Não foi difícil a escolha, em função do espaço limitado do tablóide de quatro páginas, e do pequeno número de opções. Sendo assim, os temas escolhidos foram: o funcionamento do Posto de Atendimento à Saúde; a participação, dos estudantes do bairro, no desfile-cívico do aniversário de Votuporanga; os três torneios de futebol; a doação de um prédio, à paróquia, para ações sociais; e a quermesse, se a data da promoção fosse definida na segunda, ou na terça-feira seguintes.

Segunda-feira, dia 19, este pesquisador visitou o PAS IV, o Posto de Atendimento à Saúde da Vila América. O auxiliar de enfermagem Sebastião Carvalho foi o primeiro entrevistado. Ele havia recebido um exemplar do "Jornal Comunitário", no

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

mês anterior, e disse já conhecer o "jornalzinho". Detive-me alí, ao lado do balcão de atendimento, por mais de uma hora. Sebastião atendia, naquele horário, os pacientes interessados em marcar consultas, e as freqüentes interrupções em nossa conversa tornaram-se interessantes, para este pesquisador. Passei a observar o comportamento das pessoas, ao procurarem o "postinho". A maioria delas não levou nenhum documento, e todas pretendiam agendar consultas médicas para o dia seguinte. O funcionário Sebastião foi obrigado a explicar, inúmeras vezes, que sem a certidão de nascimento, ou a carteira de identidade, ele não tinha os números necessários para preencher a requisição de consulta. Um trabalho abnegado, sem dúvida. Quão pacientes são as pessoas que conseguem compreender e respeitar a população carente.

Entre uma interrupção e outra, dezenas delas, Sebastião foi me informando os nomes e especialidades de todos os médicos, seus horários de atendimento, e os dos dentistas. As outras enfermeiras me passaram informações surpreendentes, como o elevado número de pessoas atendidas por mês, segundo os registros aos quais tive acesso: cerca de cinco mil pacientes. Na hora da foto, e tinha que ser uma pose de retrato, para que todos os moradores ficassem conhecendo as enfermeiras e os auxiliares, entre timidez e risos, quase todos colaboraram.

Deixei o filme no laboratório, para a revelação, e visitei as escolas para apurar os dados sobre o desfile-cívico. Mais uma vez, fui bem recebido nas duas. Na escola estadual Clary Brandão Bertoncini, este pesquisador foi informado sobre uma reunião de pais e mestres, marcada para a quarta-feira seguinte. A supervisora de ensino solicitou a publicação de um agradecimento aos pais, caso o comparecimento fosse significativo. Segundo ela, poucos pais de alunos costumavam freqüentar as reuniões, e os professores haviam feito uma campanha para convencer os pais a participarem da vida escolar das crianças. A expectativa dos professores era grande, porque o número de

unesp

confirmações de presença havia sido grande. Disse-lhe que a publicação da nota sugerida dependeria de espaço, contudo, pedi que enviasse, ao "Jornal Comunitário", o texto, se a diretoria da escola decidisse fazer o agradecimento. O dia acabou e viajei para Bauru.

Sexta-feira, 23 de agosto, ao retornar da Unesp-Bauru, encontrei o bilhete da supervisora de ensino, com o texto de agradecimento aos pais de alunos. Na pasta do jornal já havia mais três anúncios para a seção de classificados, deixados na residência deste pesquisador, durante a semana. À noite, iniciei a redação das matérias, com base nos apontamentos feitos na segunda-feira anterior.

Na manhã de sábado (dia 24), quando redigia a reportagem sobre os torneios futebolísticos, o Antonio me levou as informações sobre a quermesse. O evento estava programado para os três primeiros finais de semana de setembro. Comentou, também, que a D. Maria Augusta, uma senhora atuante na paróquia e muito bem quista por todo mundo, havia falecido. Voltei à redação das notícias e, após o almoço, saí a pé, com o objetivo de conversar com os moradores que encontrasse.

Este pesquisador desconhecia e nunca ouvira falar da D. Maria Augusta. Era necessário colher as impressões de moradores de diversas faixas etárias, e de pontos diferentes do bairro, para tentar avaliar o grau de reconhecimento da comunidade, em relação à senhora falecida. Dos sete moradores, contactados por este pesquisador, todos em ruas distantes da igreja, seis deles conheceram-na e afirmaram que D. Maria Augusta era uma ótima pessoa.

Não conversei com o Pe. Gilmar, tampouco com os moradores da

vizinhança da igreja. Este pesquisador havia sido informado, pelo "repórter comunitário" Waldemir Cetrone, que D. Maria Augusta coordenava os ECCs, encontros de casais com Cristo. Essa constatação autorizava a inferência de que os paroquianos, em sua maioria, concordariam com a publicação da notícia de seu falecimento.

Domingo (25 de agosto), por volta do meio-dia, o "boneco" da terceira edição estava pronto. À tarde, na reunião, mostrei o modelo do "Jornal Comunitário" aos que compareceram, juntamente com as fotografias. O "boneco" passou de mão em mão e escolhemos as fotografias a serem publicadas. Reuniram-se, naquela tarde, D. Josefina, Nenezão, Antonio Mariano, Waldemir e este pesquisador.

Conversávamos, em seguida, sobre os patrocinadores da terceira edição. Antonio comentou ter conversado com o seu Ismael, do Empório Saraiva, e disse que ele iria "entrar nesse jornal". Falei, mais uma vez, da necessidade de todos ajudarem a convencer os comerciantes a patrocinarem o "Jornal Comunitário", lembrando-os que cada módulo publicitário deveria ser vendido por R$ 25,00. Naquele momento, nenhum dos demais participantes sugeriu outras empresas.

Disse-lhes, então, que no dia seguinte eu contactaria os comerciantes e, se cada um explicasse ao açougueiro mais conhecido, ao farmacêutico, ao dono de bar, ou qualquer outro empresário, que o custo de cada anúncio correspondia, apenas, à nona parte do preço cobrado pela gráfica, este pesquisador poderia convencer, os comerciantes, em menos tempo e com maior facilidade.

Após termos conversado sobre a distribuição do jornal do mês de agosto, era hora de encerrarmos a reunião. Ficou combinado que, se tudo corresse bem na etapa de venda dos espaços publicitários, a entrega seria feita na semana seguinte.

unesp

Segunda, dia 26, repeti o mesmo procedimento de venda de espaços publicitários, adotado no mês anterior. Comecei com as visitas aos empresários que já haviam patrocinado as duas edições anteriores. Consegui renovar o contrato verbal com dois, dos anunciantes que patrocinaram as primeiras edições, e com apenas um, dos patrocinadores do segundo jornal. No sábado seguinte, 30 de agosto, "boneco" e fotos já estavam na gráfica. Entretanto, o revesamento entre as gráficas, previsto inicialmente, não foi possível. Um defeito na impressora do "Diário de Votuporanga" havia inviabilizado, naquele momento, a produção de jornais editados por terceiros. Em função desse contratempo, o "Comunitário" de agosto seria impresso, novamente, no parque gráfico do diário "A Cidade".

A distribuição, da edição de agosto, foi iniciada na tarde do dia primeiro de setembro. O esquema de entrega foi semelhante ao utilizado no mês de julho. Este pesquisador começou a entregar no sentido bairro-centro, com a ajuda, desta vez, de sua esposa Marli. Marli encarregou-se das ruas perpendiculares ao eixo principal da cidade, composto pelas ruas Amazonas, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Esta última limita, a leste, o universo da pesquisa. Dessa vez, Antonio Mariano entregou um número maior de jornais, nas ruas Rio Grande, Peru e parte da rua Paraná. Nas residências das demais ruas, o trabalho foi feito por este pesquisador.

A capa da terceira edição atraia pela foto das enfermeiras do Posto de Saúde. Todas elas, assim como o auxiliar de enfermagem fotografado, exercem suas atividades há tempo suficiente, em Votuporanga, para terem seus rostos conhecidos por muita gente. Já trabalharam em outras unidades de saúde municipais, e na Santa Casa. A segunda foto, mostrando estudantes da escola "Uzenir" quando desfilavam, também mereceu comentários, dos moradores que receberam o "Jornal Comunitário" em mão. O editorial avisava, os leitores, que a única TV local estava apresentando os candidatos locais ao Executivo e à Câmara Municipal. Informação importante, tendo em vista a baixa audiência da TVU - TV



Universitária de Votuporanga. Salvo em alguns horários, a TVU apenas retransmite a programação educativa da Rede Brasil, que é ofuscada pelas programações das redes Globo e SBT. Esse editorial aproveitava a discussão provocada pela mídia televisada, àquela época, sobre a exigência de uma avaliação dos pré-candidatos, antes que se tornassem, oficialmente, candidatos a cargos eletivos. O box "Ligue-se!" procurava estimular o espírito crítico do eleitor. Ao pé da primeira página, uma "chamada seca" (manchete sem texto) anunciava a quermesse da Vila América.

À página quatro, a foto e a nota de falecimento de D. Maria Augusta, e as fotos das equipes do "Fluminense" e do "Brangantino", com legendas citando os nomes dos "craques" da Vila América, produziram um efeito de imantação fabuloso. Quase todos os que receberam o jornal, das mãos deste pesquisador, batiam os olhos e puxavam o tablóide para perto do rosto, para observar melhor. A proposta do jornalismo comunitário é manter os indivíduos da comunidade informados sobre o que acontece à sua volta. Como o alcance desse objetivo depende da leitura, os atrativos tornam-se importantes. Pelas observações deste pesquisador, o planejamento gráfico foi eficiente, no que diz respeito ao estímulo à leitura.

A matéria sobre o posto de saúde, conforme sugestão aprovada em reunião, trouxe os nomes dos médicos, suas especialidades e horários de atendimento de cada um. As informações que os usuários demonstraram ignorar, conforme este perquisador pôde observar, no local, foram confirmadas pelo auxiliar de enfermagem entrevistado, Sebastião Benedito de Paula. Por isso, também mereceram destaque, na segunda página. A página três trouxe o agradecimento aos pais, dos professores da escola "Clary", e a reportagem sobre os estudantes e professores das escolas estaduais da Vila América, participantes do desfile-cívico.

Como este pesquisador esperava, o "JORNAL COMUNIDADE" já estava nos balcões dos armazéns do bairro, na última semana de agosto. A manchete,

unesp

JORNAL COMUNITÁRIO

3ª EDIÇÃO

JORNAL COMUNITÁRIO

Votuporanga, agosto de 1996

Ano I N.º 3 Paineiras, Vila América, Jardim Paraiso, Jardim Santo Antonio, Terras de São José

POSTO DE SAÚDE JÁ ATENDE 5 MIL PESSOAS POR MÊS



Parte da equipe do Posto de Saúde da Vila América. Em primeiro plano, da esquerda para a direta; Orides, Vanda, Roseli e Luiza. Em segundo plano; Ana, Dolores, Jací,Terezinha, Sebastião e Cidinha.

O Posto de Atendimento à Saúde "Dr. Danilo Alberto Vicente Medeiros", ou PAS IV, foi inaugurado oficialmente no último dia primeiro. Com 2 gabinetes odontológicos, 4 salas para consultas, salas de inalação, espaço para esterelizador AUTOCLAVE e 2 salas de espera, o Posto de Saúde da Vila América fica na rua Colômbia, junto à creche e à Secretaria Municipal da Saúde, num prédio de 233m2. O setor de distribuição gratuita de leite e remédios atende cerca de 300 pessoas por dia. Os 10 médicos e os 4 dentistas têm atendido, em média, 5.000 pacientes por mês. O posto funciona das 7h00 às 17h00, diariamente, e o telefone é 421-4500, ramal 64. A relação dos médicos e os horários de suas consultas estão na **PÁGINA 2.**

EQUIPES PROCURAM PATROCÍNIO

Ademir Aparecido Paschoalato, diretor do Progresso da Vila América, na condição de porta-voz das equipes de futebol amador da zona oeste de Votuporanga, está fazendo um apelo aos empresários locais para que apoiem os que se interessam pelo esporte. Para Ademir, os seis torneios realizados, nos dois últimos meses, comprovam o aumento do interesse dos jovens pelo futebol amador.

As equipes rateiam as despesas com bolas, apitos e aluguéis de mini-campos, disse Ademir, "mas se tivessem uniformes patrocinados as empresas ganhariam muito com a publicidade, e as competições seriam muito mais valorizadas".

Leia sobre os três últimos torneios na **PÁGINA 4.**



O Madrid-Aplic, campeão do IV torneio: Roberto, Ita, Rubens, Dado, Delei, Betão, Fião e Carlinho.



Diretoria e APM da Uzenir fizeram traje de gala para os alunos

UZENIR E CLARY PARTICIPAM DO DESFILE CÍVICO DA CIDADE

Cerca de noventa estudantes das escolas Uzenir Coelho Zeitune e Clary Brandão Bertoncini desfilaram no dia 4 de agosto. Além de comemorarem o 59º aniversário de Votuporanga, os alunos fizeram pesquisa sobre a cidade para conhecerem melhor sua história e suas atividades comerciais e industriais.

Os professores dedicaram-se nos ensaios e na organização e o resultado foi positivo: alunos que deixaram de participar neste ano já se dispuseram a desfilar em 97. **PÁGINA 3**

ANIME-SE! TEM QUERMESSE NA RUA PARÁ, PERTO DO TIRO DE GUERRA, NOS DIAS 7, 8, 14, 15, 21, E 22 DE SETEMBRO. PROMOÇÃO DA PARÓQUIA SENHOR BOM JESUS.

EDITORIAL

O mês de setembro será decisivo para o futuro de Votuporanga. Com o dinheiro dos impostos e taxas que a população paga, que nós pagamos, é que a Prefeitura deve executar as obras necessárias, manter as creches e os demais serviços à comunidade. É por esse motivo que as prefeituras costumam prestar contas à população; explicar como está sendo gasto o dinheiro público. Não podemos, portanto, votar apenas por votar. Afinal de contas, o próximo prefeito e os vereadores que nós elegeremos vão trabalhar com o dinheiro do povo.

A TV Universitária de Votuporanga, (canal 55) e as rádios locais, estão nos apresentando os candidatos e seus programas de governo. É importante que a gente preste atenção no que dizem os os candidatos, mas sempre com espírito crítico, porque alguns candidatos costumam prometer mundos e fundos, coisas que dificilmente serão realizadas em uma cidade do porte de Votuporanga.

E por falar nisso, os discursos de muitos candidatos nos levam a fazer algumas perguntas: será que todos os candidatos realmente conhecem Votuporanga? Será que sabem quantas escolas serão necessárias daqui a dois ou três anos? Ou quanta água será necessária para abastecer a cidade no ano que vem? Ou qual é a função de um vereador? Ou que leis são fundamentais para que Votuporanga cresça organizada? A idéia de uma prova eliminatória para os interessados em se candidatar parece ser muito boa.

FICOU MAIS FÁCIL CUIDAR DA SAÚDE

O número de moradores da região oeste de Votuporanga que têm procurado o Posto de Atendimento à Saúde da Vila América já indica que, em breve, suas instalações deverão ser ampliadas. O movimento é muito grande todos os dias da semana, disse o auxiliar de enfermagem Sebastião Carvalho, que tem registrado cerca de 5.000 atendimentos por mês, desde que o PAS IV entrou em funcionamento, há 90 dias.

O posto abre às 7 horas da manhã e as consultas médicas são feitas até às 5 da tarde, e todas as famílias com crianças na faixa etária de 6 meses a 2 anos podem se cadastrar para receberem leite pasteurizado, gratuitamente, todos os dias. Um farmácia também distribui remédios, desde que os interessados levem as receitas médicas necessárias. Roseli Cordeiro, auxiliar de enfermagem, informou que esse setor do PAS atende, em média, 300 pessoas por dia.



Fachada do PAS IV, na rua Colômbia

CONHEÇA OS MÉDICOS QUE ATENDEM À NOSSA COMUNIDADE

Trabalham hoje, no posto da Vila América, quatro clínicos gerais, quatro ginecologistas, três pediatras e quatro dentistas. Veja os horários:

CLÍNICOS GERAIS
Dra. Paula - Clínica geral e Nefrologia (rins) - 7h00
Dr. Roberto - 8h00
Dr. Odilon - 11h00
Dr. Robson - Clínica geral e Urologia - 13h00

GINECOLOGISTAS
Dra. Maria da Glória - 8h00
Dr. Hermínio - 9h00
Dr. Sérgio - 10h00
Dr. João Carlos - 13h00

PEDIATRAS
Dr. Seba - 8h00
Dr. Job - 8h00
Dra. Marise - Pediatria e Neuropediatria - 12h30

DENTISTAS
Dr. Joarez - 8h00
Dr. João Poiani - 9h00
Dr. Roberto de Melo - 13h00
Dr. Romildo - 13h00

LEVE SEMPRE UM DOCUMENTO

Para que o atendimento seja mais rápido, quem procura o posto não deve se esquecer de levar a carteira de identidade (RG) ou o cartão de identificação do SUS. Tem sido muito grande o número de esquecidos, e isso dificulta o trabalho e provoca atrasos no atendimento, explica o auxiliar de enfermagem Sebastião Benedito de Paula. É importante, também, o comparecimento às consultas marcadas. Como cidadãos, devemos respeitar os direitos dos outros, e comunicar o posto com antecedência se não formos comparecer. Só assim os médicos poderão atender outros pacientes e agilizar o trabalho em benefício de todos.

LIGUE-SE !

SEJA CRÍTICO AO ANALISAR AS PROPOSTAS DOS CANDIDATOS A VEREADOR E A PREFEITO. CUIDADO COM AS PROMESSAS ABSURDAS. NÃO ADIANTA TROCAR O VOTO POR UM PRESENTINHO QUALQUER, E DEPOIS SE ARREPENDER PORQUE O CANDIDATO ELEITO NÃO FAZ NADA PELA COMUNIDADE. VAMOS VOTAR COMO CIDADÃOS, E ESCOLHER REPRESENTANTES PREOCUPADOS COM O BEM-ESTAR DE TODA A POPULAÇÃO.

EXPEDIENTE

O jornal Comunitário é produzido pelos moradores dos bairros Paineiras, Vila América, Jardim Paraíso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio.
Tiragem: 2000 exemplares
Jornalista Responsável:
Angelo Sottovia Aranha
Mtb 12.870
Digitação e Diagramação
Benedito Ap. Nunes
Fone 421-9663
Impressão:
A CIDADE
DIÁRIO REGIONAL

As correspondências devem ser enviadas para a rua Venezuela, nº 1524, Vila América, Votuporanga, São Paulo.

GREGUI Motos
Mecânico com curso de especialização na própria HONDA, no Japão
Rua Augusto Sasso, 479 - Chác. Aviação
Fone 421-9703

Beleza & Forma
CABELEIREIRA, DEPILAÇÃO, MANICURE, PEDICURE E COSMÉTICOS
Linha completa de produtos naturais e dietéticos.
Direção: Piedade e Angela
Rua Paraná, 970 - Fone 421-5855

Calçados de bom gosto, qualidade e ótimos preços, só na
KIKO'S Calçados
Rua Amazonas, 1502 - Fone 421-1544

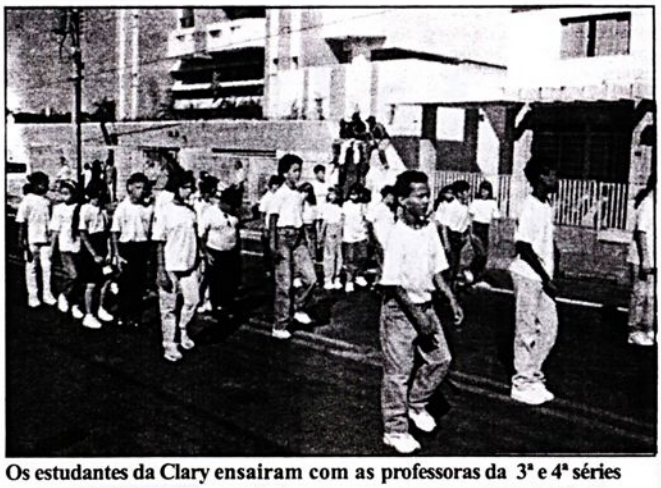
ESTUDANTES DAS ESCOLAS CLARY E UZENIR DESFILAM EM HOMENAGEM A VOTUPORANGA



No ano que vem o número de participantes será maior, segundo os alunos



O entusiasmo dos professores de Educação Física da Escola Uzenir envolveu quase todos os alunos, que pretendem se preparar um pouco mais cedo para garantir uma apresentação ainda mais organizada em 97, quando Votuporanga completará 60 anos.



Os estudantes da Clary ensairam com as professoras da 3ª e 4ª séries

AOS PAIS DE ALUNOS

A diretoria da escola Clary Brandão Bertoncini agradece a presença de todos os pais que participaram da última reunião de pais e mestres, no dia 21 de agosto, e solicita que continuem acompanhando a vida escolar dos seus filhos sempre, para que eles conquistem uma qualidade de vida cada vez melhor.

Após desenvolverem atividades dirigidas para que os estudantes conheçam melhor a cidade de Votuporanga, as escolas Clary Brandão Bertoncini e Uzenir Coelho Zeitune também participaram do desfile cívico organizado pela Secretaria Municipal de Educação, no dia 4 de agosto.

Trinta alunos da Clary prepararam-se para desfilar, ensaiaram na quadra da escola e na rua sob a coordenação das professoras das terceiras e quartas séries, e após o desfile seus colegas que não participaram demonstraram interesse em tomar parte da festa da cidade no ano que vem. Além da coordenadora pedagógica, Eunice de Fátima Alves, orientaram os alunos as professoras Paula, Maria Aparecida, Eurides, Fátima e Maria Albarelo.

TRAJE DE GALA

Na escola Uzenir, os ensaios começaram quinze dias antes do desfile, sob a coordenação dos professores de Educação Física Alberto Luis, Maria Helena, Milton Luis, Paulo Amaury e Sônia Terensi, e do professor de Educação Artística, Valdair de Lima.

Sessenta estudantes desfilaram, e a escola destacou-se pelo traje de gala confeccionado especialmente para a comemoração do aniversário de Votuporanga. As roupas foram feitas com verba da Associação de Pais e Mestres, e os modelos foram criados pela direção da escola, em conjunto com os professores de Educação Artística e de Educação Física. E para o próximo ano, a diretoria composta pelos professores Bento Caluz, Angelina Gil e Eurides Alves, juntamente com os professores, promete muito mais.

GOLFINHO
ESCOLA DE NATAÇÃO
VOTUPORANGA
Hidroginástica e Aulas especiais
Natação para bebes, crianças e adultos
Fone 421-4616
R. Padre Paranhos, 1094

Empório Saraiva
Direção: Ismael
Secos e Molhados
Representante MINASGÁS
Ligue 421-7478 e receba
seu gás em casa
R. Rio de Janeiro, 759 - V. América

DEPILAÇÃO
Em sua casa
CERA QUENTE OU FRIA
atende-se com hora marcada
Vera (017) 421-8765

AUMENTA O INTERESSE PELO FUTEBOL MINI-CAMPO

As equipes do Progresso da Vila América, Juventude, Fluminense e Madrid-Aplic mostraram melhora no nível técnico no IV torneio da Vila América, no mini-campo da escola Clary.

Jogando com Catatau, Bispo, Burrico, Fernandinho, Sorveteiro, Ferro, Leandro e Nego, o Juventude derrotou o Progresso no primeiro jogo. O juiz foi o Mané, e o Progresso entrou em campo com Ademir, Pedro, Fofão, Zico, Pedro de Lara (Motel), Gilberto, Adriano e Tita. Os dois gols do Juventude foram de Motel (contra) e Bispo (pênalti).

Na segunda partida o Fluminense perdeu para o Madrid-Aplic por 3x1. Fião marcou um e Betão, dois, para Madrid-Aplic. O gol do Fluminense foi feito por Ismael. O Fluminense jogou com Carlinho, Edmar, Pimenta, Pelezinho, Gilmar (depois Hildo), Graveto, Ismael, e o Madrid com Roberto, Ita, Rubens, Dado, Delei, Betão, Fião e Carlinhos.

Encerrado sem abertura do placar, o terceiro jogo da rodada foi entre Progresso e Fluminense, e deu Fluminense nos pênaltis (3x1). Na final, Fião marcou mais dois, e Betão, um gol, garantindo a vitória do Madrid sobre o Juventude por 3x0. O Madrid-Aplic levou o troféu de campeão.

BRAGANTINO FOI O MELHOR NO V TORNEIO

O quinto torneio de futebol mini-campo da Vila América aconteceu no campo da rua Rio Grande, no dia 11 de agosto, e o troféu de campeão ficou para o Bragantino.

No primeiro jogo o Juventude derrotou o Progresso por 2 a zero, gols de Nego, e no segundo o Bragantino goleou o Unidos do Pozzobon. O resultado da segunda partida foi 9 a zero, e marcaram para o Bragantino: Chupeta (4 gols), Nenê, Gê e Nê (3 gols). Disputando terceiro e quarto lugares, jogaram Unidos e Progresso, e o Unidos venceu por 3 a zero. Os autores dos gols foram Deva, Levi e Popeye. Na decisão do título enfrentaram-se Juventude e Bragantino, e deu Bragantino, que venceu com dois gols de Chupeta.



O Fluminense venceu o VI torneio com Fofão, Oseias, Daniel, Juninho, Mazinho, Samuel, Izael e Romildo.



A equipe do Bragantino, campeã do V torneio: Bocão, Marquinho, Coquinho, Gê, Nê, Nenê, e Chupeta.

VI TORNEIO É DO FLUMINENSE

Rojões marcaram a abertura do sexto torneio da Vila América, na manhã do domingo (18 de agosto) no campo da escola das Paineiras. O primeiro jogo acabou em 0x0 , e nos pênaltis o Krik Lanches derrotou o Progresso por 4x3. Com um gol de Ismael, o Fluminense venceu o Beira-Rio por 1x0 na segunda partida, e no terceiro jogo, com dois gols de Negão o Beira-Rio ficou com o terceiro lugar ao vencer o Progresso (um gol de Zico). Na final, Fluminense e Krik empataram em 0x0 no tempo regulamentar, e deu Fluminense nos pênaltis (3x2). O Fluminense foi o campeão do sexto torneio.



FALECIMENTO

Faleceu dia 21 de agosto, aos 42 anos, a senhora Maria Augusta Polizeli, casada com Osvaldo Polizeli. D. Maria Augusta vivia em Votuporanga há 20 anos e fazia parte do ECC da Paróquia Senhor Bom Jesus. Deixa as filhas Paula, Patrícia e Priscila.

CLA$$IFICADO$

Vendem-se

CAPOTA DE FIBRA para F1000
Rua Paraíba, 887

CAIAQUE SLALOW de competição
Fone: 421-6350

PORTA TRASEIRA de Belina 81
Rua Paraíba, 887

TELHAS ROMANAS
Rua Rio de Janeiro, 496

HOTEL P/ CÃES
Viaje traquilo
Fone: 421-5313

BRASÍLIA 81 - LINDA
Rua Venezuela, 1538

PORTAS D-10
Direita e esquerda
fone:421-9898

CAPOTA F-1000
Fone 421-2010

PORTÃO DE CHAPA

Semi novo 3x2,20m
Fone 421-5313

FRETES
Caminhões 1513 e F-4000 semi novos
Para qualquer região do Brasil
Experiência e profissionalismo
José Luis Nunes
Fones: 421-1383
421-2600

Funilaria e Pintura
SERTORO
Direção: Wagner José Sertoro
Rua Padre Paranhos, 1033 -
Fone 421-9898
Votuporanga - SP.

AGROPET
RAÇÕES
Fone: 421-5313
R. Pe. Paranhos, 1058

da edição de agosto, encabeçava uma notícia de interesse dos moradores. Entretanto, o conteúdo informativo da matéria denunciava que o "COMUNIDADE" era, sem dúvida, o "jornal do vereador". O texto informava que a Superintendência de Águas e Esgotos iria despoluir o córrego Boa Vista, o "buração", por indicação do vereador Sílvio Carvalho. As outras três matérias de capa citavam o padre Gilmar e atividades da paróquia. Uma "chamada seca" fechava a primeira página: "PAS da Vila América precisa de ampliação".

Na página 4, destacavam-se as fotos das inaugurações do PAS (posto de saúde), com o vereador Silvio Carvalho ao lado do prefeito e do vice-prefeito de Votuporanga, e do gabinete odontológico da Vila Carvalho, um bairro rural. Na segunda foto, o vereador está ladeado pelo Juíz de Direito e pelo chefe de gabinete da Prefeitura de Votuporanga. Nessa página, o nome do vereador Silvio Carvalho é citado três vezes.

A exemplo da edição anterior, os anúncios ocupam quarenta por cento da edição de agosto, do "JORNAL COMUNIDADE". As três primeiras edições do "Jornal Comunitário" foram impressas dentro dos padrões definidos, pelo projeto inicial, com o objetivo de priorizar espaços para informações. Dessa forma, a publicidade ocupa quinze por cento (em centímetros de coluna) da área impressa do jornal.

No domingo seguinte, 8 de setembro, ocorreu a reunião de análise e avaliação do impacto da terceira edição do "Jornal Comunitário". Com base nos comentários dos participantes, num primeiro momento, este pesquisador constatou que a repercussão foi bastante significativa. Estevom e Cristiano contaram que várias pessoas, vizinhas deles, iriam guardar o jornal para terem, sempre à disposição, os horários dos médicos do PAS IV. Josefina disse que seu sobrinho chegou na casa dela, no dia da distribuição, apontando seus colegas de escola, na fotografia dos estudantes da "Clary". Contou ter questionado todas as pessoas, que encontrara nos dias anteriores à reunião, e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

comentou: "o pessoal está gostando, mesmo, do jornalzinho". Adiantou que os coordenadores de grupos da paróquia estavam providenciando o cadastramento de todos os trabalhadores, empregados e profissionais liberais. Na sua opinião, com essa providência, ficaria bem mais fácil, após a conclusão dessa relação, "fazer matérias sobre os profissionais que querem trabalhar".

Waldemir comentou que "uns colegas" seus, com o jornal da mão, estavam discutindo quais das enfermeiras (da fotografia) atendiam melhor. Também ouviu, durante a semana, a D. Maria Dionísio, residente na rua Venezuela, comentar que guardaria a edição de agosto para ver os horários dos médicos, quando viesse a precisar. Para ele, "foi uma pena não ter espaço, para falar do campo de malha", porque muitos aposentados demonstraram interesse pelo campo, depois que ele começou a conversar sobre esse assunto. Observou, também, que foi bom ter sido publicada a nota de falecimento da D. Maria Augusta. "Muita gente não havia prestado atenção, quando as rádios divulgaram o ocorrido, e só foram informados pelo 'Comunitário', depois de verem a foto no jornal", afirmou.

Antonio Mariano comentou ter ouvido conversas animadas, sobre o futebol mini-campo, no armazém da rua Rio Grande e no empório do seu Ismael, e considerou importante a matéria sobre a busca de patrocinadores para os times. Ademir Aparecido Paschoaloto, no dia em que este pesquisador redigia o texto sobre os torneios realizados em agosto, sugeriu que o "Jornal Comunitário" fizesse uma campanha nesse sentido, objetivando sensibilizar os empresários do bairro, porque "os jogos são mais sérios, quando os times atuam uniformizados, mas ninguém pode comprar os jogos de camisas".

Padre Gilmar aproximou-se. Era o sétimo a juntar-se ao grupo, naquela reunião. Disse-nos que as seis noites de quermesse aconteceriam no novo prédio, cedido à igreja pela extinta APAC - Associação de Proteção e Assistência

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Carcerária. Contudo, frisou que não se deveria divulgar a doação do prédio. Até o final de 1995, o local abrigava os presos-albergados, aqueles reeducandos liberados no período diurno, pelo Poder Judiciário, para trabalhar. Nessa condição, os presidiários são obrigados a pernoitar na prisão.

A extinção da APAC implicou na desativação da prisão-albergue, que acabou sendo invadida e se transformara em pousada para andarilhos e usuários de droga. Segundo Gilmar, outras entidades já haviam manifestado interesse em ocupar as instalações abandonadas pela APAC. No entanto, pela proximidade da igreja do Senhor Bom Jesus (dois quarteirões), ou, talvez, em função dos projetos de assistência à família mantidos pela paróquia, o ex-presidente da APAC, advogado Antonio Tromboni, havia optado por cedê-las à igreja da Vila América. Como a doação não havia sido feita oficialmente, com receio de eventuais problemas jurídicos, Gilmar aconselhava o silêncio em relação ao fato. Este pesquisador pôde perceber que, na verdade, o seu Antonio Ferreira nem deveria ter nos contado sobre a doação, como o fez em uma das reuniões anteriores. Na época, existia o risco de perda daquele espaço físico. De qualquer forma, provavelmente como parte da estratégia de conquista das instalações desocupadas, paroquianos voluntários já estavam reformando e pintando as novas salas agregadas, extra-oficialmente, à igreja.

Faltavam quinze minutos para o início da missa. Padre Gilmar retornava à sacristia, quando este pesquisador retomou a palavra e sugeriu, aos presentes, que interrogassem o maior número possível de moradores, a respeito do conteúdo informativo da terceira edição. Salientei a necessidade de uma avaliação séria do "Jornal Comunitário", para que pudéssemos verificar se a publicação estava correspondendo aos interesses da maioria dos moradores. Voltei a explicar, aos presentes, que o jornalismo comunitário era diferente da imprensa convencional, que as

unesp

JORNAL COMUNIDADE

ÓRGÃO INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DAS PAINEIRAS E ADJACÊNCIA - AGOSTO/96 - EDIÇÃO Nº 6

Paróquia Senhor Bom Jesus realiza quermesse em setembro

A Paróquia Senhor Bom Jesus das Paineiras, que tem suas atividades coordenadas pelo padre Gilmar Francisco Margotto, vai realizar no período de 7 a 22 de setembro, a sua tradicional quermesse, que terá lugar na rua Pará, ao lado do Tiro de Guerra. Todas as pessoas católicas da comunidade estão sendo convidadas a colaborar e prestigiar o evento.

Serão 6 noitadas de alegria, música e iténs típicos, em três finais de semana seguidos: dias 7 e 8, 14 e 15, 21 e 22 do mês que vem. Em cada etapa, a quermesse ficará sob a responsabilidade de um setor da Paróquia. Toda a arrecadação do evento será revertida em favor das obras que a paróquia realiza.

A escala de responsabilidade de organização ficou assim distribuída:

Data	Setor
07	01 e 09
08	02 e 07
14	03A e 03B
15	Setor 04
21	Setor 08
22	05 e 06

O voto sincero

É o artigo do Padre Gilmar Margotto, que fala sobre a importância do voto sincero na escolha dos candidatos em que vamos votar em 03 de outubro.

Veja na página 2

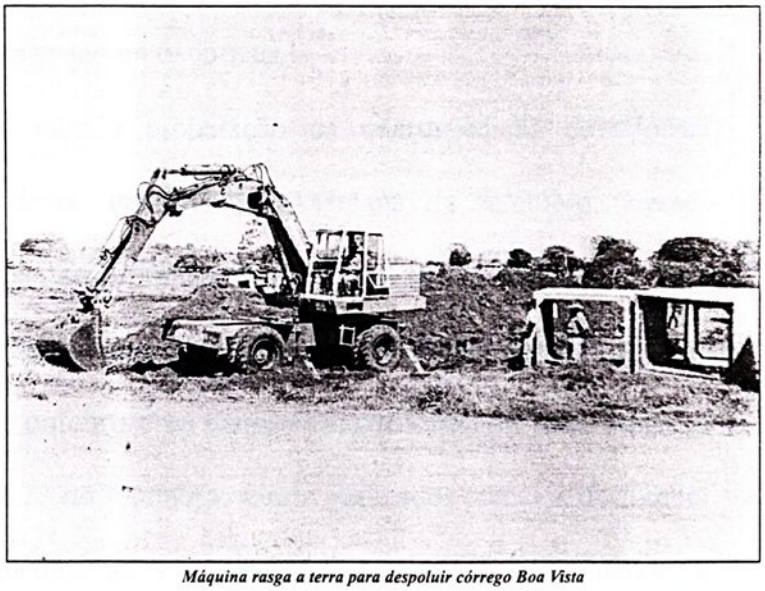
Doenças respiratórias

A Pastoral da Criança faz alerta sobre o perigo das doenças respiratórias, que é frequente em crianças, e fala das prevenções que devem ser tomadas. **Página 3**

PAS da Vila América precisa de ampliação

Última página

Começa o trabalho de despoluição do Boa Vista



Máquina rasga a terra para despoluir córrego Boa Vista

A SAEV - Superintendência de Aguas e Esgotos de Votuporanga - iniciou esta semana, trabalhos que vão permitir a despoluição do Córrego Boa Vista, atendendo antiga reivindicação de moradores das Paineiras, Jardim Terras de São José, Paraíso e bairros próximos a Avenida José Silva Mello, por indicação do vereador Silvio Carvalho.

Com entroncamento, formando o emissário 2/3, os esgotos serão jogados cerca de 1,5 quilômetros rodovia abaixo, eliminando sete pontos de descarga que existem atualmente. O trabalho vai resultar numa melhor qualidade de vida para os habitantes dos bairros mencionados, que ficarão livres de uma poluição que os incomodou durante muitos anos.

ELETROTÉCNICA BERETA

Eletrotécnica Bereta

Assistência Técnica
Bosch WEG
B&D Eberle
Makita Bambozzi
Thabor

Enrolamento de Motores Elétricos
Alberto Bereta
Rua Pernambuco nº 2323 - VOTUPORANGA
Fone/Fax (017) 421-2058
Fone (017) 421-9289

notícias deveriam ser interessantes para a comunidade como um todo. Em decorrência dessa necessidade, eram de grande importância as avaliações.

Waldemir exclamou que o comentário deste pesquisador era "lógico". Todos concordaram e disseram que pesquisariam, na semana seguinte. Antes de encerrarmos, pedi que trouxessem sugestões de notícias para a edição de setembro, e que convidassem seus vizinhos e amigos para os próximos encontros. Observei que, quanto mais gente opinasse, melhores seriam os jornais.

As reuniões para a preparação da quarta edição do "Jornal Comunitário" ocorreram normalmente, nos finais de semana de setembro. Nesses encontros, as discussões dos temas a serem noticiados tendiam, sempre, para a política municipal. Os comícios, com *shows* e fogos de artifício, norteavam as conversas dos moradores. As eleições seriam em outubro e os demais assuntos ficaram para segundo plano. Nos domingos, dias 8, 15 e 22 de setembro, foram realizados torneios de futebol mini-campo e com uma prática inédita, na Vila América: as partidas preliminares. A novidade atraia ainda mais torcedores às arquibancadas da escola "Clary", porque as preliminares eram disputadas por mulheres. O futebol feminino ganhava espaço na Vila América. Este pesquisador fotografou os melhores lances dos jogos, sempre muito concorridos. No entanto, as fotos não chegaram a ser publicadas. Os compromissos com a Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Unesp/Bauru, começaram a exigir maior dedicação e mais tempo deste pesquisador, que passou a residir na cidade de Bauru, durante toda a semana, e em Votuporanga, aos sábados e domingos.

Não faltavam assuntos para serem publicados. No entanto, este pesquisador passou a não ter tempo, nos dias úteis da semana, para contactar os comerciantes e cooptar os patrocinadores.

Seu Atílio, vizinho deste pesquisador, é ex-funcionário aposentado da Prefeitura de Votuporanga. Trabalhou no setor de obras públicas, o mais requisitado

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

pelos secretários, assessores e vereadores, em épocas de campanha eleitoral. Conhecedor dos bastidores da política local, reunia sempre alguns vizinhos, à sua porta, para conversar sobre a sucessão municipal. Este pesquisador participou de quatro, ou cinco, bate-papos na frente da casa do seu Atílio, conversas que ajudaram no acompanhamento do jogo político que precedeu as eleições municipais.

Na Vila América, o vereadores Giácomo Longo Roveri e Silvio Carvalho concorriam à reeleição, e José Barbizani havia se candidatado pela primeira vez. A favor de Sílvio Carvalho, estava uma retroescavadeira da Prefeitura Municipal, trabalhando na região do "buracão". No entanto, a entrada em operação, dessa máquina, a menos de dois meses das eleições, parece não ter convencido os moradores do bairro. Assim como a inauguração do Posto de Atendimento à Saúde, no dia primeiro de agosto, oportunidade em que Silvio Carvalho pôde discursar à vontade, mas não havia público para ouví-lo .

Silvio Carvalho não foi reeleito e a retroescavadeira não concluiu os trabalhos de despoluição do córrego Boa Vista. A máquina foi retirada do bairro logo após as eleições. O candidato que apoiava, para a chefia do Executivo municipal, também não se elegeu. Os moradores preferiram votar em José Barbizani, que passou a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal, e em Giácomo Longo Roveri, atual presidente do Legislativo.

No dia 28 de setembro, teve início o primeiro campeonato organizado pela Confederação de Futebol Paineirense, criada pelo esportista Nenezão, com o apoio dos diretores de todos os times da Vila América. Para essa competição, foi feito, pela primeira vez, o cadastramento de todos os jogadores das oito equipes inscritas. O campeonato mobilizou toda a juventude da Vila América, bairro que, apenas no mapa, compõe-se das regiões das Paineiras, Jardim Paraíso, Terras de São José e

unesp

Jardim Santo Antonio. Foi disputado em dois turnos e as rodadas aconteceram aos sábados e domingos.

Durante nove semanas, o I Campeonato da Confederação de Futebol Paineirense (CFP) atraiu grandes torcidas, com fogos de artifício e batucada, ao mini-campo da escola "Clary". Sessenta e quatro jogadores animaram os finais de semana da Vila América, até o dia do jogo decisivo, 23 de novembro.

Na abertura do campeonato, dia 28 de setembro, este pesquisador viveu um incidente interessante, testemunhado por trinta e dois jogadores e cerca de quarenta torcedores, no mini-campo da escola "Clary Brandão Bertoncini". Como o "repórter comunitário" Antonio Mariano havia sido informado, anteriormente, o candidato José Barbizani havia decidido oferecer os troféus do I Campeonato da CFP.

Naquela tarde, Barbizani aproximou-se para conversar, rodeado por seus cabos eleitorais. Disse-me ter comprado os troféus e as medalhas para a premiação dos ganhadores do campeonato, por acreditar no esporte, como atividade aglutinadora. Cumprimentei-o pelo incentivo aos jovens do bairro e continuei acompanhando o jogo, para poder redigir a reportagem.

No intervado, entre as duas partidas da rodada, o candidato aproximou-se, novamente, e pediu que este pesquisador não se esquecesse de citar seu nome, na edição seguinte do "Jornal Comunitário". Disse-lhe que não o faria, porque o jornal não deveria tomar partido de ninguém, de nenhum indivíduo isoladamente. Irritado, Barbizani levantou a voz e disse que o "Comunitário" estava apoiando o vereador Silvio Carvalho. O candidato falava tão alto que os presentes foram formando uma roda para assistir ao bate-boca. Disse que este pesquisador era mentiroso e que o último jornal tinha citado o nome do candidato Sílvio Carvalho quatro vezes, além de publicar fotografias do seu concorrente, que pleiteava a reeleição.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A discussão acirrou-se, quando um de seus companheiros fez questão de recordar aos presentes, aos gritos, que este pesquisador havia dito que o "Comunitário" não apoiaria ninguém. Perguntei, a Barbizani, em meio àquele tumulto, onde estava o "Jornal Comunitário" com o nome do vereador Silvio Carvalho e ele, num movimento rápido, tirou o "JORNAL COMUNIDADE" de sua pasta e levantou a mão, mostrando o jornal e sacudindo-o, como se fosse a prova de um ato condenável.

A única reação aceitável era a gargalhada. Comecei a rir e ele ficou ainda mais nervoso, até que o Antonio pediu a Barbizani que lesse o nome do jornal que empunhava. Ao ler "COMUNIDADE", não percebeu seu equívoco e insistiu: "então, olha aqui o Silvio Carvalho na foto". Ao que respondi: "Então, esse é o jornal do vereador, e não o 'Comunitário'. Não é o jornal da nossa comunidade".

Os jogadores começaram a rir, e sua reação, como bom político, foi imediata. Bateu com a mão em meu ombro e me pediu desculpas. Em seguida, pediu desculpas a todos, desajeitado. Por alguns minutos, Barbizani deve ter imaginado seus votos voando. O vexame havia sido muito grande. Aproveitei a atenção, dos presentes, para reafirmar que o "Jornal Comunitário" era da comunidade, não tinha um dono e não era de uma pessoa só. Era de todos os moradores.

O segundo jogo começou e alguns torcedores continuaram conversando sobre as diferenças entre os dois jornais, motivados pela discussão. Aquele episódio foi de extrema importância, na avaliação deste pesquisador. Foi possível perceber, naquele momento, que mais de vinte pessoas, no mínimo, passaram a refletir sobre a proposta do jornalismo comunitário.

A quarta edição do "Jornal Comunitário" estava definida no dia 23 de setembro de 1996. Divulgaria os torneios de futebol amador realizados durante o mês; a quermesse realizada pelos paroquianos, encerrada no dia 22; a necessidade de mais áreas de lazer na Vila América, com destaque para a reivindicação de um campo de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

malha; o morador Antonio Alves Cardoso, homenageado por ser o garçon mais experiente de Votuporanga; as eleições municipais e a Equipe de Música Bom Pastor, conhecida pela comunidade há mais de três anos. Entretanto, os moradores, participantes da equipe que dedicava-se à elaboração do "Jornal Comunitário", não conseguiam comercializar os espaços publicitários para viabilizar a impressão da quarta edição.

Todos os domingos, nas nossas reuniões, discutíamos como abordar os comerciantes, como persuadí-los a apoiar o jornal da comunidade da Vila América, mas os participantes demonstravam muita insegurança. Passavam-se as semanas e o quadro permanecia inalterado, continuávamos sem patrocinadores.

Só no mês de dezembro, encerrado e semestre letivo na Unesp / Bauru, este pesquisador pôde voltar total atenção ao "Jornal Comunitário". Algumas das matérias, já redigidas, haviam se tornado obsoletas e foram substituídas. O funileiro Wagner José Sertoro, patrocinador da segunda e da terceira edições, havia participado da décima quinta Semana Antialcoólica de Votuporanga e mostrou-se um bom "repórter comunitário". Anotara todas as atividades desenvolvidas durante o evento, como havia se comprometido a fazê-lo, e aguardava a visita deste pesquisador. Wagner, não só, colaborou como repórter, como também patrocinou a quarta edição. Sob o seu ponto de vista, a comunidade é uma extensão da família, enquanto a família é a principal motivação de qualquer pessoa.

O eletricista Virgílio, um dos patrocinadores da primeira edição, não concordou em ratear as despesas de impressão do quarto "Comunitário". Contudo, sugeriu a publicação de matéria sobre a Manhã de Lazer, realizada na avenida José Silva Melo. Virgílio reside na avenida e havia ficado impressionado com o interesse despertado, principalmente nas crianças e nos jovens, pela promoção da Secretaria Municipal de Esporte e Cultura.



Levei sua sugestão para a reunião do dia 14 de dezembro, quando todos se recordaram da "verdadeira festa" que havia sido aquela Manhã de Lazer. Waldemir observou que a notícia sobre o evento esportivo, promovido pela Prefeitura, poderia ser acompanhada da reinvindicação de áreas de lazer para os moradores da Vila América. Josefina havia participado, com seus sobrinhos. Recordou-se que as crianças, apesar do tempo chuvoso, só pararam de jogar bola e brincar, naquela Manhã de Lazer, quando a equipe da Secretaria de Esporte e Cultura retirou os equipamentos esportivos da avenida. Na sua opinião, a participação em massa da juventude comprovou a falta de uma área de lazer no bairro e o "Jornal Comunitário" deveria "comentar esse problema".

Nenezão, por sua vez, informou que os pagodeiros das Paineiras estavam tocando quase toda noite, nas últimas semanas. Disse que dezenas de jovens ficavam conversando, sentados nas calçadas da rua Rio de Janeiro, enquanto o grupo de pagode ensaiava suas músicas. Segundo ele, os pais e as mães, dos adolescentes do bairro, estavam gostando daqueles encontros de amigos, porque seus filhos não se afastavam muito de casa e acabavam indo dormir mais cedo.

Colocados em votação, os dois assuntos sugeridos, ambos foram aprovados por unanimidade, por se tratarem de "coisas boas para toda a comunidade", como afirmou Antonio Mariano.

Outro assunto que vinha ocupando boa parte do tempo das reuniões, deste o final de novembro, referia-se à associação de moradores. Todos consideravam importante a criação de uma entidade que representasse a comunidade da Vila América, que inclui os moradores da Chácara das Paineiras, do Jardim Terras de São José, da Chácara Ferrari e dos jardins Paraíso e Santo Antonio. Após sugestão aprovada na reunião de 17 de novembro, Nenezão havia conversado com seu vizinho, o tapeceiro conhecido apenas por Nino. Nino havia acompanhado, de perto, toda a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

confusão ocorrida quando da formação da Associação dos Moradores das Paineiras e Adjacências (AMPA).

Na entrevista com o senhor Nino, residente à rua Rio de Janeiro, Nenezão ficou sabendo que, desde a primeira reunião, realizada na escola "Clary", a associação tendia a ser um comitê eleitoral. Os moradores não foram convocados para a eleição dos componentes da AMPA. Quando a rádio Cidade divulgou a notícia sobre a criação da associação, contou-lhe o senhor Nino, os moradores perceberam, de imediato, o caráter político partidário da nova entidade. O presidente eleito era o comerciante Silvio Carvalho, que dirigiria a AMPA auxiliado por dois secretários e um tesoureiro, sendo que os três eram conhecidos como cabos eleitorais do candidato Silvio Carvalho.

Nino relatou também, e Nenezão passou-nos a informação na reunião de 24 de novembro, que a AMPA não se empenhou no momento em que os moradores mais contavam com o apoio da entidade. Quando se organizavam para negociar, diretamente com uma empreiteira, a pavimentação das ruas da região das Paineiras. Toda a Vila América estava pavimentada há muitos anos e foi necessária a intervenção do senhor Nino, junto à Prefeitura, para que fosse indicada uma empreiteira. A Prefeitura orientou-o a fazer um contrato entre os próprios moradores e a empreiteira, porque os processos de licitação são muito burocráticos, demorados, e o serviço de preparação das ruas, para a aplicação da capa asfáltica, deveria ser feito no inverno, período em que ocorrem menos chuvas.

O passo seguinte seria a consulta aos moradores, para a definição das condições de pagamento dos serviços de pavimentação, que incluiam a implantação de guias e sarjetas. A Associação de Moradores que, até então, não havia tomado nenhuma iniciativa em beneficio da comunidade, foi contactada mas preferiu se omitir, sob a alegação de que o asfaltamento era um dever da Prefeitura Municipal.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Desde então, a AMPA passou a ser uma associação virtual, sem qualquer representatividade, conforme as informações do senhor Nino, que se encarregou de contactar todos os moradores e viabilizou a pavimentação da região da Chácara das Paineiras.

Como o prefeito eleito, Atílio Pozzobon Neto, tomaria posse no dia primeiro de janeiro de 1997, ficou decidido, na primeira reunião de dezembro, que a quarta edição circularia em janeiro. Essa edição veicularia um convite à organização da comunidade, no sentido de se criar uma associação de moradores que representasse, efetivamente, os moradores da Vila América.

Oito espaços publicitários já haviam sido vendidos, por este pesquisador, que teve que colaborar com R$ 25,00 para completar o valor a ser pago à gráfica. Contudo, a quarta edição não deixou de ser impressa e foi distribuída na primeira semana de janeiro.

Mais uma vez, a distribuição de casa em casa exigiu dois dias de trabalho. A equipe encarregada recebeu apenas um reforço. A entrega dos dois mil exemplares foi feita por este pesquisador, sua esposa, pelo Antonio Mariano e por um garoto, morador da rua Rio de Janeiro. Para assegurar uma entrega bem feita, o garoto distribuiu nas mesmas ruas percorridas por este pesquisador, que entregava nas casas da calçada esquerda enquanto ele entregava nas residências do lado direito das ruas.

Na capa, a edição número quatro trouxe quatro fotografias. A dos troféus do I Campeonato da Confederação de Futebol Paineierense; a do garçom da Vila América, homenageado por atuar profissionalmente há 34 anos; a foto com os seis jovens componentes do grupo de pagode das Paineiras, todos muito conhecidos; e a foto de uma placa de trânsito indicando a Vila América. Nesta última, a seta indicativa, da placa, aponta para a matéria que convida a comunidade a se organizar para a criação da associação dos moradores.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

À página dois, o editorial dá os endereços dos colaboradores que se prontificaram a receber sugestões de notícias, para encaminhá-las para votação, nas reuniões semanais. As matérias sobre a Manhã de Lazer, com a reivindicação de uma área de lazer para os moradores, e sobre a Associação Antialcoólica de Votuporanga, que fica na Vila América, também estão na segunda página. O pequeno texto do box "Ligue-se!" reforça a idéia da criação da associação dos moradores e apresenta o "repórter comunitário" Waldemir Cetrone, na condição de responsável pelo cadastramento dos interessados em participar da associação. O expediente traz o novo endereço para contatos com o "Jornal Comunitário", o da residência de Waldemir.

Na página três, predominam as fotos da quermesse promovida pela paróquia, com texto legenda que informa a renda conseguida com a promoção. As fotografias das equipes campeã e vice-campeã do maior campeonato realizado, até então, na Vila América, estão na página quatro, ao lado da notícia e das fotos da Equipe de Música Bom Pastor.

A partir da distribuição da quarta edição, na primeira semana de janeiro de 1997, começaram a chegar correspondências endereçadas ao "Jornal Comunitário", na residência do repórter comunitário Waldemir Cetrone. A publicação dos moradores da Vila América já era reconhecida pelas autoridades constituídas.

A primeira correspondência recebida demonstrava a falta de costume, por parte das autoridades, em relação ao jornalismo comunitário. Foi endereçada a Waldemir Cetrone, "Diretor do Jornal Comunitário", quando não existem diretores nesse tipo de jornal. Assinada pelo presidente do Legislativo, Giácomo Vitório Longo Roveri, continha uma brochura, editada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, reunindo a Constituição da República Federativa do Brasil e a Constituição do Estado de São Paulo. No ofício, o vereador coloca a Câmara Municipal "à inteira disposição, com protestos de consideração e apreço".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

No domingo (2 de fevereiro), Waldemir procurou, pela manhã, este pesquisador. Ao me encontrar, estalou uma risada. Estava radiante, com a correspondência da Câmara na mão. Disse-me que a Vila América estava "ficando importante e o jornal também". No entanto, não sabia o que fazer com o material recebido. Sugeri que ele escrevesse uma carta de agradecimento, para demonstrar que a comunidade estava atenta. Como pesquisador, pude observar, naquele momento, como é importante o reconhecimento social. Ele não sabia o que falar. Apenas sorria à toa, demonstrando grande satisfação.

Alguns dias depois, a Prefeitura Municipal enviou, ao "Jornal Comunitário", cópia da relação dos candidatos eleitos para o Legislativo e o Executivo votuporanguenses, com seus endereços, breves biografias e fotografias.

A terceira correspondência foi enviada pelo vereador Antonio Barbozano de Brito. Continha fichas impressas, nas quais os moradores poderiam sugerir as prioridades que deveriam ser atendidas pela administração municipal, relacionadas às necessidades da Vila América.

A Prefeitura Municipal endereçou, ao "Jornal Comunitário", cópia da relação de todos os presidentes, das vinte e três associações de moradores existentes em Votuporanga, com seus endereços e telefones.

Waldemir me contava, nos finais de semana em que este pesquisador viajava para Votuporanga, que muita gente o procurava, em sua casa, para sugerir notícias. No entanto, ele não sabia o que fazer com as sugestões. Dizia que as pessoas estavam sentindo a falta do jornal e questionavam-no sobre a data de circulação da edição seguinte. No entanto, ele não conseguia fazer, e nem os outros moradores.

Na visão deste pesquisador, o documento que melhor refletiu o poder de barganha que a comunidade havia ganho, a força política do "Jornal Comunitário", foi a correspondência enviada pelo presidente da Câmara Municipal de

unesp

JORNAL COMUNITÁRIO

Votuporanga

Ano I Nº 4 Paineiras, Vila América, Jardim Paraiso, Jardim Santo Antonio, Terras de São José



Troféus e medalhas do 1º CCFP

PRONTO E MASTIGADO

O novo prefeito tomou posse. Os novos vereadores também. Agora é hora de nos organizarmos para que os bairros da zona Oeste recebam atenção permanente da administração municipal. Se as pessoas da nossa comunidade se isolarem e ficarem distantes umas das outras, fechadas dentro de suas famílias, com certeza o prefeito Atilio Pozzobon vai encerrar seu mandato, em dezembro do ano 2000, tendo feito muito menos do que poderia pelos moradores das Paineiras, Vila América, Campo Limpo, Chácara da Aviação, Jardim Paraíso, Jardim Santo Antonio e Terras de São José. A associação dos moradores precisa se fortalecer e isso depende de cada um de nós. Vamos participar, ou vamos esperar que tudo venha de mão beijada, **pronto e mastigado?**



Sem Rumo faz o pagode das Paineiras



Profissionalismo

O garçon **Antonio Alves Cardoso** mora na Vila América, na rua Bolívia, e é um craque na sua profissão. Há 34 anos vem trabalhando como garçon e, recentemente, foi homenageado na segunda edição da competição Garçon Cross por ser o profissional da área com maior tempo de serviço. Sempre muito requisitado, desde 1962 destaca-se por dedicar-se com seriedade ao que faz. Atualmente trabalha no restaurante Kibelândia, o "senadinho" mais frequentado pelos políticos e politiqueiros de Votuporanga.



Renato, Rola, Klebão e Grilo (em pé), Rodriguinho e Mantena (no tan-tan)

Numa viagem para Camboriú, para completar o clima de férias e de festa, no reveillon de 95 nasceu o grupo de pagode "Sem Rumo". Sem rumo porque a maioriá achava que "as atividades artísticas" se encerrariam quando todos voltassem ao trabalho, na segunda semana de janeiro do ano passado. Mas não foi o que aconteceu; nos finais de semana o pagode continuou rolando e o repertório foi aumentando. Tanto que a animaçãofoi total na viagem ao Sul, deste ano, no dia 13 de janeiro.

Rodriguinho (Rodrigo F. Gentini) está dominando o tamborim, Zé Renato (Renato Aparecido Rios) aperfeiçoa-se no pandeiro, Klebão (Kleber Silveira Santos) esquenta o cavaquinho, Mantena (Luis Fernando da Silva Comino) barbariza no tan-tan, Rola (Carlos Alberto Gomes) cuida do chocalho e Grilo (Valter da Silva) do afoxé. E em qualquer lugar da rua Rio de Janeiro, sem muito rumo.

Oito equipes disputaram o primeiro campeonato de Mini-campo

Com o apoio dos times amadores mais antigos da região Oeste o esportista Nenezão (Valdemir Rodrigues da Silva) organizou o primeiro Campeonato da Confederação de Futebol Paineirense. Todos os jogadores foram cadastrados e os jogos aconteceram de 28 de setembro a 23 de novembro, no mini-campo da escola Clary Brandão Bertoncini.

Na chave "A" ficaram Fluminense, Arapuã, Krik-Lanches e Garagem Célio Onório, e na chave "B"; Bragalar, Bragantino, Progresso e Juventude. No primeiro turno, em cada rodada jogaram, sempre, dois times da chave "A" e dois da "B" (aos sábados e domingos). Essa forma de organização acabou estimulando a participação das torcidas e envolvendo centenas de pessoas da nossa comunidade.

Página 4

unesp

EDITORIAL

Todo mundo gosta de receber em casa um informativo, um jornal que mostre o que está acontecendo no seu bairro. Principalmente quando esse jornal é distribuido de graça. Nosso JORNAL COMUNITÁRIO tem trazido em suas edições notícias interessantes para quem vive o dia-a-dia nos bairros Vila América, Paineiras, Campo Limpo, Chácara da Aviação, Terras de São José e jardins Santo Antonio e Paraíso, mas os moradores ainda estão participando muito pouco do processo de elaboração.

E é fácil participar. Custa muito pouco tempo e nada em dinheiro. É só você ficar ligado, de olho no seu bairro, e sugerir notícias que seriam interessantes para a comunidade. E se você gosta de escrever, ou de tirar fotografia, ou ainda de desenhar, também pode. Este jornal é de todos os moradores da zona Oeste e todos devem participar. As idéias e as notícias podem ser entregues à Andreia Regiani (rua Canadá, 1450), ou à Rossiana Barbieri (rua Paraná, 591), ou ao Antonio Tavares Mariano (rua Perú, 686), para o Waldemir Cetrone (rua Venezuela, 1516) ou colocadas na urna de sugestões que fica na porta da igreja Senhor Bom Jesus. As reuniões do jornal são sempre aos domingos, na pracinha da igreja, e duram, no máximo, 15 minutos.

PARTICIPE!

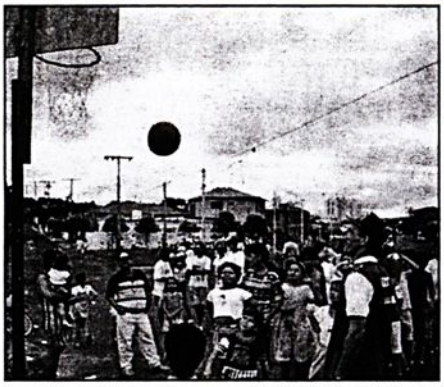


Tabela de basquete na avenida José Silva Mello

MANHÃ DE LAZER AGRADA JOVENS E CRIANÇAS

Os jovens do nosso setor disputaram os espaços em dezembro, para participarem dos times de volei e de futebol (de rua) durante a Manhã de Lazer realizada na avenida José Silva Mello. As quadras improvisadas no asfalto não ficaram vazias nem um minuto, embora o tempo estivesse instável. Os monitores da Secretaria Municipal de Esporte e Cultura acompanhavam e orientavam as crianças que optaram por jogar boliche e praticar arremessos de basquetebol. A satisfação das crianças, que correram o tempo todo para não perderem nenhuma atividade, mostrava e comprovava que a região Oeste de Votuporanga está carente de uma área de lazer. A Prefeitura precisa construir uma área de lazer, num lugar seguro com quadras poliesportivas, brinquedos e campo de malha para a confraternização da nossa comunidade nos finais de semana. Vamos nos organizar e reivindicar uma praça esportiva. Essa conquista depende da participação de cada um de nós.

SEMANA ANTIALCOÓLICA REÚNE VOLUNTÁRIOS DE 53 CIDADES, CLUBES DE SERVIÇO, LOJAS MAÇONICAS E ESTUDANTES DE VOTUPORANGA

A movimentação foi muito grande no nosso setor durante a semana de 21 a 26 de outubro, quando a Associação Antiacoólica de Votuporanga promoveu a 15ª Semana Antialcoólica. O trabalho de conscientização quanto aos malefícios do alcoolismo tem sido permanente em nossa cidade, e devemos reconhecer o valor de todos os voluntários da AAA. Gente que está sempre disposta a dar um pouco de seu tempo e de sua sabedoria a todos os que são dominados pelo vício. A comunidade da Vila América, das Paineiras, Jardim Paraíso, Jardim Santo Antonio e das Terras de São José cumprimenta o presidente da Antialcoólica, Dirceu Costa, por sua dedicação e pelo sucesso da 15ª edição da Semana Antialcoólica.

No primeiro dia do evento o Tenente Mário Bernardes falou sobre o tabagismo e suas consequências. Na terça Oswaldo de Jesus coordenou a discussão sobre as drogas e seus efeitos na sociedade, e na quarta-feira foi a vez do Dr. João Anísio, que discorreu sobre a progressividade da doença do alcoolismo. Na noite de quinta-feira o Juiz Paulo Sérgio Romero Vicente Rodrigues discorreu sobre a influência do vício em bebidas alcoólicas na família e na Justiça, e na sexta, recuperandos e o coordenador da Comunidade Nova Vida - Belizário Gomes Pena "Billy" - falaram sobre as dificuldades encontradas no trabalho de recuperação de viciados. A radialista Rose Ribeiro participou no sábado, último dia do evento. Estudantes e convidados de 52 cidades da região irmanaram-se em mais essa semana de luta contra o alcoolimo, ao lado das loja maçônicas e dos clubes de serviço de Votuporanga.

LIGUE-SE!

A ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DAS PAINEIRAS ESTÁ, PRATICAMENTE, SEM DIRETORIA. TEMOS NOVO PREFEITO E NOVOS VEREADORES E NINGUÉM ESTÁ SE REUNINDO PARA DISCUTIR AS PRIORIDADES DOS NOSSOS BAIRROS.

SE VOCÊ QUER PARTICIPAR DA COMISSÃO QUE VAI REORGANIZAR A ASSOCIAÇÃO PROCURE O WALDEMIR CETRONE. OU ESCREVA SEU NOME E ENDEREÇO NUM PAPEL E LEVE À RUA VENEZUELA, 1516, NA VILA AMÉRICA.

EXPEDIENTE

O Jornal Comunitário é produzido pelos moradores dos bairros Paineiras, Vila América, Jardim Paraiso, Terras de São José e Jardim Santo Antonio.

Tiragem: 2.000 exemplares
Jornalista Responsável:
Angelo Sottovia Aranha
Mtb 12.870

Digitação e Diagramação
Benedito A. Nunes
Fone 421-9663

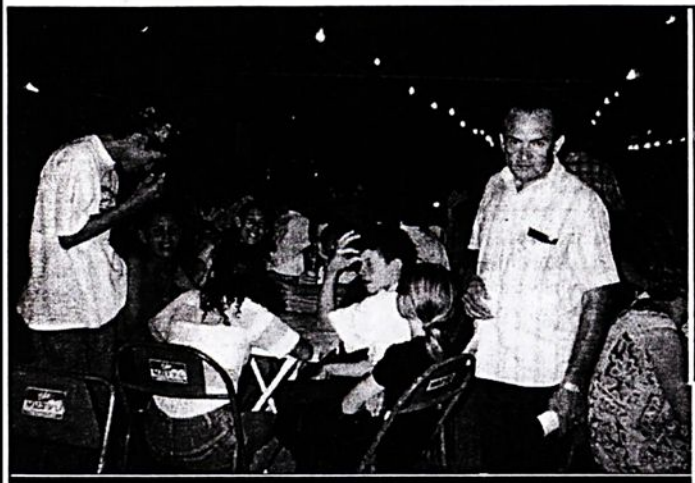
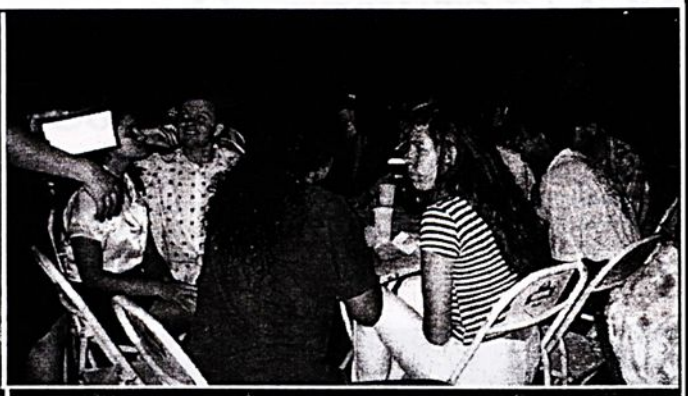
Impressão:
A CIDADE

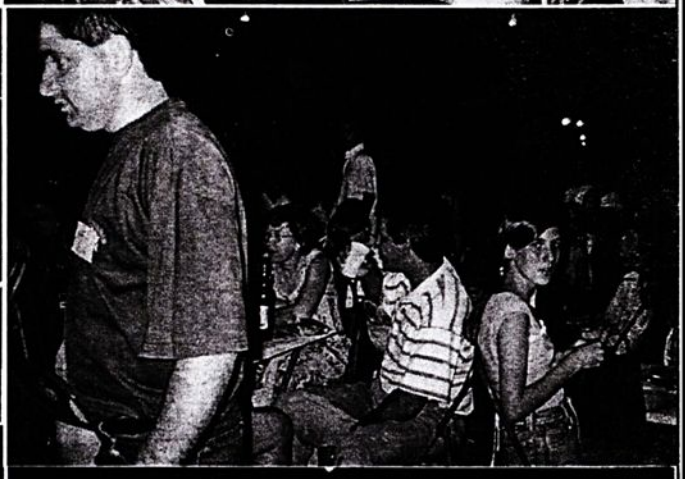
As correspondências devem ser enviadas para rua Venezuela, 1516 (casa do Waldemir), Vila América, Votuporanga.

RELOJOARIA A PEROLA
Máquinas Fotográficas, Rádios, Brinquedos, Semi-Jóias, Relógios das mais variadas marcas.
Osmir
Fone: (017) 421-1747
Rua Pe. Izidoro Cordeiro Paranhos, 953
V. América. Votuporanga

Funilaria e Pintura
SERTORO
Direção: Wagner José Sertoro
Rua Padre Paranhos, 1033 -
Fone 421-9898
Votuporanga - SP.

LOJAS AMERICANAS
A CADA DIA MAIS PRÓXIMA DA COMUNIDADE





SEIS NOITES DE FESTA

Em três finais de semana muito animados a Paróquia Senhor Bom Jesus promoveu quermesses. Nas mesmas datas os candidatos à Câmara e à Prefeitura fizeram comícios no nosso setor, e muita gente optou por participar da quermesse da Matriz, mas mesmo assim a comunidade prestigiou animada a nossa festa. A renda foi de R$ 3.237,93, segundo informações do padre Gilmar A. F. Margotto e do presidente do Conselho de Finanças da Paróquia, Anésio Marim.

FRETES
Caminhões 1513 e F-4000 semi novos
Para qualquer região do Brasil
Experiência e profissionalismo
José Luis Nunes
Fones: 421-1383

GOLFINHO
ESCOLA DE NATAÇÃO
VOTUPORANGA
Hidroginástica e Aulas especiais
Natação para bebes, crianças e adultos
Fone 421-4616
R. Padre Paranhos, 1094

AGROPET
Banho e Tosa
Fone: 421-5313
R. Pe. Paranhos, 1058

GARAGEM CÉLIO HONÓRIO VENCE O CAMPEONATO DA CFP



Os jogadores da Garagem Célio Honório - os campeões



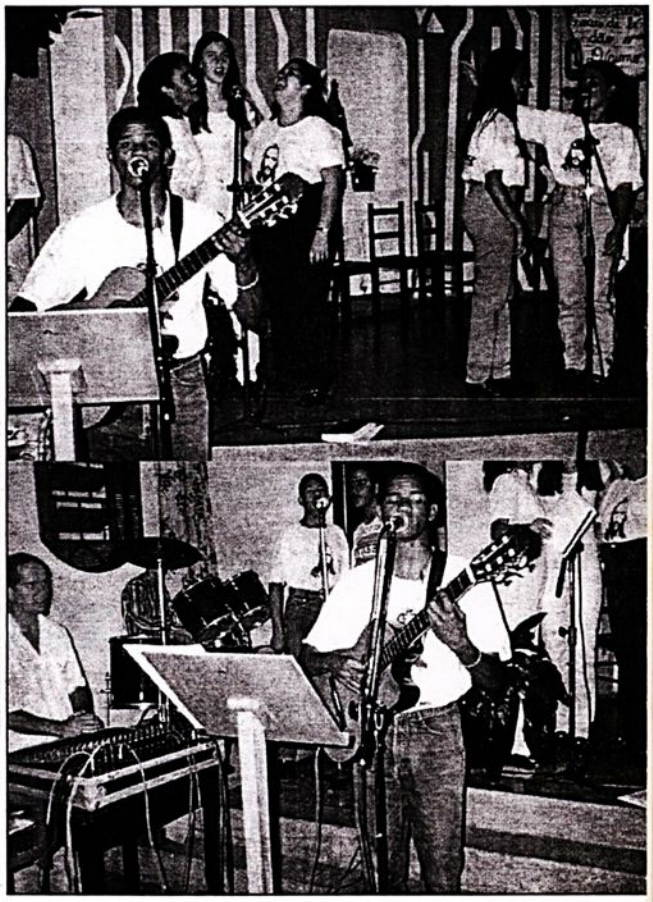
O Bragantino foi o vice-campeão. Com a camisa da TAM, o organizador - Nenezão

Jogando com Melo (1° gol), Quita (2° gol), Fernando, Maurício, Gustavo (depois Alemão), Fabiano (depois Guto), Juninho (depois Tadeu) e Luciano, o time da Garagem Célio Honório foi o campeão do primeiro campeonato da Confederação de Futebol Paineirense.

O Bragantino foi o segundo colocado, e jogou com Alexandre, Juninho, Chupeta, Luciano, Ozeias (autor do gol), Nêne, Levi, Bocão e Edson. O resultado da final foi 2x1.

CORAL JÁ CANTA HÁ TRÊS ANO

Antes da criação da Paróquia Senhor Bom Jesus, um grupo de jovens já coorc nava celebrações todos os domingos, às 10 horas, na igreja da Paineiras. Des então, ensaiavam semanalmente, com o cuidado de escolher as músicas de acor com os temas litúrgicos de cada mês. Estava surgindo a Equipe de Música Bc Pastor, que até hoje participa das missas da paróquia. Com seriedade, os cantor foram se aprimorando e definindo suas vozes, e conquistaram toda a comunida católica do setor Oeste da cidade.



Zé Carlos (violão), Andréia, Rosseane, Rosicler, Gisele, Mônica, Estevão, Ricard (bateria), Cristiano e Marciel

PADARIA paulista
PÃES QUENTES A TODA HORA
Rua Paraná, 1021 - V América
Telefone 421-4913

ARABIM
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
Tudo para sua construção
Rua Padre Izidoro Cordeiro Paranhos, 912
Fone 421-2177

CLASSIFICADOS

Vende-se
- Masseira industrial semi nova, Mar MOEMA, ótima para massas leves, médias pesadas (pães, bolos e confeitos).
Fone 421-3271.

Escort
Vende-se um Escort XR3 ano 87 completo. Ó mo estado - cor preta.
Fone 421-9898

JORNAL COMUNITÁRIO

4ª EDIÇÃO

Votuporanga, em meados de abril. Por meio dela, o vereador Giácomo Vitório Longo Roveri convidou, oficialmente, Waldemir e sua esposa Fátima, para participarem da sessão solene de entrega do título de "Cidadão Votuporanguense", ao Bispo Diocesano Dom José de Aquino Pereira. O evento aconteceria no dia 29 de abril e era extremamente importante para a sociedade local. Tendo vivido dezesseis anos em Votuporanga, sempre trabalhando como jornalista e convivendo com a classe dominante, este pesquisador pode afirmar, com toda certeza, que dezenas de colunáveis gostariam de estar no lugar de Waldemir e sua esposa, naquela noite de gala, no Teatro Municipal.

A valorização social da comunidade da Vila América começava a ser notada. Pela primeira vez, Waldemir e Fátima, representando os moradores do bairro, foram convidados a sentar-se, no palco do Teatro Municipal de Votuporanga, ao lado de personalidades, do Chefe do Executivo e da maior autoridade da igreja católica da região noroeste do Estado de São Paulo, Dom José de Aquino Pereira.

O casal, representante dos moradores da Vila América, naquele evento prestigiado por centenas de pessoas, participou da solenidade na mesma condição em que estavam os representantes dos órgãos da grande imprensa local.

Após esse acontecimento, numa conversa com o pároco da igreja da Vila América, no dia 10 de maio, Padre Gilmar questionou-me sobre a indicação de outro jornalista para a coordenação do "Jornal Comunitário". Em resposta, disse-lhe que não poderia indicar outro profissional. Dos três únicos jornalistas que não possuem jornais, na cidade, nenhum deles poderia ser indicado por este pesquisador, observei. Disse-lhe que os conhecia, há mais de dez anos, e que todos aceitariam coordenar o "Jornal Comunitário" se o jornal pudesse render um bom salário. Entretanto, essa condição inviabilizaria a proposta.

Embora este pesquisador tenha assumido o compromisso de viajar para Votuporanga, sempre que as reuniões fossem de fechamento das edições,

unesp

oportunidades em que faria o trabalho de secretário de redação, até o final de janeiro de 1998 não fui procurado para colaborar no fechamento da quinta edição.

Sugeri, então, que o padre estimulasse os moradores a prosseguirem as reuniões, para a eleição dos assuntos a serem noticiados, e os encorajasse a redigir as matérias. Seria necessário, também, convencer um contato publicitário experiente a comercializar os espaços para anúncios, em troca de uma pequena comissão. Padre Gilmar compreendeu a proposta, no entanto, considerou muito difícil sua concretização. Na sua opinião, a escolaridade média dos moradores do bairro era insuficiente para que eles tomassem a iniciativa de escrever, mas afirmou que tentaria convencer os coordenadores de setores a conversarem com os paroquianos.

Por outro lado, o senhor Paulino de Souza Reis, residente na rua Rio de Janeiro, e Waldemir Cetrone, telefonaram de Votuporanga para minha residência, em Bauru, convidando-me para reuniões de moradores na escola estadual "Clary Brandão Bertoncini". Dona Dalva Ferreira Lopes, residente na Vila América, também procurou este pesquisador, por telefone. Estava interessada em montar uma rádio comunitária e necessitava das informações básicas. Giácomo Longo Roveri, morador da rua Paraíba e vereador, contactou-me em mais duas oportunidades, para convidar este pesquisador a participar de reuniões da nova entidade representativa dos moradores da Vila América.

O "Jornal Comunitário" deixou de circular no momento em que os moradores da Vila América começavam a perceber sua importância, no contexto sócio-político de Votuporanga. Quando a comunidade começava a contar com a publicação.

Contudo, as quatro edições distribuídas colaboraram para a articulação da "Associação dos Moradores dos Bairros Chácara das Paineiras, Jardim Terras de São José, Jardim Paraíso, Jardim Santo Antonio e Chácara Ferrari". Todos esses bairros, citados na denominação da nova entidade, são subdivisões da região oeste.

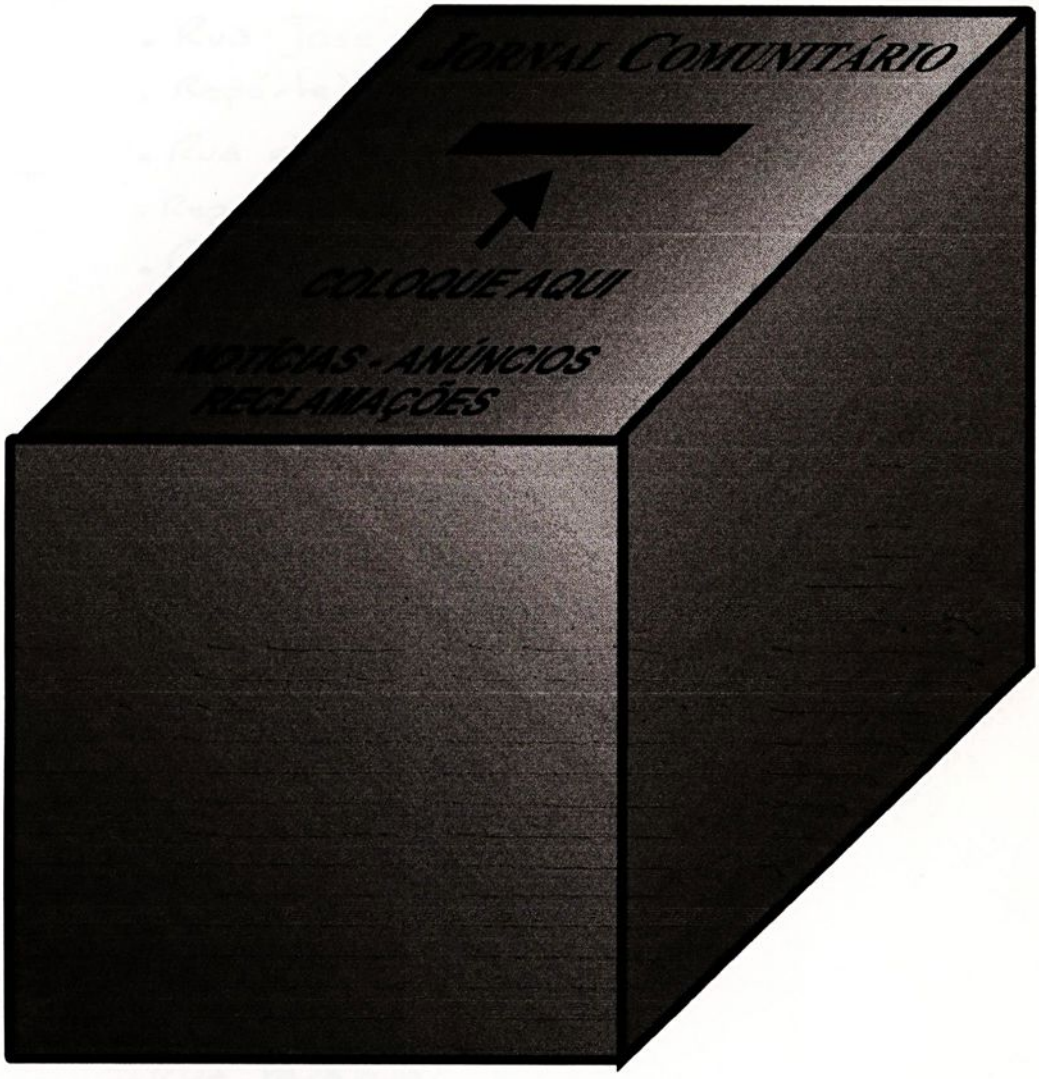
unesp

Não passam de designações que, na prática, só constam nos mapas, para caracterizarem os diversos trechos que compõem a Vila América.

A Associação dos Moradores foi fundada, oficialmente, no dia 15 de abril de 1997. A ata de fundação foi registrada, no Primeiro Cartório de Notas de Votuporanga (autenticação nº 353455), em primeiro de agosto do mesmo ano. Sua diretoria provisória tem como presidente o taxista Paulino Souza dos Reis. O vice-presidente é o serralheiro, e policial militar, Carlos Roberto Escabim Bandeira. João Ribeiro dos Santos foi eleito para a primeira secretaria, Aparecido Machado de Oliveira é o segundo secretário e Estevom Bezerra Evangelista, o tesoureiro.

unesp

ILUSTRAÇÃO 07



Modelo da "**Urna**" do Jornal Comunitário
colocada no hall de entrada da Igreja do Senhor Bom Jesus,
para receber sugestões dos moradores

Nº 742
BIBLIOTECA - UNESP

ILUSTRAÇÃO 08

MODELO DE FICHA DE INSCRIÇÃO

Jornal Comunitário

• Equipe de reportagem

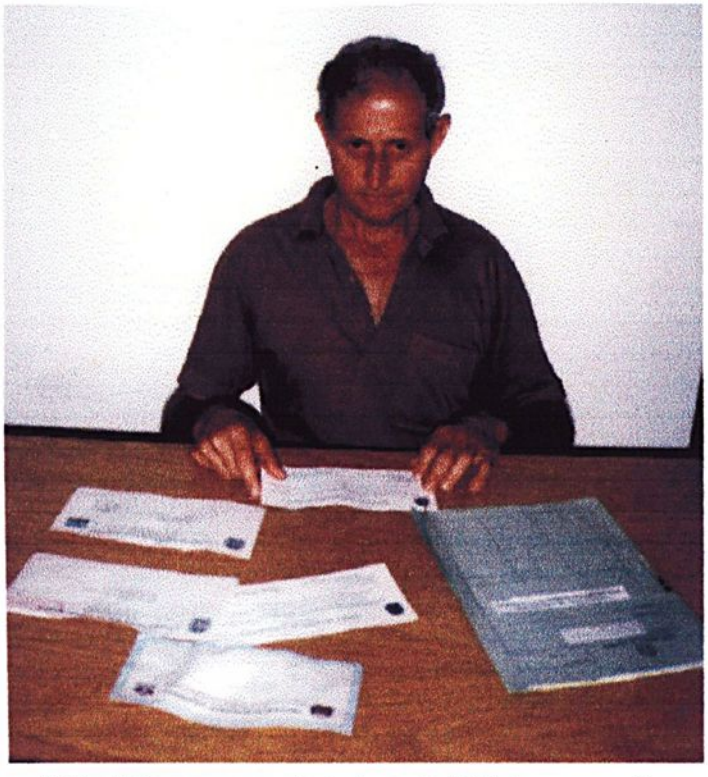
. Rua José Commar
. Repórter:
. Rua dos Eucaliptos
. Repórter:
. Rua das Aroeiras
. Repórter:
. Rua das Paineiras
. Repórter:
. Rua dos Ypes
. Repórter:
. Travessa Aeroporto
. Repórter:
. Rua Santos Dumont
. Repórter:
. Rua Canadá
. Repórter:
. Rua Chile
. Repórter:
. Rua Paraguai
. Repórter:
. Rua Theodor Wille
. Repórter:
. Rua Colombia
. Repórter:

. Observação: Escrever o nome e o número da reportagem

ILUSTRAÇÃO 09



Reunião da Associação dos Moradores, presidida por Paulino S. Reis (centro) Foto Angelo Sotovia Aranha



Waldemir Cetrone, responsável pela continuidade do processo. Foto Angelo Sottovia Aranha

CONCLUSÃO

Pode parecer estranho alguém depositar tanta esperança no jornalismo comunitário. Sobretudo num tempo em que os meios de comunicação de massa (MCM) investem fortunas em campanhas, na tentativa de impedir a legalização das rádios comunitárias. A falta de compromisso dos MCM com a comunicação efetiva é flagrante. A insolência da chamada *midia* tem sido tão patente e premeditada, pelas grandes corporações, que, inadvertidamente, despreza-se a ética. As campanhas citadas acima, por exemplo, empregam sofismas, apelam para falácias em nome do monopólio das comunicações e em defesa do controle da informação oferecida ao público. Diante desse quadro arraigado e indisfarçável, como acreditar em um jornalismo ético e democrático? Agora globalizados, os interesses de mercado ganham ainda mais crédito, em detrimento da cultura e da democratização do conhecimento.

Na visão deste pesquisador, a extensão dos benefícios decorrentes do conhecimento, à sociedade inteira, independe de planos econômicos. Os números de receptores de rádio ou TV à disposição de cada cidadão, de assinaturas de jornais ou revistas e de conexões com a INTERNET não podem ser índices de maior, ou menor

unesp

democratização da informação. Socializa-se o conhecimento quando se consegue completar processos de comunicação, quando o cidadão-receptor é capaz de apreender o significado verdadeiro da informação e tem condições de valorá-la.

Esta pesquisa é o resultado dessa preocupação, da minha vontade de ver as pessoas, bem informadas, e não iludidas, escolherem suas próprias diretrizes. Para colocá-la em prática, passei a observar mais atentamente o universo da pesquisa, a Vila América, e os relacionamentos entre seus habitantes. Mas como planejar uma ação de caráter social com essa proposta? A pesquisa bibliográfica fundamentou todas as técnicas de comunicação na pesquisa de campo, mas foi Michel Thiollent, com os subsídios teóricos de sua metodologia, quem iluminou esta pesquisa-ação.

As ações investigadas, no processo de criação do jornal impresso, envolveram produção e circulação de informação, elucidação e tomada de decisões. Durante todas as atividades, foram muitos meus momentos de satisfação.Os participantes demonstraram conhecer seus problemas e as condições em que vivem, mostraram que têm sua educação e que dominam raciocínios abstratos. Os próprios moradores pautaram as quatro edições do "Jornal Comunitário", por meio de deliberações norteadas pelos interesses da comunidade como um todo. Eles foram os atores principais desta pesquisa-ação. Este pesquisador procurou exercer papéis auxiliares, de coordenador e, essencialmente, de animador.

Pude observar mudanças de comportamento surpreendentes, após a publicação de cada edição. As pessoas demonstraram crescente interesse pelo jornalismo comunitário. Os professores e diretores, das duas escolas da Vila América, emocionavam-se, ao receber o jornal, e me incentivavam para que a iniciativa tivesse continuidade. As pessoas envolvidas com os políticos locais, pretensos candidatos, passaram a me tratar com reserva, quando comecei a participar das reuniões com os

unesp

moradores. No entanto, procuraram aproximar-se depois de certificarem-se, ao analisar a primeira edição, que o "Jornal Comunitário" não fazia campanha para partido nenhum. A Câmara Municipal registrou em ata, no dia 24 de junho de 1996, o lançamento do "Jornal Comunitário".

No campo esportivo, as mudanças foram muito significativas para a comunidade. Anteriormente à circulação do jornal, ocorria apenas um jogo de futebol amador por final de semana, no mini-campo do bairro. Iniciada a cobertura jornalística, passaram a ser organizados torneios e novos times. Posteriormente, surgiram as equipes de futebol feminino. Em geral, as meninas jogavam nas partidas preliminares, novidade que passou a atrair mais torcedores. Até então, não haviam as preliminares, tampouco mulheres jogando futebol.

Formaram-se equipes de voleibol feminino e organizou-se o primeiro campeonato de futebol mini-campo na Vila América, certame que envolveu sessenta e quatro jogadores, durante nove semanas. Para essa competição, todos os atletas foram cadastrados, as equipes compraram uniformes e chuteiras. Surgiram torcidas organizadas e houve premiação; receberam troféus e medalhas até os melhores artilheiros e goleiros menos vazados.

Os comerciantes, inclusive os que nunca patrocinaram o "Jornal Comunitário", passaram a sugerir notícias, a partir da segunda publicação. O retorno, para os anunciantes, também foi perceptível. As entidades assistenciais preocuparam-se em manifestar seu reconhecimento, pelo caráter comunitário do jornal. A Prefeitura Municipal, por sua vez, voltou a atenção para a Vila América, imediatamente após denúncia divulgada na primeira edição. As pessoas, principalmente as mais jovens, passaram a me cumprimentar sempre que me viam pelas ruas do bairro. Muitos pediam que os fotografasse, afirmando que queriam ser vistos no jornal.

unesp

Entre as inúmeras reações da comunidade, uma destacou-se pela relevância: a triplicação do número de participantes da festa junina do bairro, após convite veiculado pelo "Jornal Comunitário". Por outro lado, as autoridades constituídas passaram a corresponder-se com o jornal, o que denota o reconhecimento do tablóide dos moradores da Vila América.

Contudo, como apoteose ao "Jornal Comunitário", outro acontecimento foi marcante: a fundação da associação de moradores, no dia 15 de abril de 1997. Ao longo de sete meses, o tema "associação de moradores" esteve entre os assuntos discutidos nas reuniões de pauta do jornal. As discussões não foram em vão e, como pesquisador, vi como um prêmio essa conquista da comunidade da Vila América.

Embora o jornalismo comunitário tenha empolgado os moradores, a quinta edição não chegou a ser editada. Essa constatação, no entanto, não invalida a conclusão de que o jornal comunitário é um instrumento eficiente, no processo de recuperação da sociabilidade, desde que alguns indivíduos da comunidade contem com o repertório mínimo, necessário para a coordenação das etapas de produção .

As experiências vivenciadas confirmaram a hipótese inicial desta pesquisa: a prática do jornalismo comunitário pode levar o homem contemporâneo a transgredir sua percepção equivocada, que empobrece sua visão, no que diz respeito à vida em sociedade.

unesp

BIBLIOGRAFIA

AGOSTI, Héctor P. **Ideologia e Cultura**. Lisboa: Livros Horizonte LDA,1984.

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons. A nova cultura oral.** São Paulo, Cortez, 1994.

AMADO, Giles e André GUITTET. **A Dinâmica da Comunicação nos Grupos**. Tradução de Libraire Armand Colin. Rio de Janeiro, Sahar Editores, 1978.

BELTRÃO, Luis. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre, Sulina, 1980.

BLIKSTEIN, Isidoro. **Técnicas de Comunicação Escrita**. São Paulo, Ática, 1985.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens. Introdução a comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. Petrópolis, Vozes, 1986.

BOSI, Alfredo. "Cultura brasileira e culturas brasileiras" In: **Dialética da Colonização.** São Paulo, Cia. das Letras, 1992. p. 308-46.

BOSI, Ecléia. "Cultura de Massa e Cultura Popular - leituras operárias" In: CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa sem Massa**. São Paulo, Summus, 1986. p. 53-83.

unesp

BUENO, Márcio. A Imprensa Alternativa ontem e hoje. In: MELLO, Ana Maria (org). **Vinte Anos de Resistência.** Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1986.

CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de Massa sem Massa**. São Paulo, Cortez, 1982.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo: Buscas Práticas para uma Teoria da Ação Jornalística**. São Paulo, Summus, 1994.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa Alternativa: Jornalismo de Oposição e Inovação.** São Paulo, Ática, 1995.

DAVIS, Flora. **Comunicação Não-Verbal** . Flora Davis; tradução de Antonio Dimas. São Paulo, Summus, 1979.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O Cidadão de Papel**. São Paulo, Ática, 1994.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal: Uma Releitura**. São Paulo, Summus, 1986.

FERNANDES,F. (org.) **Comunidade e Sociedade.** São Paulo, Nacional, 1973, p.143.

FESTA, Regina & Lins da Silva, Carlos Eduardo (0rg). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil.** São Paulo, Paulinas, 1986.

GARCIA, Luiz. **O Globo: Manual de Redação e Estilo**. Rio de Janeiro, Globo, 1993.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio, Paz e Terra, p.66.

KOPPLIN, Elisa. **Assessoria de Imprensa: teoria e prática** / Elisa Koplin e Luiz Artur Ferrareto. Porto Alegre, Sagra: DC Luzzatto, 1996.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem.** São Paulo, Ática, 1989.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários. A Imprensa Alternativa no Brasil**. São Paulo, Scrita, 1991.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Petrópolis, Vozes, 1979.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. **Desenvolvimento e Mudança Social**. São Paulo, Nacional, 1980.

MAGALHÃES, Manuel Vilela de. **Produção e Difusão da Notícia**. São Paulo, Atlas, 1979.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem Manipula Quem**. Petrópolis, Vozes, 1979.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

MARCONDES FILHO, Ciro. **Jornalismo Fin-de-Siècle**. São Paulo, Página Aberta, 1993.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista, o diálogo possível.** São Paulo, Ática, 1990.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um Produto à Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. São Paulo, Summus, 1988.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: Responsabilidade Social**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.

MELO, José Marques de. **Comunicação e Modernidade: O Ensino e a Pesquisa nas Escolas de Comunicação**. São Paulo, Loyola, 1991.

MELO, José Marques de. **Para uma Leitura Crítica da Comunicação**. São Paulo, Paulinas, 1985.

MELO, Maria Amélia. **20 Anos de Resistência. Alternativas da Cultura no Regime Militar**. São Paulo, Espaço e Tempo, 1986.

MUYLAERT, Roberto. **Marketing Cultural & Comunicação Dirigida.** São Paulo, Globo, 1994

ORTIZ, Renato. "Do popular-nacional ao internacional-popular?" In: **A moderna tradição brasileira.** 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994. p.182-206.

PIZZI, Jovino. **Ética do Discurso: A Racionalidade Ético-comunicativa**. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem : Notas sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo, Summus, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil** . Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 1994

VIGIL, José Ignacio López. **A Entrevista Coletiva**. Tradução e Adaptação: Cleyde Afonso, Gilda Vieira, Maria Nakano e Eliane da Silva Ramalho. São Paulo, Edições Paulinas, 1987.

ANEXOS

1. Ata de Fundação da Associação dos Moradores dos Bairros: Chácara das Paineiras, Jardim Terras de São José, Jardim Paraíso, Jardim Santo Antonio e Chácara Ferrari (setores que compõem a Vila América).

2. Jornal diário **"A Cidade"**, edição de 26 de junho de 1996.

Ata de Fundação da Associação dos Moradores dos Bairros: Chácara das Paineiras, Jardim Terras de São José, Jardim Paraiso, Jardim Santo Antonio e Chácara Ferrari.,,,

Artigo 2º .A Associação dos Moradores tem Caráter iminentemente social e apolítico, sem distinção de credo religioso, sexo , cor, raça , ou trabalho e terá sede e foro e administração na cidade onde se situa .,,,,,,,,,,

Artigo 3º . O prazo de duração da Associação é indeterminada e o seu ano social coincide com o ano civil. ,,

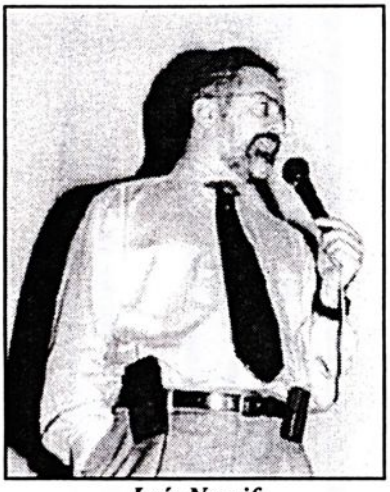
Artigo 4º . O patrimonio da Associação dos Moradores é distinto de seus Associados, que não respondem solidária e subsidiariamente por seus encargos .. ---- Aprovada a FUNDAÇÃO; Constituição, DENOMINAÇÃO e Foro,aDiretoria Provisória , marcou data para convocação de Assembleia Geral que será realizada no próximo dia dezessete (17)de Maio, as quinze horas(15) nas dependencias da E.E.P.G. Profª Cleary Brandão Bertoncini, sito à Rua Rio Grande nº157, Bairro Chácara das Paineiras, Votuporanga, para deliberar sobre:

1º) Aprovação dos estatuto da Associação.---2º)Eleição da Diretoria Permanente.---3º)Assuntos de interesse geral.----E para que todos os munícipes tomem conhecimento se fará publicar na Imprensa local. ,,,,,,,,,,,,,,,

Eu João Ribeiro dos Santos lavrei a presente Ata de Fundação e assino com o Presidente e demais Membros da Diretoria Provisória .,,,,,,,,,,,,,,,,,,,

Luís Nassif fala a empresários

Cento e quarenta empresários de Votuporanga participaram ontem de palestra do jornalista e comentarista econômico Luís Nassif, no Cine Votuporanga. Nassif veio a convite da Associação Comercial e Sebrae e teceu principalmente comentários sobre os erros e acertos do Plano Real, e sobre oportunidades de investimentos.



Luís Nassif

Votuporanga com a mort

A população de Votuporanga ficou consternada com o falecimento na noite de terça-feira do presidente do Conselho Deliberativo do Assary Clube de Campo, Antonio Edson Anoni, em decorrência dos ferimentos recebidos em acidente automobilistico no final de abril. Anoni foi sepultado ontem às 12h30 no Cemitério Municipal com grande acompanhamento.

Veja na última página.

Saev vai acabar com poluição no Córrego Boa Vista



O esgoto dos bairros Vila América, Paineiras, Vila Guerche, parte do San Remo e outros bairros próximos, que hoje é lançado no Córrego Boa Vista será afastado. A Saev vai realizar obra para reduzir os quatro pontos de lançamento de esgoto para apenas um e fará com que a rede atravesse a rodovia Péricles Belini.

Detalhes na página 3

Votuporang feira-livr

Uma experiência que está dando certo em Rio Preto e Andradina será discutida na próxima segunda-feira entre feirantes, prefeitura e Cesp. É a feira-livre de hortifrutigranjeiros noturna. Os feirantes reclamam que ao colocarem seus produtos nas barracas de manhã até o meio-dia, eles se deterioram mais rapidamente por causa da alta temperatura. À noite os alimentos se conservariam mais frescos evitando prejuizos aos feirantes e facilitando as compras dos consumidores.

O secretário municipal de Indústria, Comércio e Agricultura,

unesp

Silvio destaca despoluição do córrego Boa Vista

Sete vereadores usaram a tribuna da Câmara, para discutir os assuntos mais diversos, na parte da palavra livre no expediente. Silvio Carvalho, se referindo à reportagem publicada na edição da última quinta-feira por A CIDADE, sobre o trabalho da SAEV quanto a despoluição do córrego Boa Vista, disse que "é uma boa notícia". Ele elogiou a autarquia e destacou que "a despoluição era reivindicação daquele setor cortado pelo córrego".

Silvio agradeceu ainda a Secretaria de Obras por uma série de providências adotadas nas Paineiras, "que facilitou o acesso de veículos à festa junina promovida pela escola". E destacou a circulação do "Jornal Comunitário", editado por Angelo Aranha, que veio para divulgar o setor noroeste de Votuporanga.

Paulo Amaral fez relatório de suas atividades durante a semana. Mehde Meidão Kanso defendeu a instalação de um PAS no Jardim Planalto, para atender àquele setor e adjacências e destacou a colocação de linha de tubos no Jardim Planalto, "que vai permitir o fim das erosões provocadas pelas chuvas".

Osvair Feltrin anunciou que o Centro Comunitário das Jaboticabeiras será transformado num núcleo de atendimento à menores, de 7 a 12 anos de idade. Segundo ele, "o projeto vem sendo desenvolvido pela Secretaria do Bem-Estar Social", além de comentar indicações.

Ewerton Kleber Teixeira Nunes destacou a rejeição de uma emenda no Congresso Nacional, que previa a liberação da maconha no país. No dia 11 de março ele havia encaminhado expediente ao Congresso, demonstrando preocupação com a matéria. "Felizmente nossos congressistas rejeitaram a emenda, no que foi uma vitória da sociedade".

AGENDA

Hoje é quarta-feira, dia 26 de junho de 1.996. Estamos na 26ª semana do ano. A lua está na fase Nova.

- Dia de Madagascar
- Dia da Somália
- Dia Internacional do Combate às Drogas
- Há um ano, o presidente do Egito, Hosni Mubarak, sofria em Adis Abeba, um atentado a tiros; escapou ileso, mas morreram dois seguranças e dois terroristas.
- Há 130 anos nascia o arqueólogo George R. Carnavon, descobridor do túmulo de Tutankamon. Morreu em 6 de abril de 1923 em conseqüência da picada de um mosquito, sua

Reuniões

- Lions Clube de Votuporanga

15h30: Reunião

- Rotary Clube 8 de Agosto

20h00: Reunião

Palestras Espíritas

- Sociedade Espírita Emmanuel

16h00: Passe de tratamento

20h00: Palestra com passe

Cultos Evangélicos



Silvio Carvalho de Souza: "despoluição é uma boa notícia"

0810000742